UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

PAULA BAUAB JORGE

O clítico *se* no português brasileiro

Versão corrigida

São Paulo

2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

O clítico *se* no português brasileiro

Paula Bauab Jorge

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Prof^{ta} Dr^a. Esmeralda Vailati Negrão

De acordo:

Versão corrigida

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Serviço de Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

J82c   Jorge, Paula Bauab
                  O clítico se no português brasileiro / Paula Bauab
Jorge ; orientadora Esmeralda Vailati Negrão. - São
Paulo, 2016.
                  145 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Linguística. Área de
concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. clítico se. 2. português brasileiro. 3. voz
média. I. Negrão, Esmeralda Vailati, orient. II.
Título.

Nome: JORGE, Paula Bauab

Título: O clítico *se* no português brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Esmeralda Vailati Negrão (presidente)

Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a Dr^a Maria José Gnatta Dalcuche Foltran

Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Paraná

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a Dr^a Evani de Carvalho Viotti

Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*Aos meus pais,
com amor e gratidão*

Agradecimentos

À CAPES, agradeço pelo apoio financeiro durante a realização desta pesquisa.

Aos funcionários do Departamento de Linguística, Denise, Érica e Robson, agradeço por toda a ajuda com as questões burocráticas.

Aos queridos colegas de departamento, agradeço pelas informações compartilhadas, pelas discussões e pela amizade. Vocês tornaram essa jornada mais rica, e também mais prazerosa. À Livia Oushiro, agradeço pelo auxílio na etapa de extração dos dados e, à Janayna Carvalho, agradeço por me ajudar a interpretar os dados.

Às Prof^{as} Dr^{as} Ana Paula Scher e Evani Viotti, agradeço pelas sugestões e comentários durante o exame de qualificação, que me possibilitaram ter um novo olhar sobre o tema.

Aos meus familiares e amigos, agradeço pela torcida e por entenderem que minha ausência não significa falta de amor.

À minha irmã, agradeço por ser aquela com quem eu posso contar, sempre.

Aos meus pais, agradeço pelo apoio constante, por serem meu porto seguro e por me incentivarem sempre a buscar mais conhecimento.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Esmeralda Vailati Negrão, agradeço pelo entusiasmo com a pesquisa, por estar sempre disposta a discutir análises e dados e por compartilhar comigo seu vasto conhecimento. Agradeço também por me ensinar a confiar nos dados, e não nas teorias, e por me inspirar nesse caminho da ciência.

Resumo

JORGE, P. B. **O clítico *se* no português brasileiro**. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

O presente trabalho tem como objetivo investigar o uso do clítico *se* nas construções do português brasileiro, a partir de dados da modalidade oral. Tendo em vista que esse clítico está associado a uma diversidade de significados, buscamos identificar em quais tipos de construções ele é empregado e como ele contribui para a interpretação das sentenças em que aparece. Para isso, recorremos a dois *corpora* de língua oral: (i) C-ORAL-BRASIL e (ii) Projeto SP2010: Amostra da fala paulistana. O primeiro reflete a fala mineira, ao passo que o segundo retrata a produção de falantes paulistanos. Os dados foram tratados pelo viés da Gramática Cognitiva, uma vez que essa perspectiva teórica possibilitou-nos olhar para fatores relevantes para o entendimento da voz média. A proposta de Langacker (2008) acerca dos diferentes tipos de construções, assim como a de Maldonado (2006) no que concerne à elaboração da força indutora do evento, serviu de base para a análise das sentenças que se encontram em uma zona intermediária entre construções impessoais, de um lado, e construções absolutas, de outro. Dentro desse contínuo, a elaboração da força indutora se dá em graus variados. Nas sentenças impessoais, o clítico introduz no evento uma força indutora que, embora seja humana, é genérica ou arbitrária. Nas sentenças médias de proeminência terminal, o *se* representa uma força indutora externa ainda mais esquemática, o que faz com que o foco da sentença recaia sobre a porção final do evento. Além disso, há os casos em que a força indutora é ainda menos elaborada, remetendo a uma energia mínima, próxima das construções absolutas. Estas não envolvem a conceitualização de uma força indutora. Para entender o contínuo reflexivo-médio, partimos dos trabalhos de Kemmer (1993, 1994), que ressalta fatores como a distinguibilidade dos participantes e a prototipicidade da ação, e de Maldonado (2006), que destaca o grau de controle exercido pelo sujeito. Enquanto as construções reflexivas envolvem maior distinguibilidade na conceitualização das facetas do participante e maior controle por parte deste, as médias refletem uma conceitualização indistinguível do participante e, em diversos casos, menor grau de controle. Além disso, a proposta acerca do experienciador médio (Maldonado, 2006) mostra que o clítico tem relação

com o nível de envolvimento do participante no evento. Com base nas análises desenvolvidas dentro desse quadro teórico, bem como nas evidências empíricas fornecidas pelos *corpora*, defendemos que o clítico está associado a um processo de energização do evento (Maldonado, 2006), seja conferindo a introdução de uma força indutora, seja indicando maior envolvimento do participante. Com este estudo, pretendemos contribuir para o entendimento do papel do clítico *se* no português brasileiro e sua relação com a conceitualização de eventos.

Palavras-chave: clítico *se*, português brasileiro, voz média, conceitualização de eventos, Gramática Cognitiva

Abstract

JORGE, P. B. **Clitic *se* constructions in Brazilian Portuguese.** 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

The present study aims at investigating the use of clitic *se* in Brazilian Portuguese constructions, by means of empirical analysis. Considering this clitic is associated with a variety of meanings, this research has tried to identify in what types of constructions it is used and how it contributes to the interpretation of the sentences. In order to accomplish this goal, two oral language *corpora* were examined: (i) C-ORAL-BRASIL and (ii) Projeto SP2010. The first one reflects the dialect spoken in Minas Gerais, and the second portrays the dialect spoken in the city of São Paulo. Data were treated according to Cognitive Grammar's perspective, since this theoretical approach has pointed out some aspects that proved to be relevant for the understanding of the middle voice. Langacker's (2008) proposal about the different types of constructions, as well as Maldonado's (2006) thesis concerning the elaboration of the inductive force of the event, was taken as a starting point for the analysis of the sentences located in an intermediate zone between impersonal constructions, on one side, and absolute constructions, on the other side. Within this zone, the inductive force can be elaborated in different degrees. In impersonal constructions, clitic *se* introduces a human force that has a generic or arbitrary interpretation. In middle sentences that exhibit prominence in the final part of the event, the clitic represents an external and highly schematic inductive force – it is precisely this schematization that causes the effect of final prominence. Furthermore, there are cases in which the inductive force has an even lower level of elaboration. In such cases, the clitic makes reference to a minimal level of energy, one that is closer to absolute constructions (in which no inductive force is conceptualized). In order to understand the reflexive-middle continuum, we departed from Kemmer's study (1993, 1994) – which emphasizes aspects such as the relative distinguishability of participants and the expectation that initiator and endpoint have the same identity – and Maldonado's work (2006), which highlights the degree to which the participant controls the event. While reflexive constructions involve greater distinguishability in the conceptualization of the participant and greater control exerted by him/her, middle constructions reflect that the

participant is being conceived as a unitary entity and that, in many cases, this participant does not exert as much control over the event. Besides, Maldonado's (2006) proposal regarding the 'middle' experiencer shows that the clitic is related to the degree the participant is involved in the event. Based on the analyses developed within this theoretical frame and on empirical evidence, we defend that the clitic is associated with a process of *energization* of the event (Maldonado, 2006). This is accomplished either by introducing an inductive force or by indicating a greater involvement of the participant in the event. In this study, we intend to contribute to the understanding of the role played by clitic *se* in Brazilian Portuguese constructions and its relationship with event conceptualization.

Keywords: clitic *se*, Brazilian Portuguese, middle voice, event conceptualization, Cognitive Grammar

Sumário

INTRODUÇÃO	12
Breve nota sobre a terminologia adotada	14
Organização do texto	15
 CAPÍTULO 1: Situando o tema na literatura: análises, problemas e perspectiva teórica	 17
1.1 Perspectiva da Gramática Gerativa	17
1.1.1 A proposta de Burzio (1986)	17
1.1.2 Outros estudos sobre o tema	21
1.1.3 Problemas e aspectos não contemplados em análises formalistas	23
1.2 Perspectiva da Gramática Cognitiva	25
1.2.1 Hopper e Thompson (1980) e a noção de transitividade	25
1.2.2 A proposta de Kemmer (1994) para os domínios médio e reflexivo	27
 CAPÍTULO 2: Metodologia e extração dos dados	 32
2.1 Os <i>corpora</i>	32
2.1.1 O dialeto mineiro: C-ORAL-BRASIL	32
2.1.2 O dialeto paulistano: Projeto SP2010 – Amostra da fala paulistana	33
2.2 A extração dos dados	33
 CAPÍTULO 3: Entre impessoais e absolutas	 37
3.1 Os tipos de construções e a voz média	37
3.1.1 A proposta de Langacker (2008)	37
3.1.2 Maldonado (2006) e o nível de esquematicidade da força indutora	42
3.2 Descrição e análise dos dados	51
3.2.1 As construções impessoais	51
3.2.2 As construções médias com proeminência terminal	62
3.2.3 Construções com baixo nível energético	72
3.2.3.1 Um caso curioso: o clítico <i>se</i> em construções com o verbo <i>ter</i> e em construções que expressam condições meteorológicas	75
 CAPÍTULO 4: Entre reflexivas e médias	 79
4.1 Propostas acerca do contínuo reflexivo-médio	79
4.1.1 Kemmer (1994): distinguibilidade dos participantes e prototipicidade da ação	79
4.1.2 Maldonado (2006) e o papel do experienciador	81
4.1.2.1 Casos de redução de transitividade	86
4.1.2.2 O caso dos inerentes	90
4.2 Descrição e análise dos dados	91
4.2.1 Construções reflexivas	91
4.2.2 Construções médias de ação corporal	97

4.2.3	Construções médias com menor nível de controle	115
4.2.3.1	Eventos de reação emocional e outros associados	115
4.2.3.2	Outras construções médias	123
4.2.4	Construções recíprocas e de ações coletivas	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS		137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		140

Introdução

Muito se discute na literatura acerca da perda do clítico *se* no português brasileiro (doravante PB). Tal perda, a princípio mais facilmente observada com o *se passivo*, teria afetado também outros tipos de clítico – a exemplo do *ergativo*, *inerente*, *reflexivo*, etc. – e estaria associada, de forma mais abrangente, à perda de pronomes átonos no PB. Em face dessa discussão, pretendeu-se verificar, neste trabalho, se o clítico ainda aparece na fala dos brasileiros e, em caso afirmativo, quais características ele exibiria e quais funções estaria desempenhando nas construções em que é empregado. Para tanto, recorreremos a dois *corpora* de língua oral, que retratam dois dialetos distintos: o mineiro e o paulistano. Após o levantamento dos dados, buscamos analisar os tipos de construções em que o clítico aparece e como ele contribui para a interpretação das sentenças ao ser combinado com os outros componentes ali presentes.

Existe uma multiplicidade de significados à qual o clítico *se* está associado. Dentre as funções mais comumente relacionadas a esse elemento, podemos citar algumas: ele pode ser utilizado como um marcador reflexivo, indicando que iniciador e alvo do evento referem-se à mesma entidade; pode indicar reciprocidade; pode se referir a um sujeito indeterminado ou genérico; pode representar a não atribuição de papel temático ao argumento externo; entre outras. O fato de que esse elemento possa figurar em construções tão diferentes e tomar referências tão distintas nas sentenças em que aparece suscita uma série de questionamentos acerca de seu estatuto e de seu papel, principalmente quando se considera que outras línguas românicas fazem uso de uma partícula semelhante em contextos similares.

Como ponto de partida para um maior entendimento do tema, buscamos suporte em textos clássicos da Teoria Gerativa, como o de Burzio (1986), que, ao propor uma análise sobre o clítico *si* do italiano, traz luzes para fenômenos similares observados no PB. Outros estudos dentro desse enquadramento teórico – como os de Whitaker-Franchi (1989), Nunes (1990), Chagas de Souza (2000), Cavalcante (2006) e Bittencourt (2009) – também foram tomados como referencial. Apesar de apresentarem focos e recortes relativamente distintos, os autores tratam dos diferentes tipos de *ses* do PB, de modo que seus estudos contribuíram para a visão global do tema.

Contudo, parecem escapar a tais análises certos aspectos semânticos que, além de tornarem esse fenômeno ainda mais interessante, podem ajudar a elucidar o papel

desempenhado pelo clítico nas sentenças. Essas questões são discutidas por Kemmer (1993, 1994) e Maldonado (2006, 2009), em outra perspectiva teórica, a da Gramática Cognitiva. Os autores debruçam-se sobre o estudo do domínio médio, que abrange um conjunto de construções. As análises propostas – baseadas em aspectos como distinguibilidade dos participantes, prototipicidade da ação e nível de controle exercido pelo sujeito – chamam a atenção para outros fatores que têm influência na interpretação das sentenças contendo o clítico *se*. Dessa forma, esta pesquisa se desenvolveu à luz dos preceitos da Gramática Cognitiva. As ferramentas apontadas pelos trabalhos formulados dentro desse quadro teórico mostraram-se mais interessantes para entender os dados produzidos pelos falantes do PB e abordar o tema.

Apesar de a discussão acerca da perda do clítico em nossa língua ter motivado este estudo, ela não será tratada aqui. Nosso foco recai sobre o uso do clítico no PB, ou seja, em quais tipos de construções os falantes têm empregado esse elemento e qual efeito ele aporta. Eventualmente, durante a discussão de determinados dados, mencionaremos os casos de variação quanto ao uso do clítico, já que a comparação entre as sentenças com e sem ele pode ajudar a entender seu papel no PB. Não obstante, reforçamos que nosso interesse está voltado para as construções que exibem esse elemento.

Assim, a investigação toma como seu objeto de estudo as sentenças do PB, particularmente as dos dialetos mineiro e paulistano, em que figura o clítico *se* e, partindo das análises e classificações apontadas, apresenta como objetivos:

- Identificar os tipos de construções em que o clítico aparece;
- Observar como ele se comporta ao se combinar com os outros elementos da sentença;
- Verificar se as análises já propostas dão conta de explicar os dados encontrados nos *corpora*;
- Estabelecer quais aspectos devem ser levados em conta na análise de sentenças formadas com o clítico e, finalmente;
- Entender qual a função do *se* no PB.

As sentenças que apareceram com o clítico foram tratadas com base em dois contínuos: o primeiro sendo delimitado pelas construções impessoais, de um lado, e as absolutas, de outro; o segundo contendo as construções reflexivas, médias e recíprocas. A separação dos dados nesses dois contínuos foi motivada pelo fato de haver, em cada um deles, diferentes relações operando entre os elementos das sentenças. Assim, no contínuo envolvendo as construções impessoais-absolutas, o grau de elaboração da força indutora é o

fator determinante para a interpretação das sentenças. Já no contínuo que engloba as construções reflexivas-médias, entram em jogo fatores como o grau de distinguibilidade na conceitualização dos participantes, a prototipicidade da ação e o grau de controle do sujeito sobre o evento.

A hipótese que norteia este trabalho fundamenta-se na proposta de Negrão e Viotti (2010) acerca das construções absolutas do PB. De acordo com as autoras, as sentenças *A porta se abriu* e *A porta abriu* não seriam equivalentes, configurando-se como duas construções distintas. A primeira, formada com o clítico, é considerada uma construção energética, tendo em vista que o evento conta com a conceitualização de uma força indutora. A segunda, por sua vez, é tratada como uma construção absoluta; nesse caso, a conceitualização do evento não inclui nenhum tipo de força indutora. Em consonância com tal proposta, acreditamos que o uso do clítico, em PB, estaria relacionado a construções que envolvem certo nível de energia.

Portanto, este trabalho visa, por meio da explicitação de aspectos relativos à análise do clítico, fornecer ferramentas para um maior entendimento do funcionamento de nossa língua, o que possibilitaria, a longo prazo, a comparação com outras línguas naturais (principalmente as românicas), com o intuito de contribuir com as pesquisas científicas da área que buscam desvendar o campo fascinante da linguagem humana.

Breve nota sobre a terminologia adotada

Antes de dar início à discussão acerca do objeto de pesquisa, gostaríamos de esclarecer algumas questões terminológicas, a fim de evitar que certos termos sejam entendidos a partir de perspectivas distintas da que estamos adotando.

Em primeiro lugar, chamamos a atenção para o fato de que a noção de papéis temáticos/semânticos será utilizada em sentido bem amplo. Seguindo Kemmer (1994), adotaremos, em geral, os termos *iniciador* e *alvo* (do inglês, *initiator* e *endpoint*) para nos referir aos participantes envolvidos em determinado evento, sem nos preocupar se o iniciador possui características necessariamente agentivas ou se o alvo faz alusão a um paciente, tema, movente ou outro. Assim, esses termos devem ser entendidos como os participantes que mais se assemelham à noção de agente e paciente de um evento prototípico envolvendo dois participantes¹. Os termos *força indutora* ou *indutor*, empregados por Maldonado (2006),

---

¹ Com base na proposta de Givón (1984 apud Kemmer, 1994, p. 191), Kemmer define um evento prototípico com dois participantes da seguinte maneira: trata-se de um evento verbal no qual uma entidade humana (agente) age volicionalmente sobre uma entidade inanimada e definida (paciente), que é diretamente e totalmente afetada por esse evento.

também serão utilizados e remetem à ideia de *iniciador*. Além disso, vale mencionar que, na proposta do autor, o uso do termo *agente* é recorrente, mas, da mesma forma que os outros termos, é empregado em sentido amplo, podendo fazer referência, inclusive, ao participante de eventos mentais como *supor* ou *considerar*, por exemplo. Portanto, essa terminologia não deve ser considerada de forma restrita. O que nos interessa é captar a relação que os participantes estabelecem com os eventos e entre si, de uma maneira mais esquemática, tendo em vista que, para os propósitos deste trabalho, as especificidades quanto aos papéis temáticos verificadas em algumas abordagens não são relevantes.

De essencial importância é o entendimento do termo referente às construções *médias*. Ele está relacionado, neste trabalho, com a voz média, como proposto em análises desenvolvidas no âmbito da Gramática Cognitiva. De acordo com essa perspectiva, a voz média contrapõe-se à voz ativa e à passiva, e envolve um conjunto diversificado de construções. Tais construções exibem um grau intermediário de elaboração quando comparadas a sentenças envolvendo dois participantes, de um lado, e sentenças em que há apenas um participante, de outro. Essas questões ficarão mais claras ao longo do texto. O termo *médio*, da maneira como está sendo empregado neste trabalho, não remete a construções do tipo *The floor paints easily* ('O chão pinta fácil/facilmente') – normalmente consideradas médias em abordagens gerativistas, seguindo a proposta de Keyser e Roeper (1984). Todavia, ressaltamos que esse tipo de sentença faz parte das construções pertencentes ao domínio da voz média, sendo chamadas por Maldonado (2006) de *médias de atributo interno* (a proposta do autor acerca desse tipo de construção será apresentada no Capítulo 3).

Finalmente, vale pontuar que as sentenças normalmente chamadas de *anticausativas* em alguns trabalhos gerativistas – a exemplo de *O vidro (se) quebrou* – serão tratadas aqui pelo termo *ergativas*, como proposto por Burzio (1986). Optamos por seguir essa nomenclatura, uma vez que a análise do autor configurou-se como ponto de partida para nosso estudo.

Organização do texto

No Capítulo 1, serão apresentados os textos que serviram como referencial teórico inicial. No âmbito da Teoria Gerativa, contemplaremos a proposta de Burzio (1986) para os dados do italiano e, buscando fornecer um panorama geral das análises já desenvolvidas sobre o assunto em nossa língua, mencionaremos os aspectos principais dos textos de Nunes (1990), Whitaker-Franchi (1989), Chagas de Souza (2000), Cavalcante (2006) e Bittencourt (2009).

Em seguida, serão apontadas algumas questões problemáticas para tratamentos formalistas, levantadas por Kemmer (1994) e Maldonado (2006). A segunda parte do capítulo está focada na perspectiva da Gramática Cognitiva. Nela, abordaremos o conceito de transitividade proposto por Hopper e Thompson (1980), assim como a análise de Kemmer (1994) acerca da voz média.

O Capítulo 2 trará as informações sobre os *corpora* utilizados, bem como a metodologia empregada para a extração dos dados.

No Capítulo 3, trataremos do contínuo que situa, de um lado, as construções impessoais e, de outro, as construções absolutas. Serão apresentadas as propostas de Langacker (2008), acerca dos diferentes tipos de construções, e a análise de Maldonado (2006) para o clítico *se* do espanhol – que fundamentaram a descrição e análise dos dados do PB.

Em seguida, abordaremos o contínuo reflexivo-médio. Para tanto, iniciaremos o Capítulo 4 assinalando os principais pontos da análise de Kemmer (1994) – que elucida as diferenças entre as construções reflexivas e médias – e de Maldonado (2006), em relação à noção de controle e a proposta acerca do experienciador médio. Os dados extraídos dos *corpora* serão tratados à luz desses aspectos. A última parte do capítulo será dedicada às construções recíprocas.

Por fim, nas considerações finais, retomaremos as questões que se mostraram mais pertinentes e esclarecedoras para a compreensão do papel do clítico no PB, bem como os problemas que ainda carecem de uma investigação mais aprofundada.

Capítulo 1

Situando o tema na literatura: análises, problemas e perspectiva teórica

Com o intuito de começar a entender as relações por trás das construções formadas com o clítico *se*, valemo-nos de algumas análises formuladas dentro da perspectiva gerativista. A proposta de Burzio para o italiano, bem como a de outros autores para o PB, permitiu a caracterização de uma tipologia para os diversos *ses*, da qual partimos, em um primeiro momento, para analisar os dados encontrados nos *corpora*. Não obstante, essa caracterização tipológica mostrou-se insuficiente para dar conta de alguns dados, que pareciam ser mais bem explicados levando-se em conta aspectos contemplados por análises dentro do quadro da Gramática Cognitiva. Essas questões serão discutidas neste capítulo. A seção 1.1 traz as análises gerativistas das quais partimos para entender os diferentes tipos de clíticos, bem como alguns problemas não solucionados por elas. Na seção 1.2, apresentamos a noção de transitividade segundo Hopper e Thompson (1980) e a análise de Kemmer (1994) para o domínio médio, no âmbito da Gramática Cognitiva, que serviram de base para o tratamento dos dados.

1.1 Perspectiva da Gramática Gerativa

1.1.1 A proposta de Burzio (1986)

Burzio (1986) discute alguns tipos de construções do italiano que apresentam o clítico *si*. Dependendo de sua relação com os outros constituintes da sentença, ele os classifica como reflexivo, ergativo, inerente reflexivo, reflexivo obrigatório ou impessoal. Os tipos de sentença inicialmente analisados são os seguintes:

- (1) a. *Maria si guarda.* / ‘Maria se olha’
- b. *Il vetro si rompe.* / ‘O vidro se quebra’
- c. *Giovanni si sbaglia.* / ‘Giovanni se equivoca’

Embora os três casos representem construções distintas, eles exibem algo em comum: o clítico *si*, elemento que concorda com o sujeito (em número e pessoa).

O *si* do primeiro exemplo é chamado pelo autor de ***si reflexivo***. Trata-se de um clítico objeto (neste caso reflexivo), o que fica comprovado pela substituição do *si* por outro clítico objeto, sem causar prejuízo à gramaticalidade da sentença, como vemos abaixo:

- (2) *Maria si guarda.*   /   *Maria lo guarda.*
       ‘Maria se olha’   ‘Maria o olha’

Já no segundo caso (1b), observa-se que o clítico não apresenta um sentido reflexivo e tampouco alterna com um objeto. Parece alternar, na verdade, com um sujeito. A ocorrência de uma sentença transitiva com o verbo (*Giovanni rompe il vetro* / ‘Giovanni quebra o vidro’) indica que se trata de um verbo que possibilita a alternância AVB/BV². Vale ressaltar que o clítico aparece na versão BV. Nesse caso, ao se derivar uma sentença ergativa (BV) de uma transitiva (AVB), não haverá atribuição de papel temático para a posição de sujeito; essa não atribuição ficará morfologicamente representada pelo clítico *si*. Dessa forma, o clítico é apenas um afixo, não desempenhando outra função sintática na sentença. A esse clítico, o autor dá o nome de ***si ergativo***.

A sentença (1c), por sua vez, configura-se como um exemplo de ***si inerente reflexivo***. O fato de não ser possível construir uma sentença do tipo **Giovanni sbaglia Piero* (**Giovanni equivoca Piero*) denota que o clítico não alterna com um objeto direto nem com um sujeito; consequentemente, não é classificado como reflexivo nem ergativo. Por não se tratar de uma sentença transitiva e por permitir a cliticização com o pronome *ne* (*Se ne sbaglieranno molti* / ‘Muitos deles se equivocarão’), o autor considera então que a sentença (1c) seja ergativa³. Dessa maneira, o *si* seria similar ao da sentença (1b): um afixo, representando a não atribuição de papel temático à posição de sujeito. Verbos que aceitam esse tipo de afixo são ergativos. A diferença entre os verbos de (1b) e (1c) estaria associada apenas à possibilidade de apresentarem alternativas transitivas em pares AVB/BV: verbos ergativos de construções BV com afixo *si* como *rompersi* (‘quebrar-se’) possuem uma sentença correspondente transitiva (AVB), enquanto verbos como *sbagliarsi* (‘equivocar-se’),

² As letras A e B representam sintagmas nominais; a letra V representa o verbo.

³ Para Burzio (1986, p. 30-31), a cliticização com o pronome *ne* funciona como um diagnóstico para ergatividade, tendo em vista que tal fenômeno só é possível com objetos diretos. Daí a possibilidade de ocorrer com sujeitos invertidos de passivas, construções impessoais com *si* e verbos que participam da alternância causativa (a exemplo de *afundar*).

cujo afixo *si* em BV se configura como inerente reflexivo) não permitem uma correspondência transitiva nos termos discutidos.

Há uma pequena classe de verbos, como *sognarsi* ('sonhar'), que ocorre em sentenças transitivas que apresentam objetos diretos pronunciados. Nessas situações, o *si* só alterna com um pronome reflexivo:

(3) *(Le vacanze) Giovanni se le sogna. / *Giovanni gliela sogna.*

(As férias) Giovanni se as sonha / Giovanni para ele-as sonha.

O autor acredita que esses casos raros possam ser considerados idiossincrasias. Em sua análise, esse clítico é chamado de **reflexivo obrigatório**. Ele é tratado como um objeto indireto, mais precisamente como um dativo benefactivo, que deve ser realizado como um clítico reflexivo.

Diferentemente dos outros clíticos discutidos, a ideia defendida por Burzio é a de que o ***si* impessoal** do italiano (glosado como *SI*) é invariável, ou seja, não concorda com traços de número e pessoa. Um exemplo pode ser visto em (4):

(4) *Si leggerà volentieri alcuni articoli.*

'Se lerá com prazer alguns artigos'

Em primeiro lugar, vale ressaltar que esse elemento assume papel de sujeito indeterminado, significando, por exemplo, *alguém/a gente/as pessoas*. O autor considera que este seja um clítico sujeito, que está em distribuição complementar com outros sujeitos. Além disso, ele defende que esse tipo de clítico não aparecerá em contextos em que não há atribuição de Caso ao sujeito, como, por exemplo, em sentenças infinitivas.

No caso da sentença (5), abaixo, Burzio argumenta que se trata de uma variante de (4) com o objeto preposto (o objeto está representado entre colchetes)⁴:

(5) *[Alcuni articoli] si leggeranno volentieri.*

Alguns artigos se lerão com prazer

⁴ O próprio autor assume que, em termos estruturais, sua análise não dá conta de explicar a variante em (5) nos mesmos termos de (4). Essa questão não será abordada aqui, uma vez que, para os propósitos deste trabalho, o que nos interessa são os tipos de clítico propostos pelo autor e a interpretação que eles fornecem para a sentença. Assim, os clíticos presentes em (4) e (5) constituem instâncias do *si* impessoal.

Também nesse caso, em italiano, o autor advoga que o clítico não ocorre em sentenças infinitivas.

Comparando os exemplos de Burzio com os dados do português brasileiro, nota-se uma grande semelhança entre o clítico *se* do PB e o *si* do italiano. Com exceção do clítico *reflexivo obrigatório*, do qual a sentença (3) é exemplo, todos os outros tipos descritos pelo autor ocorrem em PB. Contudo, há também alguns pontos divergentes entre as duas línguas. Um exemplo que contraria o proposto por Burzio para o italiano é a ocorrência do *SI* em sentenças infinitivas. Apesar de (6) ser agramatical com o clítico *SI* no italiano, é uma sentença boa em PB⁵:

- (6) *La possibilità di* $\left. \begin{array}{l} \text{trovare} \\ *trovarsi} \right\}$ *quei libri è remota.*
- A possibilidade de $\left. \begin{array}{l} \text{encontrar} \\ \text{se encontrar} \end{array} \right\}$ aqueles livros é remota.

Outra questão que pode suscitar questionamento quanto à similaridade dos fenômenos em PB e em italiano relaciona-se à ambiguidade verificada entre *SI* e variações do *si* (reflexivo e ergativo) em algumas sentenças do italiano. A sentença (7), com o objeto preposto, produzirá duas sentenças gramaticais: uma com *SI* (com o sentido de que os contratados serão apresentados por alguém) e a outra com *si* reflexivo (dando a ideia de que os contratados irão, eles próprios, se apresentar):

- (7) *I nuovi assunti si/SI presenteranno al direttore appena possibile.*
- Os novos contratados se apresentarão ao diretor assim que possível

A sentença (8) ilustra um contexto de ambiguidade entre *SI* e *si* ergativo:

- (8) *Quel vetro si/SI è rotto per la seconda volta.*
- Aquele vidro se quebrou pela segunda vez

Nesse aspecto, entretanto, os exemplos correspondentes a (7) e (8) no PB parecem comportar-se de maneira diferente. Em se tratando de objetos prepostos ao verbo que ocorrem em sentenças com o clítico, a única interpretação possível parece ser aquela com o *se*

⁵ Nunes (1990) atestou o aumento do uso desse tipo de construção em PB e Cavalcante (2006) propõe uma análise para elas. Também encontramos ocorrências desse tipo nos *corpora* analisados (ver Capítulo 3).

reflexivo em (7) – ou seja, aquela em que os próprios contratados se apresentam ao diretor –, e ergativo em (8), cuja leitura seria equivalente a ‘O vidro quebrou’. Para que se obtenha em PB a interpretação com *se* impessoal, o objeto deveria permanecer *in situ* (‘Se apresentará/apresentarão os novos contratados ao diretor assim que possível’ e ‘Se quebrou aquele vidro’/‘Quebrou-se aquele vidro’).

Apesar das diferenças entre o italiano e o PB quanto a determinados aspectos discutidos por Burzio, a classificação dos diversos tipos de *si* proposta por ele foi de grande auxílio para o entendimento do clítico *se*, em um primeiro momento da pesquisa. Dentre os pontos discutidos pelo autor, ressaltamos um que foi de especial importância: a possibilidade de o clítico alternar com o sujeito ou com o objeto de uma sentença transitiva correspondente. Verificar como as sentenças contendo o *se* se comportam em relação a uma versão transitiva mostrou-se uma ferramenta interessante para o primeiro contato com os dados.

1.1.2 Outros estudos sobre o tema

Outras propostas para o estudo do fenômeno no PB podem ser encontradas na literatura. Dentre elas, destacamos a de Nunes (1990), Whitaker-Franchi (1989), Chagas de Souza (2000), Cavalcante (2006) e Bittencourt (2009).

A análise de Nunes (1990) tem como foco o *se* *apassivador* (‘Alugam-se casas’) e o *indeterminador* (‘Aluga-se casas’), embora o autor sugira que sua proposta possa ser estendida para outros tipos de clítico, a saber: *ergativo* (‘João *se* machucou’), *inerente* (‘João *se* arrependeu de seu crime’), *enfático* (‘João ainda não *se* foi’), *médio* (‘Esta calça *se* lava bem’) e *reflexivo* (‘João *se* viu no espelho’). A diferença entre eles estaria, então, associada à absorção de papel temático e à posição onde o clítico é gerado. Para o autor, os *ses* classificados como *ergativo*, *inerente*, *enfático* e *médio* não absorveriam Caso nem papel temático, por serem gerados em uma posição de adjunção ao verbo. O *se* reflexivo, por sua vez, deve fazer parte de uma cadeia com Caso, já que absorve papel temático de argumento interno.

Já Whitaker-Franchi (1989) debruça-se sobre as construções ergativas em geral, com e sem o clítico, discutindo questões como diátese verbal, a semântica do verbo e a rede temática associada a ele. Assim, segundo a autora, uma construção ergativa complexa (com *se*) segue as mesmas restrições das construções ergativas simples, por conta de imposições da rede temática dos verbos. Portanto, verbos que expressam uma diátese ativa ou causativo-ativa, verbos experienciais com experienciador na posição de sujeito, verbos com beneficiário, e verbos cuja diátese inclui somente um objetivo e um locativo ou temporal tendem a não

permitir uma construção ergativa com o *se*. Já os verbos que envolvem determinadas relações de afetação estariam mais associados a tais construções (1989, p. 174-179). Além do clítico *ergativo*, a autora também menciona os clíticos *reflexivo* ('O doido *se* matou'), *indeterminador* ('Corre-*se* bem') e *apassivador* ('Corta-*se* a fita').

Chagas de Souza (2000), ao voltar sua atenção para a questão da alternância causativa no PB, define semanticamente os tipos de clíticos que, para ele, parecem predominar na cidade de São Paulo. Além da descrição dos tipos de *se* em termos semânticos, o autor inclui as tendências de emprego de cada um deles, explicitando se seu uso é obrigatório ou variável. Dessa forma, ele cita os seguintes tipos: *reflexivo* ('Ele *se* olhou no espelho'); *recíproco* ('Eles *se* conheceram ano passado'); *marcador de anticausativa*, ou *se* ergativo nos termos de Burzio, ('Ele *se* irritou'); *inerente* ('Ele *se* arrependeu'); *nominativo* ou *indeterminador* ('*Se* vende muitas casas aqui') e *passivizador* ('Vendem-*se* casas aqui'). De acordo com Chagas de Souza, o uso do clítico *se* mantém nos casos em que ele assume as funções de *reflexivo*, *recíproco* e *inerente*. Enquanto *marcador de anticausativa*, seu uso é variável. A ocorrência do clítico tende a diminuir no caso do *nominativo*, e o *passivizador* não está mais presente no vernáculo do autor.

O estudo de Cavalcante (2006) está voltado para o uso do *se* em construções infinitivas, percorrendo o português clássico até os portugueses europeu e brasileiro modernos. Dado o recorte do estudo (construções infinitivas), a autora contempla os tipos de clítico associados a esse contexto sintático, a saber: *se passivo*, *se indefinido* e *se impessoal* (com base nos trabalhos de Raposo e Uriagereka (1996) e Martins (2003)). No português clássico, apenas o primeiro tipo é encontrado. Já no português europeu moderno, a autora verificou o *se indefinido* e o *impessoal*, enquanto no PB foi observado, dentre esses, apenas o *impessoal*. Segundo a autora, ele aparece nos contextos em que (i) não há concordância entre o verbo e o DP argumento interno, (ii) o *se* ocupa a posição de sujeito, (iii) o DP argumento interno checka Caso acusativo e (iv) o clítico está em variação com sintagmas como *a gente* e *você*.

Bittencourt (2009) propõe uma descrição sintático-semântica dos tipos de clítico observados no PB, com base nos seguintes traços e propriedades: categoria de pessoa, categoria de número, atribuição de papel temático ao clítico, macrofunção do sujeito, animacidade do sujeito, agentividade do sujeito, controle do sujeito sobre a ação, estado ou processo, grau de transitividade, referência à macrofunção causa e/ou ao sujeito e especificação de pessoa no discurso. Tais aspectos motivaram a classificação dos clíticos em: *recíproco*, *reflexivo*, *inerente*, *pseudorreflexivo*, *médio*, *apassivador*, *pseudoapassivador*, *indeterminador-tipo 1* e *indeterminador-tipo 2*.

Diante do panorama exposto nesta seção, observa-se, nas diversas propostas, que diferentes critérios são utilizados para descrever as funções que o clítico pode assumir nas construções do PB. Embora seja possível verificar similaridades entre elas, a classificação dos tipos de clítico está longe de ser consensual. E nem poderia, já que o recorte que se faz, em cada análise, é distinto. Contudo, os tratamentos de cunho formalista mostram-se, por vezes, insuficientes para revelar outros aspectos importantes que podem estar envolvidos nas sentenças contendo o *se*. Algumas dessas questões – apontadas por Kemmer (1994) e Maldonado (2006, 2009), na perspectiva da Gramática Cognitiva – serão discutidas a seguir.

1.1.3 Problemas e aspectos não contemplados em análises formalistas

Como bem aponta Maldonado (2009, p. 93-94), o fato de o clítico ser considerado, em algumas propostas formalistas, um elemento que anula um dos argumentos do verbo é questionável. Segundo o autor, análises desse tipo são vantajosas para construções ergativas (a exemplo das sentenças do espanhol: *Juan abrió la puerta / La puerta se abrió* ‘Juan abriu a porta / A porta se abriu’), mas revelam-se problemáticas em se tratando de alguns eventos como os de reação emocional (*La música alegró al abuelo / El abuelo se alegró con la música* ‘A música alegrou o avô / O avô se alegrou com a música’). A crítica do autor recai sobre o fato de que, nesse último caso, nenhum argumento foi deletado da construção, e o clítico foi inserido para gerar um sentido médio⁶. Esse apontamento de Maldonado parece encontrar respaldo em dados do PB. É comum depararmos com falas do seguinte tipo: *Não fui eu que irritei o João; foi o João que se irritou comigo!* Nessas situações, fica claro que o falante tem a intenção de se isentar da culpa, transferindo-a ao participante experienciador, que, de algum modo, deixa de ser apenas afetado e passa a ser visto como tendo maior atuação no evento em questão.

Ainda seguindo essa linha de raciocínio, se a supressão do argumento externo implica que o evento passa a ocorrer de forma espontânea, como tratar os eventos que parecem não permitir uma interpretação tão espontânea, a exemplo da seguinte sentença que encontramos nos corpora: *As indústrias foram se transportando pra municípios com isenção de imposto?* Nesse caso, a paráfrase formada com o verbo *ficar* – que evidencia o estado resultante – não produz um bom resultado (**As indústrias ficaram transportadas pra municípios com isenção de imposto*). Esse exemplo contrasta com as construções ergativas (*A porta abriu*), que, de

---

⁶ O autor defende que um dos efeitos do clítico ao se combinar com verbos que denotam reação emocional (a exemplo de *se assustar*, *se surpreender*) é o de aumentar o envolvimento do participante experienciador no evento. Essa questão será discutida no Capítulo 4.

fato, parecem contar com a anulação do argumento externo, além de mostrarem o estado resultante (*A porta ficou aberta*). A proposta de Maldonado (2006) acerca do clítico *se* do espanhol e o tratamento que damos a sentenças como essas serão discutidos nos Capítulos 3 e 4.

Ficará claro, ao longo deste trabalho, que alguns aspectos como distinguibilidade dos participantes e prototipicidade da ação são centrais para as análises sobre a voz média, no âmbito da Gramática Cognitiva. Eles evidenciam pontos interessantes que nos ajudam a entender as relações por trás das sentenças formadas com o clítico. Como veremos ainda neste capítulo, para Kemmer (1994), a voz média constitui-se como uma categoria semântica verificada translinguisticamente, havendo diferenças entre as línguas na forma como essa categoria é formalmente marcada. Algumas línguas, como o russo, possuem um sistema médio de duas formas e permitem uma diferenciação clara entre sentenças reflexivas e médias. Já os sistemas de uma forma, como o do PB, tornam essa diferenciação mais difícil. Contudo, as noções de distinguibilidade dos participantes e prototipicidade da ação – normalmente não contempladas em outras teorias – podem auxiliar na investigação dessas construções.

Além disso, a proposta de Kemmer (1994) acerca da voz média fundamenta-se em uma noção de transitividade escalar – e não binária, como acontece em tratamentos gerativistas. Para a autora, as análises que tratam marcadores médios (a exemplo do clítico *se* do francês) como elementos intransitivizadores consideram que as construções sejam totalmente transitivas ou totalmente intransitivas, não havendo espaço para casos intermediários. Na perspectiva de Kemmer (1994, p. 219), as construções médias de línguas românicas comportam-se ora como uma construção transitiva pronominal (já que esse marcador mantém propriedades de um pronome), ora como uma construção intransitiva (casos em que o clítico funciona como um intransitivizador). Desse modo, sua proposta tenta lidar com toda a complexidade dessas construções, permitindo que, a elas, seja atribuído um caráter intermediário entre transitivas e intransitivas.

As dificuldades que encontramos ao lidar com alguns dados dos *corpora* – que pareciam não se encaixar em nenhuma das classificações já propostas para os diversos tipos de *se* –, bem como os problemas aqui levantados, induziram-nos a explorar mais a fundo as análises de Kemmer (1993, 1994) e Maldonado (2006, 2009) para o domínio médio. As propostas dos autores revelaram-se mais esclarecedoras quanto ao papel do *se* no PB e mais eficazes no tratamento dos dados. Ao considerar a semântica por trás das construções médias, essas propostas evidenciam a conexão entre as diversas sentenças contendo o *se*, a partir de um espectro mais amplo. Assim, este trabalho tomou como base os preceitos da Gramática

Cognitiva. Com o intuito de esclarecer os pressupostos teóricos que fundamentaram nossa análise, esboçaremos, em linhas gerais, a proposta de Hopper e Thompson (1980) quanto à noção de transitividade dentro dessa perspectiva e, em seguida, a análise de Kemmer (1994) acerca da voz média.

1.2 Perspectiva da Gramática Cognitiva

1.2.1 Hopper e Thompson (1980) e a noção de transitividade

Para Hopper e Thompson (1980), o conceito de transitividade extrapola definições comuns que se baseiam na existência de dois participantes na sentença – um sujeito e um objeto. Os autores propõem que a noção de transitividade seja desmembrada em vários componentes, cada um deles revelando uma faceta diferente da transferência da ação de um participante para outro. O conceito de transitividade, então, deve ser visto como uma escala, de acordo com a qual as sentenças são classificadas como mais ou menos transitivas. Essa classificação depende do que os diversos componentes revelam sobre a oração. De acordo com os autores, os componentes que interferem no grau de transitividade das sentenças são os seguintes: participantes, quinese, aspecto, pontualidade, volição, afirmação, modo, agentividade, afetação do objeto e individuação do objeto. Vejamos como cada um deles contribui para o grau de transitividade da sentença, na visão dos autores (1980, p. 252-253).

As sentenças consideradas mais transitivas tendem a exibir dois ou mais **participantes**, uma vez que não há transferência de ação sem que haja, pelo menos, duas entidades envolvidas no evento. Por outro lado, as orações que contêm apenas um participante costumam apresentar um grau menor de transitividade.

Em se tratando da **quinese**, a oposição ‘ação’ versus ‘não ação’ mostra-se relevante para a ideia de transitividade, tendo em vista que apenas ações (e não estados) podem participar da transferência de energia entre dois participantes. Para ilustrar, os autores apontam a diferença entre as sentenças: *I hugged Sally* ‘Eu abracei a Sally’ versus *I like Sally* ‘Eu gosto da Sally’. A primeira, mais transitiva, denota uma situação em que Sally, de algum modo, ‘recebe’ a ação. Já no segundo caso, não há transferência de energia.

A distinção **aspectual** também ajuda a identificar o grau de transitividade de uma sentença. Ações télicas indicam que a transferência de energia se deu de forma completa, chegando a um ponto final, a exemplo de *I ate it up* ‘Eu comi isso/tudo’. Por esse motivo,

aumentam o grau de transitividade de uma sentença. Já no caso das ações atéticas, os autores defendem que a transferência é parcial, já que o evento não se completou: *I am eating it* ‘Eu estou comendo isso’. Desse modo, as sentenças envolvendo esse tipo de aspecto tendem a exibir menor grau de transitividade.

Os autores associam **pontualidade** e transitividade nos seguintes termos: ações pontuais (a exemplo de *kick* ‘chutar’) geram um efeito mais acentuado sobre o paciente do que as ações “inerentemente contínuas” (como *carry* ‘carregar’). Dessa maneira, ações mais pontuais associam-se a maior grau de transitividade, ao passo que ações não pontuais estão normalmente relacionadas a um menor grau de transitividade.

O fato de o agente da ação atuar de forma volitiva faz com que o efeito sobre o paciente seja mais proeminente. Assim, sentenças que apresentam **volição** por parte do agente (*I wrote your name* ‘Eu escrevi o seu nome’) tendem a ser mais transitivas do que aquelas que não envolvem volição (*I forgot your name* ‘Eu esqueci o seu nome’).

Sentenças **afirmativas** também se associam a maior grau de transitividade, em oposição a sentenças negativas. Na mesma linha de raciocínio, o **modo** *realis* ou *irrealis* interfere na transitividade das sentenças. Sentenças que se valem do modo indicativo para codificar ações configuram-se como mais transitivas, uma vez que tais ações apresentam correspondência com eventos reais. Por outro lado, sentenças envolvendo o modo subjuntivo, por exemplo, denotam ações que não ocorreram ou que ocorreram em um mundo irreal, revelando, assim, um menor grau de transitividade.

No que concerne ao fator **agentividade**, os autores defendem que os participantes que exibem maior agentividade atuam de maneira mais intensa na transferência de uma ação – gerando sentenças mais transitivas –, em oposição a participantes menos agentivos. Estes contribuem para diminuir o grau de transitividade de uma sentença.

Quanto à **afetação** do objeto, pode-se dizer que a transferência da ação é mais enfática quando o paciente é totalmente afetado por essa ação. Assim, em *I drank up the milk* ‘Eu bebi o leite todo’, a ação se completa com afetação total do objeto, de modo que a sentença exibe maior grau de transitividade. Em contrapartida, em *I drank some of the milk* ‘Eu bebi um pouco do leite’, a ação afeta o objeto de maneira parcial; a sentença é, portanto, menos transitiva que a primeira.

Em se tratando da **individação** do objeto, Hopper e Thompson (1980) mencionam um conjunto de propriedades que fazem do objeto mais ou menos individuado. Assim, nome próprio, participante humano ou animado, substantivo concreto, singular, contável e referencial ou definido são traços que contribuem para que o objeto seja visto como altamente individuado. Objetos não individuados normalmente exibem os traços: nome comum,

participante inanimado, substantivo abstrato, plural, massivo e não referencial. Segundo os autores, a transferência de ação é mais efetiva em se tratando de objetos individuados, de modo que, nesses casos, as sentenças que os contêm tendem a apresentar maior grau de transitividade.

Assim, o grau de transitividade de uma sentença depende da combinação desses fatores. Hopper e Thompson (1980) alertam para o fato de que esse conceito de transitividade gera resultados, a princípio, inesperados. De acordo com a lógica apresentada, nada impede, por exemplo, que uma sentença contendo apenas um participante (*Susan left* ‘A Susan saiu’) seja mais transitiva do que uma envolvendo dois participantes (como *Jerry likes beer* ‘O Jerry gosta de cerveja’). O fato de que a primeira apresenta uma ação télica, pontual e volitiva, enquanto a segunda denota um estado, justificaria essa classificação.

Finalmente, os autores propõem que a noção de transitividade estaria intimamente relacionada ao discurso, de modo que propriedades associadas a alta transitividade predominam no *foreground*, ao passo que os traços relacionados a baixo grau de transitividade tendem a aparecer no *background* discursivo⁷.

Essa noção de transitividade escalar, baseada em subcomponentes, mostrou-se bastante relevante para esta pesquisa. Além de ter facilitado, em grande medida, o entendimento das análises de Kemmer (1993, 1994) e Maldonado (2006, 2009) sobre a voz média, ela ampliou nosso olhar sobre os dados, ao chamar atenção para alguns aspectos como volição e agentividade do sujeito.

1.2.2 A proposta de Kemmer (1994) para os domínios médio e reflexivo

Kemmer (1994) propõe uma análise translinguística para a questão da voz média, com base na noção de sujeito afetado e na elaboração relativa dos eventos, um parâmetro de transitividade que situa, em um extremo, eventos envolvendo um participante e, em outro, eventos com dois participantes. De acordo com a autora, sentenças reflexivas e médias estariam localizadas em uma posição intermediária entre esses dois extremos, sendo, ademais, distintas uma da outra, ao contrário do que pregam outros estudiosos.

A voz média normalmente ocorre com verbos que denotam eventos relacionados aos seguintes tipos de situação: *grooming* ou cuidados corporais (*lavar-se, vestir-se, barbear-se*), movimento não translacional (*alongar-se, virar-se*), mudança na postura corporal (*sentar-se,*

---

⁷ De acordo com os autores (1980, p. 280), em situações de fala, algumas partes do discurso são mais relevantes do que outras. O termo *foreground* refere-se ao material que fornece os pontos principais do discurso. Por outro lado, o *background* refere-se à parte do discurso que não contribui imediata e crucialmente para o objetivo do falante; servindo para amplificar ou comentar sobre ele.

levantar-se, ajoelhar-se), movimento translacional⁸ (*escalar, ir embora*), eventos naturalmente recíprocos (*abraçar-se, concordar*), média indireta (*adquirir, pedir*), média emotiva (*levar um choque ou um susto, ficar nervoso*), ações de fala emotiva (*reclamar, lamentar*), média cognitiva (*cogitar, refletir, repensar, considerar*) e eventos espontâneos (*germinar, brotar, desaparecer*).

Em algumas línguas, usa-se um marcador de voz média (*middle marker*, glosado como MM) para expressar esses tipos de situação, de modo que se considera que tais línguas possuam sistemas médios. Outras línguas, por sua vez, expressam os mesmos tipos de situação com uma morfossintaxe intransitiva não marcada, às vezes utilizando-se de uma outra construção (a exemplo do inglês, *get dressed*). O fato de algumas línguas usarem um marcador de voz média em sentenças denotando as mesmas situações sugere que ela seja uma categoria linguística, verificada em um grande número de línguas bem diferentes. Os MM apresentam formas variadas nas línguas, podendo ser nominais, pronominais ou afixos verbais.

Algumas línguas possuem um marcador para indicar que agente e paciente se referem à mesma entidade em um evento envolvendo esses dois papéis semânticos. Trata-se do marcador reflexivo (*reflexive marker*, glosado como RM). Em determinadas línguas, MM e RM são morfologicamente idênticos, como é o caso do alemão, francês, português, entre outras. Considera-se que tais línguas tenham um sistema médio de uma forma. Já línguas que apresentam uma forma diferente para MM e RM são tidas como sistema médio de duas formas, em que o RM normalmente é nominal ou pronominal (forma pesada) e o MM é um afixo verbal (forma leve, dependente de raiz verbal). Latim, russo e turco são exemplos desse tipo de língua.

Assim, para Kemmer, as construções reflexivas e médias seriam intermediárias entre construções envolvendo dois participantes e construções contendo um participante. Contudo, como veremos a seguir, a diferença entre elas reside no modo como o participante é conceitualizado.

Kemmer adota a noção de transitividade em termos semânticos – e não em termos morfossintáticos – e toma como referência o evento canônico envolvendo dois participantes. Assim, este consistiria em um evento em que há dois participantes, e a relação entre eles envolve certa transmissão de força ou energia, partindo do participante animado e atingindo o segundo participante, o afetado. Contudo, algumas línguas utilizam esse mesmo padrão para

---

⁸ Para Kemmer (1993), eventos relativos a movimento não translacional envolvem ações de manipulação motora do corpo ou de parte dele; já os eventos referentes a movimento translacional envolvem deslocamento do corpo pelo espaço. Essa questão será retomada no Capítulo 4.

denotar certos eventos que não envolvem necessariamente transmissão de energia (como verbos de percepção). Assim, a autora propõe um esquema mais geral que representa eventos envolvendo dois participantes (adaptado de Kemmer, 1994, p. 192):

A relação é construída como sendo direcionada do participante que inicia o evento ao participante que é alvo desse evento, constituindo-se, assim, como uma relação assimétrica. Tal relação pode representar eventos estativos ou não estativos.

Quanto a construções reflexivas, o evento denotado por elas envolve apenas um participante, que é ao mesmo tempo quem inicia e o alvo do evento. Em se tratando de sentenças denotando ações efetuadas no ou por meio do corpo de alguém, a autora as considera construções médias, em vez de reflexivas, seguindo a proposta de Faltz (1977 apud Kemmer, 1994). A justificativa relaciona-se com o fato de que o evento denotado, nesses casos, constitui um conjunto de ações normalmente realizadas por um agente humano sobre si mesmo. Eventos que representam ações corporais, como *lavar-se* ou *vestir-se*, seriam intermediários, em termos semânticos, entre eventos reflexivos e eventos envolvendo um participante. Assim, nota-se uma propriedade associada aos verbos que denotam esse tipo de ação: em seu sentido, estão previstos dois papéis semânticos; entretanto, não se espera que façam referência a diferentes entidades.

Kemmer associa à diferença entre construções reflexivas e médias a distinção relativa dos participantes em um evento, ou seja, o fato de que uma única entidade físico-mental pode ser conceitualizada como participantes separados em graus variados. As formas reflexivas aparecem em contextos em que o falante quer indicar maior distinção conceitual das facetas de um único referente – como no exemplo *He lifted himself up* ‘Ele mesmo se ergueu / Ele se ergueu sozinho’. Essa sentença seria utilizada para denotar uma situação em que o indivíduo conseguiu se erguer, mesmo não tendo condições físicas para fazê-lo (por se tratar de uma pessoa acidentada, por exemplo, ou que tenha perdido os movimentos). Nesse caso, nota-se a distinção entre a mente (que pretende executar a ação) e o corpo (sobre o qual a ação será executada). Assim, as construções reflexivas designam situações em que o participante que inicia o evento e o alvo desse evento são, de certo modo, distintos. O iniciador do evento atua sobre si mesmo da mesma forma como atuaria sobre outras entidades; o RM, então, indica

que os diferentes papéis de participantes são desempenhados pela mesma entidade, como no evento reflexivo direto ‘Ele se viu no espelho’.

O MM, por outro lado, mostra que os dois papéis semânticos (iniciador e alvo) se referem à mesma entidade holística sem aspectos conceitualmente distintos, a exemplo de ‘Ele se lavou’. Os diagramas abaixo representam os esquemas de eventos reflexivos diretos e médios de ação corporal (adaptados de Kemmer, 1994, p. 207):

(a) Esquema de evento reflexivo direto

(b) Esquema de evento médio de ação corporal

Levando em conta tais questões, o parâmetro proposto por Kemmer (1994) mostra o grau de distinguibilidade dos participantes nos eventos. Enquanto em eventos com dois participantes existem duas entidades distintas desempenhando os papéis semânticos em uma relação assimétrica, no caso dos domínios reflexivo e médio, esses dois papéis semânticos são desempenhados por uma única entidade referencial. No reflexivo, a entidade é conceitualmente diferenciada em subpartes; no médio, não há tal diferenciação e tampouco a expectativa de participantes distintos, o que o aproxima um pouco mais de eventos envolvendo apenas um participante. Para a autora, no tipo mais básico de evento contendo um participante, há apenas uma entidade sobre a qual a ação ou estado é predicado; não há iniciador ou alvo do evento, de modo que, nesse caso, observa-se o mais baixo grau de distinção entre participantes. A escala a seguir, proposta por Kemmer, representa os diferentes graus de distinção entre os participantes (adaptada de Kemmer, 1994, p. 209):

<i>Evento com dois participantes</i>	<i>Reflexivo</i>	<i>Médio</i>	<i>Evento com um participante</i>
+ ————— -			

Por mostrar um enfoque que leve em conta a semântica dos verbos, a elaboração dos eventos e o grau de distinguibilidade na conceitualização dos participantes, a proposta de

Kemmer, além de ter sido de extrema importância na análise das sentenças reflexivas e médias de ação corporal do PB, permitiu a interpretação das relações semânticas verificadas nas demais sentenças dos *corpora* com um novo olhar.

Em face das análises apresentadas acerca do tema, assim como das questões e problemas expostos neste capítulo, acreditamos que uma abordagem desenvolvida nos termos da Gramática Cognitiva seja mais eficaz para entender e explicar os dados produzidos pelos falantes do PB. A noção de transitividade envolvendo diversos componentes e a ideia de distinguibilidade na conceitualização dos participantes constituem aspectos relevantes para o entendimento do papel do *se* em nossa língua.

Capítulo 2

Metodologia e extração dos dados

A partir da hipótese apregoada por alguns estudiosos sobre a diminuição do uso do clítico *se* no PB, buscamos verificar em quais tipos de construções os falantes ainda têm empregado esse elemento. Tendo em vista que não se trata de um estudo diacrônico ou quantitativo sobre a utilização do clítico *se* (nosso intuito é o de identificar os contextos em que ele ainda aparece, independentemente da frequência), a recorrência a um *corpus* que contivesse dados relativamente recentes se mostrou mais pertinente. Além disso, para evitar que a preocupação com ‘regras’ gramaticais interferisse sobremaneira na produção dos falantes, demos preferência por registros da modalidade oral – mais especificamente, por dados de fala semiespontânea. Assim, para a pesquisa, valemo-nos dos seguintes *corpora* de língua oral que apresentam essas características: (i) C-ORAL-BRASIL e (ii) Projeto SP2010 – Amostra da Fala Paulistana. As próximas seções trazem informações sobre os *corpora*, bem como os métodos utilizados para a extração dos dados.

2.1 Os *corpora*

2.1.1 O dialeto mineiro: C-ORAL-BRASIL

O Projeto C-ORAL-BRASIL, que teve início em 2007, foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Linguagem, Cognição e Cultura (NELC) e pelo Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a coordenação dos Prof^º Dr^º Tommaso Raso e Heliana Mello. O *corpus* de mesmo nome constitui-se como parte integrante do projeto e visa retratar dados de fala semiespontânea em situações de uso bem variadas. Dessa forma, ele conta com monólogos, diálogos e conversações registradas em contextos privados e públicos, de falantes majoritariamente da região de Belo Horizonte. A equipe não se valeu de nenhum tipo de roteiro para direcionar a fala dos sujeitos. Em nosso estudo, foram analisadas 139 amostras de fala, cada uma contendo aproximadamente 1500 palavras.

2.1.2 O dialeto paulistano: Projeto SP2010 – Amostra da fala paulistana

Os dados relativos à variante paulistana foram extraídos do Projeto SP2010 – *corpus* coletado e desenvolvido, desde 2009, pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP (GESOL-USP) e coordenado pelo Prof. Dr. Ronald Beline Mendes. Atualmente, o *corpus* conta com 60 entrevistas; cada uma possui cerca de uma hora de duração. As entrevistas foram realizadas com falantes nascidos na cidade de São Paulo e com perfil socioeconômico bem variado: foram contemplados falantes do sexo masculino e feminino, de 19 a 89 anos, com níveis de escolaridade variados e que moram em diferentes regiões da cidade de São Paulo. O entrevistador, um dos membros do grupo, seguia um roteiro de perguntas acerca da família do entrevistado, de sua vida, trabalho, atividades, e requeria opiniões sobre a cidade e o sotaque dos brasileiros. Ao final da entrevista, era solicitado ao informante que lesse uma notícia de jornal e uma lista de palavras. Ressaltamos que o fato de a entrevista ser roteirizada pode ter favorecido o emprego de determinados vocábulos na produção dos paulistanos (foi recorrente o uso de verbos como *mudar-se*, *casar-se*, *adaptar-se*, por exemplo).

Considerando que o dialeto mineiro configura-se como uma das variantes do PB mais inclinadas à não utilização do clítico, acreditamos que os dados ali encontrados pudessem fornecer pistas acerca de contextos que realmente não dispensam o uso do clítico. Em contrapartida, a análise da fala paulistana seria interessante à medida que ampliaria os contextos de uso, permitindo-nos detectar se o clítico tem sido utilizado em outros tipos de construções que não aquelas contempladas pelo dialeto mineiro. Assim, embora nosso objetivo não seja o de fornecer um estudo contrastivo de ambos os dialetos, acreditamos que o uso dos dois *corpora* nos ajudou a ter um panorama mais geral quanto ao comportamento do clítico no PB.

2.2 A extração dos dados

Para a extração dos dados de ambos os *corpora*, utilizamos os arquivos de texto contendo as transcrições dos registros orais. Os arquivos relativos a cada gravação de um mesmo *corpus* foram reunidos em um arquivo único, a fim de facilitar o processo de busca pelos clíticos. Levando em consideração o fato de que, em algumas construções, os clíticos apresentam concordância número-pessoal – a exemplo das sentenças reflexivas – optamos por incluir na busca os clíticos *me*, *te*, e *nos*, além do *se*. Com essa medida, nosso intuito era o de

reunir o maior número de ocorrências e verificar a possibilidade de combinação do clítico com diferentes verbos, em diferentes tipos de construções. Não queríamos deixar de fora nenhum dado interessante, simplesmente pelo fato de ele não ter sido construído com sujeito de terceira pessoa (marcado com *se*).

Em decorrência da diferença na extensão dos *corpora*, a partir desse ponto, os métodos para a extração dos dados apresentaram pequenas diferenças. A busca pelos clíticos do *corpus* C-ORAL-BRASIL foi feita ‘manualmente’, no programa Microsoft Word, a partir do arquivo único contendo todas as transcrições. Inserimos os clíticos na caixa de busca sem dar espaço antes e depois deles. Essa medida foi tomada para evitar que ficassem excluídas dos resultados ocorrências do clítico no final de orações (quando o clítico apareceria seguido de ponto final ou vírgula) ou quando precedido de hífen. É claro que essa busca gerou como resultado muitas ocorrências não relacionadas ao clítico, como, por exemplo, a conjunção subordinativa *se*, conjugações do verbo *ser* (*fosse*, *fossem*), além de verbos como *sentar*, *sentir*, etc. Em todos os casos, as ocorrências geradas pelas buscas foram verificadas uma a uma, e as que não correspondiam ao que era buscado foram desconsideradas.

Em se tratando do *corpus* Projeto SP2010, a busca pelos clíticos foi realizada por meio do *software* R⁹, seguindo as diretrizes de Oushiro (2014). Nesse caso, também buscamos pelos clíticos *me*, *te*, *se* e *nos*. Entretanto, como o *corpus* é composto por entrevistas – contendo a fala do entrevistador e a do entrevistado –, configuramos a busca de modo que ele gerasse apenas as ocorrências dos falantes paulistanos, excluindo os dados relativos à fala do entrevistador. O programa forneceu uma lista dos clíticos encontrados, com contexto precedente e subsequente. Assim como no *corpus* C-ORAL-BRASIL, a busca gerou como resultado ocorrências não relacionadas ao clítico, como a conjunção subordinativa *se*. Os dados gerados foram checados um a um, e aqueles que não representavam instâncias do clítico foram descartados.

Alguns casos chamaram nossa atenção – seja pela baixa frequência nos resultados fornecidos pelas buscas, seja por encontrarmos, em um único trecho, o uso de determinado verbo aparecendo ora com, ora sem o clítico. Nesses casos específicos, realizamos uma busca pelo verbo em questão, excluindo a morfologia de tempo, modo e pessoa. Com isso, passamos a ter uma ideia de alguns verbos que estão apresentando maior variação quanto ao emprego do clítico e dos que estão sendo mais utilizados sem esse elemento. Durante a análise dos dados fornecida nos Capítulos 3 e 4, serão pontuados os casos mais relevantes. Todavia, gostaríamos de esclarecer que não foi realizada uma busca sistemática acerca dos contextos em que o clítico não tem sido empregado, de modo que tais dados foram comentados mais

---

⁹ Agradeço à Livia Oushiro pelo auxílio com a extração dos dados do Projeto SP2010.

com a finalidade de nos ajudar a entender o uso do clítico do que fornecer um cenário preciso do fenômeno da não ocorrência desse elemento.

Os dados que serviram de base para a análise e que serão mostrados neste trabalho foram extraídos dos arquivos transcritos. Dessa forma, eles exibem símbolos específicos que foram utilizados nas transcrições, de acordo com os métodos de cada um dos *corpora*. Listaremos, a seguir, os símbolos mais recorrentes juntamente com seus significados, caso o leitor queira consultá-los.

C-ORAL-BRASIL¹⁰

- **hhh**: tosse, riso e outros sons paralinguísticos;
- **nts**: clique que convencionaliza manifestação de incômodo;
- **&he**: hesitações por parte do falante;
- **&**: precede palavras não concluídas ou interrompidas;
- **xxx**: palavra não identificada;
- **yyyy**: trecho não identificado;
- **// (barra dupla)**: quebra terminal, delimita enunciados concluídos;
- **/ (barra simples)**: quebra não terminal, delimita unidades prosódicas internas ao enunciado;
- **+** (**sinal de adição**): quebra terminal interrompida, indica que o enunciado não foi concluído pelo falante;
- **[/n°]** (barra simples entre colchetes seguida de número): marca o fenômeno de *retracting*¹¹; o número indica a quantidade de palavras canceladas no *retracting*.

Projeto SP2010¹²

- **D1**: representa a fala do documentador/entrevistador
- **S1, S2, S3**: representa a fala dos informantes
- **{ }**: nomes próprios que possam identificar o informante são indicados por meio da inicial em maiúscula, seguida de ponto e entre colchetes

¹⁰ Adaptado de Raso e Mello (2012, p. 134-148).

¹¹ O termo está associado a situações em que o falante se corrige ou repete alguma parte da locução.

¹² Adaptado de Mendes e Oushiro (2013).

- ... (**reticências**): pausas curtas
- ( ): palavras ou expressões entre parênteses indicam hipótese do que o falante disse
- (**xxx**): trechos ininteligíveis
- / (**barra**): indica truncamento

Tendo fornecido as informações referentes aos *corpora* utilizados, bem como ao método de extração dos dados, passaremos, agora, aos capítulos dedicados à discussão e análise das construções envolvendo os clíticos. Ao tratarmos dos dados nos próximos capítulos, sinalizaremos entre parênteses e abaixo de cada um deles o *corpus* do qual foram extraídos: C-ORAL-BRASIL ou Projeto SP2010.

Capítulo 3

Entre impessoais e absolutas

Neste capítulo, trataremos do contínuo que situa, de um lado, construções impessoais e, de outro, construções chamadas de absolutas, na perspectiva da Gramática Cognitiva. Como veremos, entre esses dois extremos, existe uma diversidade de construções que exibem graus variados de elaboração da força indutora. Para esclarecer as características dos diversos tipos de construções pertencentes a esse domínio, apresentaremos, na seção 3.1, as propostas de Langacker (2008) e Maldonado (2006) – que serviram de base para o entendimento desse contínuo. Em seguida, na seção 3.2, serão discutidos os dados encontrados nos *corpora*.

3.1 Os tipos de construções e a voz média

3.1.1 A proposta de Langacker (2008)

A proposta de Langacker (2008, cap. 11) acerca da estrutura oracional – bem como dos modos de conceitualização e codificação de eventos – nas diversas línguas traz luzes para o entendimento das sentenças contendo o clítico *se* no PB. Para o autor, as noções de sujeito e objeto de uma oração não são definidas em termos do comportamento gramatical que exibem. Em vez disso, elas se pautam em uma habilidade cognitiva básica associada ao foco de atenção do falante, de modo que o comportamento gramatical do sujeito e o do objeto constituem-se como manifestações do alinhamento trajetor/marco. Assim, enquanto o sujeito é o “nominal que codifica o trajetor de uma relação perfilada, o objeto é aquele que codifica o marco” (2008, p. 365, tradução nossa).

O autor explica que, diante da dificuldade de apreendermos uma cena de maneira global e neutra, somos impelidos a direcionar nosso foco de atenção para determinadas partes do evento, e a codificação linguística refletirá essas escolhas do falante. O alinhamento trajetor/marco é, então, definido como uma manifestação linguística dessa habilidade cognitiva. Com o intuito de facilitar a apreensão do termo, Langacker propõe que trajetor e marco sejam vistos metaforicamente como elementos da cena “iluminados por ‘holofotes’ de

proeminência focal”: o trajetor corresponde ao participante focal com proeminência primária, e o marco está associado ao participante focal secundário (2008, p. 365).

As línguas apresentam diferentes tendências quanto ao participante que será escolhido como trajetor, de modo que a proeminência focal primária pode recair principalmente sobre o agente ou sobre o tema¹³. No primeiro caso, diz-se que as línguas são orientadas para o agente, e o participante mais agentivo tenderá a ser o trajetor. Em línguas que exibem esse alinhamento (que associa trajetor e agente), o tipo de oração mais comum é aquele que perfila uma interação canônica entre agente e tema e, enquanto o agente recebe o *status* de trajetor, o tema funciona como marco. Esse tipo de organização normalmente tem como base o modelo cognitivo chamado, pelo autor, de *cadeia de ação* (ou modelo da *bola de bilhar*). Nesse modelo de conceitualização de eventos, o fluxo de energia tem sua origem no participante mais agentivo e é transmitido aos outros participantes da cadeia (se houver) até atingir o participante temático.

Há também as línguas orientadas para o tema. Nestas, o tema é escolhido como trajetor, e a oração tende a perfilar um processo temático envolvendo um participante. Por trás dessa organização (que relaciona trajetor e tema), reside o modelo cognitivo denominado *alinhamento de autonomia e dependência*. De acordo com esse modelo, o processo temático é visto como um subevento independente – e, portanto, autônomo – em relação à causa ou agente que possa tê-lo desencadeado. O subevento causador, por sua vez, é dependente do processo temático, uma vez que não pode ser codificado de forma autônoma.

Apesar dessas tendências – que delineam, de alguma forma, os diferentes tipos de línguas –, é necessário ressaltar que, dentro de uma mesma língua, os falantes podem se valer de diversas estratégias para alterar essa codificação canônica da escolha do trajetor e atribuir a proeminência focal primária a outro participante (sem necessariamente alterar o modelo cognitivo de conceitualização de eventos). Segundo Langacker, uma das formas de se fazer isso é por meio da escolha da **voz**. Para exemplificar, a voz ativa é o alinhamento *default* em línguas orientadas para o agente; entretanto, se o falante optar por atribuir proeminência focal primária ao tema, ele pode utilizar a voz passiva como alternativa.

Seguindo Shibatani (1985 apud Langacker, 2008, p. 384), Langacker também considera que a função da construção passiva seja a de “desfocalizar um agente”. As razões para essa desfocalização são variadas: pode ser que o falante não conheça ou não queira revelar a identidade do agente (a exemplo de *The glass was broken* ‘O vidro foi quebrado’), ou ainda que o agente seja generalizado ou não diferenciado (como na sentença *The*

¹³ Para o autor, o termo ‘tema’ engloba vários papéis semânticos passivos, tais como paciente, movente, experienciador e zero.

environment is being seriously degraded ‘O meio ambiente está sendo seriamente degradado’). Com isso, o tema acaba se sobressaindo como o único participante focal e, consequentemente, torna-se trajetor, recebendo proeminência focal primária. O fato de o agente poder ser codificado perifrasticamente (por meio de uma *by-phrase*, por exemplo) reforça sua falta de proeminência focal.

Nas construções que o autor chama de impessoais, embora também haja certa desfocalização do agente, não há alteração no alinhamento trajetor/marco. O agente recebe proeminência focal primária e o estatuto de trajetor; o tema fica com o estatuto de marco. A desfocalização do agente se dá, então, pelo fato de que esse participante não é especificado. Sendo altamente esquemático, ele não possui saliência cognitiva, o que faz com que o tema pareça estar mais destacado, mesmo sendo o participante com proeminência focal secundária.

Em muitas línguas, outro tipo de voz pode ser empregado na codificação linguística como estratégia alternativa ao alinhamento canônico. Trata-se da voz média, que engloba um conjunto variado de construções. Langacker defende que, enquanto uma sentença transitiva (da voz ativa) evoca e perfila tanto a relação quanto os participantes envolvidos em um evento de força, uma construção que ele denomina de intransitiva absoluta conceitualiza apenas o processo temático. Uma construção média, por sua vez, é intermediária entre essas duas, já que invoca a causa do evento sem perfilá-la. Os esquemas representativos de cada tipo, adaptados da obra do autor (2008, p. 385), podem ser vistos a seguir¹⁴. Eles contribuem para o entendimento de alguns aspectos envolvidos na conceitualização dos eventos, tais como: o tipo de relação, os participantes evocados, a perfilação e a atribuição de proeminência focal primária e/ou secundária.

---

¹⁴ O esquema (b), a seguir, representa uma construção média prototípica, nos termos de Langacker (2008). Como será visto mais adiante, trata-se apenas de um dos tipos de construção pertencentes ao domínio médio. Outros esquemas serão propostos por Maldonado (2006). Vale ressaltar também que, para Kemmer (1994), a construção média prototípica é aquela que envolve eventos de *grooming* ou cuidados corporais, a exemplo de *se vestir* ou *se barbear* (a representação esquemática referente a esse tipo de construção foi apresentada no Capítulo 1 - ver seção 1.2.2, esquema (b) - e será discutida mais detalhadamente no Capítulo 4).

Legenda dos esquemas

círculo: participante; **tr:** trajetor; **lm:** marco; **seta dupla:** transmissão de energia;
elementos em negrito: perfilação

Como evidenciado pelo esquema (d), as sentenças da voz passiva evocam e perfilam toda a interação entre agente e tema, conferindo o *status* de trajetor ao tema (e não ao agente, como na transitiva). Dessa maneira, orações médias e passivas, por conceitualizarem um processo agentivo e sua interação com o processo temático, servem como construções alternativas à forma transitiva. Por outro lado, a diferença que elas apresentam – a média não perfila o processo agentivo, enquanto a passiva o faz – permite que apenas a média funcione como alternativa à intransitiva.

Em PB, o clítico *se* é empregado na codificação de diversos tipos de construções. Apesar de elas conterem o mesmo elemento (*se*), a análise de Langacker pode ajudar a distinguir e caracterizar tais construções. Seguindo o autor, a conceitualização de uma sentença impessoal apresentará o mesmo esquema de uma oração transitiva, entretanto elas serão diferenciadas pelo fato de que o trajetor, em uma oração impessoal, não é especificado. As reflexivas, por sua vez, evocam o mesmo esquema das transitivas, entretanto trajetor e marco são correferenciais (um único participante desempenha esses papéis). No caso de uma construção passiva, o mesmo esquema é evocado, mas a proeminência focal primária é atribuída ao participante temático e o agente pode ser inespecífico. As construções chamadas de médias por Langacker (2008), como já mencionado, evocam a causação sem perfilá-la e conferem ao participante temático a proeminência focal primária. A figura a seguir revela as

formas de conceitualização de eventos por trás de cada tipo de construção tratada pelo autor (esquema adaptado de Langacker, 2008, p. 396)¹⁵.

Legenda dos esquemas

círculo: participante; **tr:** trajetor; **lm:** marco; **seta dupla:** transmissão de energia; **triângulo:** participante não especificado; **círculo pontilhado:** a causa é invocada, sem ser perfilada; **linha pontilhada:** indica correspondência

Na visão da Gramática Cognitiva, embora essas construções sejam diferentes, o que faz com que algumas delas possam ser marcadas com o clítico é o fato de serem intermediárias entre construções transitivas – que possuem alto grau de elaboração – e intransitivas, cujo grau de elaboração é mais baixo. As sentenças com o *se* encontram-se entre esses dois extremos, uma vez que algum de seus elementos é menos elaborado.

Entender a forma como o evento é conceitualizado e sua relação com a codificação linguística auxiliará na compreensão do papel que o clítico *se* exerce nas diferentes

¹⁵ O tipo de construção visto no esquema (b) representa casos de incorporação de objeto, em que o marco não é especificado na sentença. Para exemplificar, o autor (2008, p. 395) se vale de uma sentença do náuatle clássico, língua da família uto-asteca:

(1) Ni-tla-k^waa-s.
1s-thing-eat-fut
'I will eat.'

Em (1), *tla-* é altamente esquemático (indica apenas que o paciente é não humano) e possui a função de permitir que um verbo transitivo ocorra com apenas um participante especificado na sentença. Trata-se de uma construção semelhante à impessoal, mas que traz o marco inespecificado na sentença – e não o trajetor. Tendo em vista que nosso foco é a ocorrência do clítico *se* no PB, esse tipo de construção não será discutido aqui.

construções encontradas nos *corpora*. Por esse motivo, a descrição dos tipos de sentença feita pelo autor servirá como pano de fundo para a análise dos dados.

Contudo, como o próprio Langacker (2008) sugere, a proposta de um único esquema para a voz média não é capaz de representar a ampla diversidade de construções pertencentes a esse domínio. A análise de Maldonado (2006) para o *se* do espanhol traz uma descrição mais fina das sentenças formadas com o clítico *e*, embora o autor acredite em um esquema básico prototípico para essas construções (contendo uma força esquemática e foco na parte final do evento), ele também explora as outras possibilidades.

3.1.2 Maldonado (2006) e o nível de esquematicidade da força indutora

À semelhança de Langacker (2008), Maldonado defende que as construções médias estariam localizadas entre as transitivas (que possuem máxima proeminência de transferência de energia), de um lado, e as absolutas (sem energia perfilada), de outro. Em se tratando do domínio ‘passivo’/impessoal, o clítico *se* vem marcar que a força iniciadora – ou indutora – do evento está sendo manifestada de modo esquemático. Todavia, essa força indutora pode ser elaborada em maior ou menor grau, gerando uma variedade de construções e, conseqüentemente, de significados, como se observa nos esquemas abaixo (adaptados de Maldonado, 2006, p. 272-273):

Legenda dos esquemas

círculo: participante; **círculo pontilhado:** estado implícito do participante; **seta:** transmissão de energia; **seta quebrada:** mudança de estado; **quadrado sobre círculo:** focalização; **triângulo pontilhado:** agente esquemático; **S:** sujeito; **OD:** objeto direto

O diagrama mostra um aumento gradual da energia envolvida no evento, a partir da **construção absoluta**. Esta tem como característica a ausência total de energia, como

evidenciado pelo esquema (A). Um dos exemplos dados pelo autor (2006, p. 272) é a seguinte sentença: *El ruido disminuyó* ('O ruído diminuiu'). Maldonado posiciona-se de forma contrária a propostas que consideram o clítico *se* um marcador que cancela o argumento externo em sentenças como *La puerta se abrió con el viento* ('A porta se abriu com o vento') (Suñer, 1983 apud Maldonado, 2006, p. 274). Para ele, cancelar o argumento externo implica eliminar totalmente o agente ou a força indutora do evento, de modo que o resultado desse processo deveria ser uma construção absoluta. Na sentença que acabamos de mencionar, o autor segue Suñer e defende que não há eliminação total de energia; trata-se apenas de uma indução não humana. Um exemplo de eliminação total da energia indutora seria a sentença *La taza se rompió de pronto sin que nadie le hiciera nada* ('O copo quebrou de repente sem que ninguém fizesse nada').

Contudo, entre esse tipo de construção e as construções impessoais, há casos intermediários. Um desses casos pode ser ilustrado pelas sentenças *La ropa se mojó con la humedad* / *La maleta se perdió en el aeropuerto* ('A roupa (se) molhou com a umidade' / 'A mala se perdeu no aeroporto'). Segundo Maldonado (2006, p. 275), trata-se de eventos em que a transmissão de energia não é proeminente, já que a causa é um fenômeno ambiental ou se deve à falta de controle de um possível agente.

Já o esquema (B) remete à construção que o autor chama de **média apresentacional**, exemplificada pela sentença *Los exploradores se encuentran en el desierto* ('Os exploradores se encontram/estão localizados no deserto') (2006, p. 276). Tal construção é formada com o clítico *se* e tempo presente. Nesse caso, a presença de energia é mínima, ou quase nula, uma vez que a construção conta com a existência de um conceitualizador que assiste ao evento. Outros exemplos dados pelo autor incluem as sentenças (2006, p. 277):

- (1) a. *La historia se trata de dos niñas que salen al bosque...*
'A história trata de duas meninas que vão para a floresta'
- b. *Ese tipo de problemas se presentan muy rara vez en la escuela*
'Esse tipo de problema se apresenta muito raramente na escola'
- c. *Antes esas cosas pasaban todos los días, ahora simplemente no se dan*
'Antes essas coisas aconteciam todos os dias, agora simplesmente não se dão'
- d. *Se está haciendo tarde*
'Está ficando tarde'

A construção **média de atributo interno** está esquematizada em (C) e também denota um nível baixo de transferência de energia. Segundo Maldonado, nesse tipo de sentença, “a mudança de estado depende menos de uma força externa do que da configuração interna do elemento temático” (2006, p. 278, tradução nossa). Um dos exemplos citados pelo autor pode ser visto abaixo:

(2) *Estos coches se venden bien*

‘Estes carros vendem bem’

De acordo com ele, algumas características definem esse tipo de sentença: a) o elemento temático é o sujeito da oração; b) existe um agente humano implícito que executa a ação; c) a realização do evento depende mais das características do elemento temático do que da ação do agente humano; d) a construção está sempre no presente e coloca em perfil as tendências naturais do elemento temático e, por fim, e) a predicação vem normalmente acompanhada por advérbios modais que expressam a facilidade ou dificuldade com que a ação se desenvolve (2006, p. 279)¹⁶. Vale mencionar que, em PB, o clítico *se* não costuma ser empregado nesse tipo de construção.

Para Maldonado (2006), é possível que algumas sentenças do espanhol apresentem ambiguidade, como mostra o exemplo *Lo siento mucho señor, pero este coche no se vende* (‘Sinto muito, senhor, mas este carro não (se) vende’). Se a sentença for interpretada como uma média de atributo interno, são as propriedades do carro que dificultam sua venda. Por outro lado, de acordo com a segunda leitura, o carro não foi posto à venda. Segundo Maldonado, o aspecto do verbo, bem como a ancoragem em relação ao conceitualizador, pode ajudar a diferenciar uma interpretação de outra. O uso do perfectivo e a alusão a uma instância particular de carro – como na sentença *Ese coche no se vendió* (‘Esse carro não se vendeu’) – levam à segunda leitura, em que a indução do agente faz parte do evento. Nesse caso, o evento está ligado à presença do conceitualizador. Para que se obtenha a leitura relativa à média de atributo interno, a sentença deve ter referência de tempo genérica, e o objeto temático é tratado como um tipo (também genérico e representativo, e não como instância particular). Como, em PB, as médias de atributo interno normalmente não são

¹⁶ A descrição e os exemplos oferecidos pelo autor deixam claro que esse tipo de construção equivale a sentenças do tipo *The floor paints easily* (‘O chão pinta fácil/facilmente’), chamadas de construções médias por Keyser e Roeper (1984).

marcadas com o clítico, a única interpretação que parece decorrer de uma sentença como *Esse carro não se vende* é aquela referente à leitura impessoal (*A gente não vende esse carro*).

Ao falar sobre forças esquemáticas, o autor atesta que a maioria das construções médias possui algum tipo de energia indutora. Essa energia que provoca a mudança de estado pode ser interna ou externa e, em determinadas circunstâncias, haverá ambiguidade quanto a uma ou outra interpretação. É o que se observa no exemplo do espanhol *El tren se paró* ('O trem parou'), em que o evento pode ter se dado por conta de circunstâncias externas (subida acentuada, trilhos em más condições) ou por más condições do próprio trem (2006, p. 283). Para Maldonado, a ambiguidade decorre do fato de o clítico *se* indicar que o evento não foi induzido por uma força agentiva. Entretanto, ainda assim, existem diversas possibilidades de indução, e o que auxiliará na interpretação das sentenças é a informação lexical relativa ao tema e também ao verbo.

Em relação ao tema, o autor explica que, se ele contiver traços de autoativação, a tendência é a de que a energia seja interna. Assim, *aparelhos eletrônicos* podem dar margem a essa leitura, ao passo que objetos como *mesas* não sofrerão/realizarão autoativação. Quanto ao verbo, se ele indicar uma ação que pode ocorrer sem um agente externo, a energia também tende a ser interna. Para exemplificar, o autor se vale dos verbos *quebrar* e *romper* em espanhol. Enquanto o primeiro pode ser usado para codificar um evento sem nenhuma força envolvida (*Sin que nadie la tocara, la taza simplemente se quebró* / 'Sem que ninguém o tocasse, o copo simplesmente quebrou'), o verbo *romper* tende a ativar primeiramente a leitura de que há uma força externa (*La taza se rompió cuando la puse sobre la mesa* / 'O copo (se) quebrou quando o coloquei em cima da mesa').

Dessa maneira, o autor reforça que o *se* mantém sua função de focalizar a mudança de estado sofrida, mas tal processo depende tanto das características do tema quanto do verbo (2006, p. 284). E, mesmo que um verbo tome sujeitos agentivos e denote atividade, se não houver um elemento agentivo que possa ser identificado como indutor, teremos a leitura de indução interna. Seguem alguns exemplos do espanhol:

(3) a. *Las cosas se están poniendo feas en Latinoamérica*

'As coisas estão ficando feias na América Latina'

b. *El coche se descompuso*

'O carro se desfez'

c. *Se solucionó el problema*

‘Se solucionou o problema’

Voltando ao diagrama, Maldonado esclarece que a diferença entre os esquemas B e C envolve as características do tema (de ser um elemento ativo ou não) e do verbo (de denotar uma atividade que possa ser internamente gerada). Assim, verbos que permitem mudança de estado por indução interna (a exemplo de *parar* ‘parar’, *descomponer* ‘descompor/desfazer’, *quemar* ‘queimar’) apresentarão uma estrutura semelhante à de verbos de ação corporal (como *sentarse* ‘sentar-se’) (2006, p. 287).

Já o esquema (D) representa uma construção que Maldonado chama de **média prototípica**¹⁷ ou média com proeminência terminal (MPT), formada com o clítico *se* e verbos que pressupõem indução externa. Essa fonte de energia pode aparecer na forma oblíqua: *La puerta se abrió con el viento* (‘A porta (se) abriu com o vento’) / *La pared se ensució con la lluvia* (‘A parede (se) sujou com a chuva’). O autor cita duas condições necessárias para que se obtenha esse tipo de construção: (i) distinção entre a força indutora e a mudança de estado sofrida pelo participante, (ii) a parte final do evento deve ser mais proeminente que a fase indutora (2006, p.287).

Sua análise também aborda as diferenças entre as médias de proeminência terminal (MPT) e as construções passivas perifrásticas. Apesar de ambas focalizarem a mudança de estado sofrida pelo elemento temático, nas passivas não há redução do evento ou eliminação de participantes. Já as MPT apresentam uma simplificação do evento, que se dá em virtude do aumento do grau de esquematicidade da força indutora. De acordo com Maldonado, o *se* indica a presença de um “indutor esquemático não necessariamente humano” e, por isso, as construções com *se* não aceitam tão facilmente a reintrodução de um agente específico por meio da *by-phrase*, como observado com a passiva perifrástica. Assim, a agramaticalidade da sentença **Esos problemas se resolvieron por Juan* (*Esses problemas se resolveram pelo Juan) contrasta com a boa formação da passiva: *Esos problemas fueron resueltos por Juan* (Esses problemas foram resolvidos pelo Juan) (2006, p.289-290).

O fato de o clítico *se* indicar uma força esquemática não humana nas construções médias não exclui a possibilidade de que esse mesmo elemento seja utilizado para marcar uma força indutora humana. Esse é o caso das construções impessoais e, segundo Maldonado, “o que determina a emergência de uma construção impessoal é o requisito do verbo de ser construído com agentes humanos” (2006, p. 306). Para identificar se uma sentença com *se*

¹⁷ Como já apontado anteriormente, Kemmer (1994) e Maldonado (2006) apresentam visões diferentes do que constitui uma construção média prototípica. Para a autora, uma construção média prototípica envolve eventos de *grooming* ou cuidados corporais. Já para Maldonado, a média prototípica envolve a conceitualização de uma força indutora externa com menor grau de elaboração, além de foco na porção terminal do evento.

possui propriedade ativa ou ‘passiva’, devemos olhar para as diferenças de proeminência entre o elemento temático e o elemento indutor da mudança de estado. Tais diferenças estão associadas ao *requisito de agentividade do verbo*¹⁸ e, no caso de o agente ser mais proeminente, teremos uma perspectiva impessoal e ativa (2006, p. 307-308). Nesse tipo de sentença, a construção inclui todo o evento, desde a indução do agente esquemático até a mudança de estado.

Maldonado investiga mais a fundo as construções impessoais e mostra como o *se* se relaciona com o aspecto (perfectivo ou imperfectivo) da sentença. O autor explica que os morfemas perfectivos marcam o ponto final de um evento, de modo que há certa harmonia entre perfectividade morfológica e proeminência terminal (que foca a parte final do evento) (2006, p. 294). Assim, nos eventos perfectivos, a proeminência é terminal, e a força indutora fica em segundo plano. Os eventos imperfectivos, por outro lado, “tendem a abrir o espectro conceitual, de modo que a força indutora ganha proeminência e coexiste com a implementação da mudança de estado designada pelo verbo” (2006, p. 306). O que ocorre, então, nessas construções imperfectivas, é que a presença de um agente neutraliza os efeitos de focalização do marcador médio. Esse processo leva o autor a propor que as sentenças formadas com o clítico e com um verbo de alta agentividade humana serão sempre impessoais e ativas. Dentre os exemplos citados no texto, ressaltamos dois: “*Se espera una nueva propuesta en las próximas semanas* (‘Espera-se uma nova proposta nas próximas semanas’) / *Se supone que la quería muchísimo*” (‘Supõe-se que a amava muito’) (2006, p. 308).

Se essas mesmas sentenças forem construídas com tempo passado, por exemplo, o destaque vai para a parte final do evento (já que o marcador perfectivo designa uma ação terminada): *Se esperó una nueva propuesta* (‘Esperou-se uma nova proposta’) / *Se supuso que la quería muchísimo, en ello consistió el error* (‘Supôs-se que a amava muito, nisso consistiu o erro’) (2006, p. 309). Contudo, isso não diminui a relevância do iniciador, uma vez que verbos como *esperar* e *suponer* possuem alto requisito de agentividade humana. Também nesses casos o mais importante é a atividade que um sujeito não identificado realiza. As representações visuais referentes a essas duas construções (imperfectiva vs. perfectiva) podem ser vistas a seguir. São versões mais detalhadas dos esquemas (E) e (F) do diagrama geral (estes esquemas foram adaptados de Maldonado, 2006, p. 309):

---

¹⁸ Por vezes, em sua proposta, o autor também se refere a esse requisito como *requisito de humanidade* ou *requisito de agentividade humana do verbo*. Acreditamos que sejam termos equivalentes, já que, por trás de ambos, está a ideia de que o verbo exige um indutor humano, mesmo que ele não seja necessariamente um agente. Além disso, como já mencionado na Introdução deste trabalho, o termo *agente* é empregado pelo autor de forma bem ampla.

Impessoal típica

Impessoal perfectiva

Legenda dos esquemas

triângulo pontilhado: agente esquemático; **círculo:** participante; **quadrado sobre círculo:** focalização; **seta quebrada:** mudança de estado; **A:** agente; **P:** paciente

Para o autor, a diferença está no fato de que os efeitos focalizadores do clítico *se* estão na base na sentença imperfectiva (que ele chama de **impessoal típica**), ao passo que, na perfectiva, eles são postos em perfil. Essa última é denominada **impessoal perfectiva**.

Por fim, ele menciona as construções passivas impessoais, representadas pelo exemplo: *En este país se es perseguido por la policía* ('Neste país, se é perseguido pela polícia') (Jaeggli, 1986 apud Maldonado, 1986, p. 311). Trata-se de casos que combinam passividade – já que o tema é promovido a sujeito – e impessoalidade, por conta da esquematização do sujeito paciente (marcada pelo *se*).

Fica destacada, na análise do autor, a importância do requisito verbal para as construções com *se*. Verbos com alto requisito de humanidade (a exemplo de *ler*, na sentença *Se leyó el acta* 'Leu-se a ata') exigem a presença de um indutor humano, mesmo que ele seja genérico ou indefinido. De acordo com Maldonado, "essa onipresença do agente atenua a função simplificadora do clítico *se*, reduzida nesse tipo de verbos à não identificação do agente" (2006, p. 312). Apesar de haver proeminência terminal nesses casos, ela não deixa de mostrar o indutor como figura do evento – diferentemente do que ocorre com verbos de baixo grau de agentividade humana.

Ao tratar de questões como (i) concordância entre verbo e elemento temático plural e (ii) ordem dos constituintes na sentença, Maldonado mantém sua posição: o requisito de agentividade verbal é o fator de maior peso para a interpretação das sentenças como 'passivas' ou ativas. Depois dele, seguem, nesta ordem, os fatores: aspecto lexical ou morfológico, concordância e posição dos constituintes (2006, p. 315).

Em relação à concordância, o autor reconhece que ela atribui proeminência ao elemento com que concorda, contudo isso não significa que tal elemento receba o nível máximo de proeminência na construção. Em sua proposta, dois aspectos relativos à

concordância são ressaltados: (i) ela impõe um grau especial de topicalidade a um elemento proeminente, que não é necessariamente o sujeito; (ii) ela se estabelece sempre com o sintagma nominal de maior proeminência presente na construção. Segundo o autor, nas sentenças transitivas prototípicas, a concordância acaba determinando o sujeito, uma vez que ela ressalta o nível de proeminência de um participante importante. No entanto, quando se trata de um evento simplificado (em que a força indutora é genérica ou não identificada), ela aumenta a proeminência de um elemento que possui menor destaque: o tema. O autor chega inclusive a propor que, nas construções impessoais com *se* que apresentam concordância com o tema, “o verbo concordará com o primeiro sintagma nominal que aparecer” (2006, p. 316-317). E, se o agente estiver conceitualizado de forma esquemática, a concordância se dará com o objeto direto, seguindo a hierarquia de concordância proposta por Givón: sujeito > objeto direto > objeto indireto > genitivo > objeto de complemento (Givón, 1976 apud Maldonado, 2006, p. 317).

Segundo Maldonado, situação semelhante pode ser verificada com a posição pré-verbal. Esta também é proeminente; todavia, o fato de o tema ocupar essa posição não significa que ele tenha se transformado em sujeito, já que podemos estar diante de um tema topicalizado. Assim, se a atividade realizada pelo agente for o aspecto mais importante da sentença, mesmo havendo concordância entre verbo e objeto e mesmo que o objeto ocupe uma posição pré-verbal, a sentença será interpretada como impessoal ativa. Esses aspectos podem ser observados no seguinte exemplo do espanhol: *Las canciones de protesta se cantan en las fiestas* (As canções de protesto se cantam nas festas). De acordo com o autor, trata-se de uma construção impessoal ativa com tema topicalizado (2006, p. 318). Mas também existe a possibilidade de o tema ocupar uma posição de sujeito (em vez da posição de tópico) e gerar uma construção MPT. Isso acontecerá se o requisito de agentividade humana do verbo for baixo.

Pela proposta de Maldonado, podemos notar que as construções impessoais apresentam alto grau de distinguibilidade entre os participantes do evento. Ao contrário do que ocorre com as MPT, a conceitualização da cena é ampliada de maneira a incluir todo o evento, desde a indução de energia. Levando esse aspecto em consideração, o autor defende que a construção impessoal é a que mais se aproxima da transitiva prototípica, como se observa nos esquemas (F) e (G) do diagrama. A distinção entre esses dois tipos de construção reside no fato de que, na impessoal, o indutor é esquemático, ao passo que, na transitiva prototípica, ele é mais específico, definido e referencial.

3.2 Descrição e análise dos dados

Para a descrição e análise dos dados, tomaremos como pano de fundo as propostas de Langacker (2008) e Maldonado (2006), principalmente quanto aos diferentes tipos de sentenças que podemos construir com o *se* e as diferentes relações que se estabelecem, em cada um desses tipos, entre força indutora e parte final do evento. Serão considerados fatores como requisito de agentividade humana do verbo, ordem dos constituintes e concordância entre verbo e elemento temático, como já discutido anteriormente na análise de Maldonado (2006). Verificaremos também se as análises já propostas dão conta de explicar os fenômenos encontrados.

3.2.1 As construções impessoais

Iniciaremos a discussão com as construções que foram mais facilmente identificadas como impessoais. Retomando Maldonado (2006), elas apresentam uma estrutura mais próxima das transitivas, ou seja, a força iniciadora do evento e o participante afetado – quando presente – são entidades diferentes. A porção inicial do evento recebe proeminência da mesma maneira que a porção terminal, de forma que o evento, como um todo, está sendo focalizado.

Assim como foi sugerido por Langacker (2008) e Maldonado (2006), o que faz com que a parte inicial pareça estar menos destacada é o fato de que tal força indutora está presente de forma esquemática¹⁹ e menos elaborada do que um sujeito específico, definido e referencial (rever os esquemas (c) – de Langacker, página 41 – e (F) – de Maldonado, página 43). Contudo, ela ainda remete a um indutor humano, seja ele genérico ou indefinido – o que pode ser corroborado pela possibilidade de o clítico alternar com os sintagmas *a gente* / *as pessoas* / *alguém*. Um exemplo de sentença impessoal pode ser visto a seguir:

---

¹⁹ O grau de elaboração dessa força esquemática pode variar e, como resultado, teremos diferentes interpretações: (i) um participante esquemático distinto do falante (significando *alguém*); (ii) uma representação esquemática do falante (que pode ter o sentido de *nós*) ou (iii) um sujeito genérico (que pode incluir falante, ouvinte e qualquer outro participante) (Maldonado, 2006, p. 345). No âmbito da Gramática Gerativa, Cinque (1988) também discute as diferentes possibilidades de interpretação do sujeito impessoal em sentenças do italiano. As sutilezas relativas à interpretação desses sujeitos não serão contempladas neste trabalho, tendo em vista que todas elas remetem a um participante com traço humano e não interferem na identificação da construção como sendo impessoal.

- (1) mas / acredita-se / &he / num primeiro momento / que a dificuldade que o surdo enfrenta com a língua portuguesa / seja realmente / por uma escola / que não atende às necessidades / &he / educacionais daquela pessoa //

(C-ORAL-BRASIL)

Essa referência a um sujeito não específico é reforçada pelo fato de que esse clítico assume sempre uma forma invariável (*se*), sem concordância com traços de pessoa, como proposto por Burzio (1986). Isso faz com que o clítico impessoal não esteja associado à correferencialidade entre sujeito e objeto ou entre iniciador e alvo do evento. No exemplo acima, há um sujeito crente, aquele que acredita em algo, e o objeto da crença (no caso, um conteúdo oracional), de modo que se trata de participantes distintos e não correferenciais. Essa não correferencialidade também evidencia que não há expectativa de que o próprio sujeito realize a ação sobre si.

As sentenças impessoais também podem ser construídas com verbos que evocam apenas um participante. Nessas construções, a questão da distinguibilidade entre os participantes não se coloca, e o *se* continua fazendo referência a um indutor humano. É o que podemos observar nos dados a seguir, em que o clítico representa o sujeito dos verbos *viver* e *comer*:

- (2) S1 mas acho que no geral as pessoas devem pensar que aqui se vive mal que aqui é tudo difícil tudo é ruim em parte é verdade também né? D1 uhum

(Projeto SP2010)

- (3) S1 São Paulo é uma cidade que é bem provida nisso S1 e e é até conhecida mundialmente por isso né D1 aham D1 mas você/ S1 come-se bem pra caramba também né

(Projeto SP2010)

Tentaremos esboçar, em linhas gerais, um panorama das sentenças impessoais encontradas em ambos os *corpora*. Com esse panorama, não pretendemos oferecer informações quantitativas, mas delinear tendências quanto ao uso da construção impessoal pelos falantes.

Em primeiro lugar, notamos que a maior parte dessas sentenças está associada a contextos mais genéricos (com tempo presente ou pretérito imperfeito) ou a verbos no infinitivo. Os contextos com referência de tempo específica, como o pretérito perfeito,

também aparecem na produção dos falantes, embora com menor frequência. Isso nos remete à distinção entre impessoais típicas e impessoais perfectivas, proposta por Maldonado (2006). Para o autor, nas primeiras, os efeitos focalizadores do clítico *se* ficam na base da conceitualização; já no segundo tipo esses efeitos ficam em perfil, ressaltando ainda mais a parte final do evento (a comparação entre os dois tipos de construções pode ser vista nos esquemas da página 49). Essa diferença apontada pelo autor mostra-se relevante quando olhamos para os dados do PB e chama a atenção para um aspecto interessante quanto ao uso das construções impessoais com *se* em nossa língua: o maior emprego de contextos genéricos parece sugerir que o *se* tem sido utilizado pelos falantes, nesse tipo de construção, mais para “inespecificar” o agente do que para focalizar a parte final do evento²⁰. Observe as sentenças abaixo, extraídas de um dos *corpora*:

- (4) falar que eu não posso juntar prova S1 me dá o direito S1 de eu falar "não não fui eu" S1 "foi fulano de tal" S1 então desvia-se S1 uma equipe muito grande pra/ "foi fulano de tal vamos investigar vamos não sei o que lá" S1 cria-se prova contra essa pessoa S1

(Projeto SP2010)

- (5) lá? S1 mudou porque verticalizou... né? S1 teve muito coisa/ teve muita construção de prédios quer dizer houve um adensamento populacional muito grande Dados Contextuais [pigarro-S1] S1 criou-se uma região cada vez maior em termos de comércio... né? S1 então/ existem centros de compras como a João Cachoeira

(Projeto SP2010)

Ao confrontarmos os dois dados, a análise de Maldonado parece se confirmar. Quando ouvimos uma sentença como (4), todo o evento vem à mente com o mesmo destaque, de modo que a força indutora e a parte final do evento parecem mais equilibradas (apesar de a força indutora ser conceitualizada de forma esquemática). Já em (5), com o verbo no perfectivo, o resultado final desse evento (ou seja, a criação de uma região cada vez maior em termos de comércio) parece mais evidente do que a força indutora. Assim, além de essa força

²⁰ Lembramos que essa sugestão foi feita com base nos dados dos *corpora* analisados. É possível que outro tipo de *corpus* (a exemplo de textos jornalísticos ou artigos científicos) revele maior quantidade de construções impessoais perfectivas. Assim, para confirmar essa hipótese, faz-se necessária uma investigação em *corpora* contendo textos diversificados.

ser conceitualizada de forma esquemática, o uso do perfectivo também contribui para que a porção final do evento se sobressaia.

Quando o verbo não implica necessariamente um estado resultante, essa diferença se mostra mais sutil, embora ainda possa ser notada, como vemos abaixo:

- (6) cultural... eu gosto/ acho bem interessante essa coisa cultural e gosto de comer bem
 S1 então eu gosto S1 acho que se come muito bem em São Paulo e se vê
 muita coisa boa muita peça boa S1 muita apresentação de circo boa S1 muita coisa
 que está viajando que vem pro Brasil show enfim S1 vem

(Projeto SP2010)

- (7) // se / há / cinco / dez anos atrás nós não tínhamos surdos na universidade /
 consecutivamente / a necessidade de sinais / pra responder aos anseios / desse [1]
 dessas &no [2] deste [1] deste novo léxico a que ele tinha acesso / não [1] não
 [1] não existia // então / com a entrada de surdos no meio acadêmico / e em
 diversas áreas do conhecimento / viu-se a necessidade / então / de pensar sinais
 que respondessem / à [1] à necessidade daquele aluno // ou seja / ele precisa
 construir linguagem / linguagem técnica / em língua de sinais / pra que ele
 comunique / e pra que o conhecimento que é apresentado em sala de aula / e nos
 livros / e nas palestras / e na conversa com os colegas / ele possa ter acesso
 também //

(C-ORAL-BRASIL)

Ambas as construções evocam a conceitualização de uma força indutora humana e esquemática. Contudo, em (6), o iniciador do evento e sua atuação recebem maior ênfase do que em (7). Nesta, a porção final do evento é que fica mais destacada, por conta do aspecto perfectivo.

Em se tratando do papel que o *se* exerce nas construções impessoais, os dados discutidos até o momento mostram que uma das funções do clítico é a de fornecer um sujeito genérico/arbitrário para as sentenças. Mas há também os casos em que o contexto é capaz de nos fornecer um antecedente que poderia funcionar como sujeito da oração em questão. No entanto, justamente porque há um potencial antecedente é que o falante lança mão do clítico. Com isso, ele indica para o interlocutor que tal antecedente não deve ser interpretado como

indutor daquela ação; na verdade, o indutor deve ser concebido como sendo genérico ou indefinido. Um exemplo desse uso pode ser visto em:

- (8) *JAN: <que é o> [/2] é o kitsch / né // que na verdade é o que mais vende // o kitsch é o que se faz de conta que é arte / e ã dá muita complicação / as pessoa leva pa decorar parede / tá cheio por aí // a arte mesmo / ela te obriga a pensar / refletir / &he / sempre traz um [/1] alguma / coisa que vai te enriquecer / o teu [/2] a tua visão de mundo / a / &de + quer dizer / é um yyyy //

(C-ORAL-BRASIL)

Se a sentença tivesse sido formada sem o clítico (*O kitsch é o que faz de conta que é arte*), seríamos levados a entender que o próprio kitsch faz de conta que ele é arte. A presença do clítico, por sua vez, vem mostrar que as pessoas em geral é que fazem de conta que o kitsch é arte. Outro exemplo envolve a ocorrência a seguir:

- (9) Olimpíada chega numa época da Copa a molecada S1 gosta fica vendo poxa S1 de repente sai um aí sabe acho que numa peneira aí de uns dez um se aproveita pra... S1 um pra natação outro pra ginástica olímpica outro D1 uhum S1 questão de mostrar pra eles ali o caminho S1 eles não têm

(Projeto SP2010)

Nesse caso, o *se* indica que a figura de um potencial treinador ou ‘olheiro’ funciona como iniciador de *aproveitar*, e que os meninos desempenham o papel de alvo. Sem o clítico, a primeira interpretação que emerge é aquela em que os meninos é que aproveitam a chance para entrar na natação.

Outro dado interessante pode ser visto abaixo:

- (10) *ADE: <e> teve / casos / quando eu era soldado / de + primeiro [/1] uma coisa que a gente ã esquece / é o primeiro cadáver que se pega // &he / &he / um [/1] pegou um cadáver que / tinha caído numa cisterna / ele tinha lá [/2] tava lá há tanto tempo / quando eu desci / que / era [/2] e como eu era recruta / e os / antigo / sempre faz isso com os recruta / manda descer / pega aí / pega o bruto / como eles falam // que quando a gente sempre / &s [/1] menciona um cadáver como "presunto" // pega o presuntão aí // que eu peguei o braço do [/1] do [/1] do distinto

/ e veio [/2] eu fiquei com [/1] só com o braço na mão //

(C-ORAL-BRASIL)

Nessa construção, a ausência do *se* poderia provocar um estranhamento no falante: *Uma coisa que a gente nunca esquece é o primeiro cadáver que pega*. Com certo esforço, até conseguimos recuperar semanticamente o sintagma *a gente* como sujeito do verbo *pegar* (leitura facilitada inclusive pelo fato de um cadáver não ser, em condições usuais, capaz de pegar alguma coisa). Contudo, a presença da oração relativa poderia nos levar a considerar o *primeiro cadáver* como sujeito de *pegar*. O uso do *se* vem, então, sinalizar ao leitor que o cadáver é o objeto de uma oração que tem um sujeito indefinido desempenhando o papel de agente.

A introdução da figura de um iniciador esquemático por meio da inserção do *se* pode ser verificada mesmo quando não há outro elemento expresso na sentença que possa funcionar como antecedente. A sentença (11) mostra essa situação:

- (11) melhorar a coisa não S1 o que vai melhorar a coisa... é dignidade e trabalho S1
caráter S1 consciência esses valores que melhoram S1 sem isso não se____
melhora nada S1 isso é com trabalhador... S1 é com funcionário é com governo é
com... S1 pai de família com chefe de família com mulher com

(Projeto SP2010)

Vemos que a sentença sem o *se* (*Sem isso, não melhora nada*) gera a interpretação de um evento menos controlado e menos dependente da ação humana quando comparado com a sentença construída com o clítico (*Sem isso, não se melhora nada*). Nesse caso, o *se* traz para a sentença a ideia da atuação controlada e intencional de uma força indutora humana.

Esse papel de reforçar a presença de um indutor humano (ou mesmo a ação desse indutor) que o *se* desempenha também pode ser notado em construções nas quais a ausência do clítico não altera a interpretação ou a boa formação das sentenças:

- (12) // tô perdendo um tempo / eu podia tar aqui / cortando uma roupa / agasalhando
uma criança / esse negócio todo // mas nã é bem assim // nós temo que olhar / que
pra [/1] pra [/1] pra &cont + nã é contentar pessoalmente // mas pra harmonizar /
os objetivos [/2] os objetivo que a gente se propõe / a gente tem que dar satisfação
do que se faz // agora / o legal de [/1] dessa coisa toda / dos grupos serem pequeno

/ eu sinto / dentro do espiritismo / é que um grupo apóia o outro independente de comando //

(C-ORAL-BRASIL)

- (13) // então não é um curso perdido // mas eu só falo com você que é um curso que / exige muito do aluno / é um curso / &he / que pesa / muito / financeiramente / que é o curso de publicidade / mas / que é um curso bem gostoso de se fazer // é um curso bem gostoso mesmo // de tar se fazendo //

(C-ORAL-BRASIL)

Essas sentenças poderiam facilmente ser construídas sem o *se*, sem causar prejuízo à interpretação: *A gente tem que dar satisfação do que faz. / É um curso bem gostoso de fazer, é um curso bem gostoso mesmo de estar fazendo*. Entretanto, o falante parece ter a intenção de enfatizar o processo verbal e a atuação de um iniciador, por meio do clítico. Esse último dado parece inclusive corroborar a hipótese de Negrão e Viotti (2015), segundo a qual o uso do clítico *se* diante de infinitivo (nos casos em que poderia ser dispensado) “acentuaria as características propriamente verbais do infinitivo que, de outra maneira, estaria mais próximo de uma forma nominal”.

Considerando, ainda, as ocorrências em que o clítico seria dispensável, é interessante notar um caso de inovação na produção de um falante do dialeto paulistano, retratado nos dados que seguem:

- (14) D1 mas acontece muito assalto por lá essas coisas? S1 não que eu saiba... né?... mas pra bairros um pouquinho S1 porque como lá é um bairro vamos se dizer ainda bem simples né pessoas mais pobres assim... então não tem muito assalto ali no bairro né? D1 uhum S1 e também porque tem bastante policiamento agora
(Projeto SP2010)

- (15) causa da convivência S1 né... porque se você convive no meio de pessoas D1 uhum S1 né que expressam palavras diferentes palavras corretas S1 você consegue... vamos se dizer... dar uma melhorada no seu português S1
(Projeto SP2010)

Apesar de já haver um sujeito implícito (*nós*, representado pela flexão em *vamos*) que pudesse ser tomado como iniciador de *dizer*, a inserção do clítico parece enfatizar sua presença nessa

ação. É possível levantar a hipótese de que o falante tenha evocado partes de duas expressões já prontas, ambas remetendo a um sujeito genérico: *vamos dizer* e *como se diz*. Não podemos considerar, no entanto, que essa combinação represente uma falha no momento da enunciação, já que foram encontradas nove ocorrências desse tipo na entrevista com o falante. Assim, mesmo com a combinação de expressões (como parece ser o caso), é plausível pensarmos que, quando o falante quer exprimir essa situação, sua conceitualização envolve um iniciador mais proeminente associado ao evento de *dizer*.

O que todos esses exemplos mostram (desde o fornecimento de um sujeito para o evento até o uso dispensável do clítico) é que o efeito que o *se* aporta para a oração é o de incluir ou reforçar a presença de um indutor humano esquemático na conceitualização do evento e, conseqüentemente, enfatizar o processo verbal sobre o qual ele atua. Assim, como esse indutor também recebe proeminência, temos sentenças impessoais ativas, como propõe Maldonado (2006).

Em se tratando da ordem em que os constituintes aparecem na sentença – ou seja, se o elemento temático aparece anteposto ou posposto ao verbo²¹ –, notamos que, em ambos os *corpora*, ao formar construções impessoais, os falantes preferem codificar o argumento interno em posição pós-verbal. Vejamos alguns exemplos:

- (16) *TOM: <teve um> teve uma fase / longuíssima / da história da RAI / até o começo dos anos setenta / o Bruno vai poder entender isso / sem tradução / em que / não podia se falar / hhh a conjunção "anche" //

(C-ORAL-BRASIL)

- (17) S1 trânsito? S1 eu acho que está cada vez pior eu acho que já não tem mais pra onde correr S1 não tem mais avenida suficiente S1 se vende muito carro muito fácil hoje em dia S1

(Projeto SP2010)

Não obstante, a anteposição do tema em relação ao verbo também foi verificada na produção dos falantes, mas em escala menor. Nesses casos, o fato de o tema aparecer antes do verbo não confere a ele o *status* de trajetor. Mesmo com essa configuração, a leitura impessoal ativa não fica comprometida, como se nota em (18):

²¹ Para entender a contribuição semântica que o clítico traz para a sentença, a posição do argumento interno em relação ao verbo é mais relevante do que a posição do clítico em relação ao verbo. Por esse motivo, esta não foi analisada aqui.

- (18) imita uma voz fina como se fosse de criança] S1 só que aí escuta "ué tio a música não é tão ruim tio mas e..." S1 "essas música não se escuta mais hoje" S1 eu falo eh "mas eu escuto... só pra quem gosta mesmo" mas eles acaba escutando então quer dizer tira um pouco daquele foco do funk

(Projeto SP2010)

O iniciador do evento de *escutar* vem representado pelo clítico *se*, e o alvo está codificado pelo sintagma *essas música*. Trata-se de uma sentença ativa, em que a codificação da força indutora está presente, embora de maneira esquemática. Se construirmos essa mesma sentença seguindo a ordem SVO, essas relações ficam mais claras: *Não se escuta mais essas músicas*. A anteposição do argumento interno para uma posição de tópico não interfere na interpretação que temos de uma sentença impessoal ativa. Os dados (19) e (20) constituem exemplos do mesmo tipo:

- (19) ser difícil consertar isso daqui S1 vai ser muito difícil conforme vai passando o tempo... o governo não vai fazendo nada entendeu tem que se começar alguma coisa e nada se começa né S1 então vai continuar as enchente vai continuar o trânsito... esse transporte a cada dia que passa vai piorar S1 né S1 e ninguém faz

(Projeto SP2010)

- (20) se separam mais... é uma... acho que não é de São Paulo especificamente S1 talvez em São Paulo por ser uma cidade muito grande com muita gente S1 isso se veja mais ainda né D1 aham D1 e essa... na sua família por exemplo os homens têm essa tradição de ajudar no serviço doméstico S1 não na

(Projeto SP2010)

Em um estudo quantitativo, Araújo Júnior (2013, p. 189) comenta que a tendência de as construções impessoais apresentarem objetos pospostos se deve ao fato de que a ordem SVO é a mais frequente em PB. Assim, como essa ordem é típica de sentenças transitivas em línguas do sistema nominativo-acusativo, fica reforçada a interpretação desse tipo de sentença como construções ativas. O autor também aponta que os casos de anteposição do objeto envolvem enunciados com algum tipo de topicalização, de modo que essa anteposição se dá por questões discursivas.

Além da ordem dos constituintes na sentença, outra questão que pode suscitar dúvidas quanto ao teor ativo das construções impessoais formadas com *se* é a concordância, como já discutido por Maldonado (2006). Algumas análises, principalmente as de cunho normativo, consideram a concordância entre verbo e argumento interno plural um indício de passividade. Nos *corpora* analisados, as sentenças mais facilmente identificadas como impessoais apresentam verbo no singular, mesmo quando o tema aparece no plural. É o caso das ocorrências abaixo:

- (21) // o Sagitário rege a parte de coxa / fêmur / toda essa parte de / junção coxofemoral // aí / seria um [/1] um [/1] uma zona de fragilidade // a casa seis não significa que se vá ter determinadas doenças / mas significa que é um ponto de fragilidade do organismo / né //

(C-ORAL-BRASIL)

- (22) mesma coisa que na última olimpíada S1 só que aí vem a presidente da República e fala assim "não" S1 "melhoramos muito" S1 que no mundo inteiro só se considera as medalhas de ouro S1 ela considerou todas as medalhas S1 então aí nós melhoramos com relação até a nossa pontuação D1 uhum S1 quer
(Projeto SP2010)

Todavia, também foram encontradas ocorrências em que o falante opta por empregar o verbo no plural, concordando com o tema:

- (23) S1 mas você prestando atenção você chega lá S1 porque você ah meu filho vive num país um pouquinho maior que Sergipe D1 uhn S1 e lá se falam três idiomas S1 dois oficiais S1 que é o francês e o flamand D1 caramba S1 e ainda tem o italiano tem o alemão

(Projeto SP2010)

- (24) sempre atrasado né D1 aham S1 porque S1 era uma luta pra chegar S1 a Radial não era essa coisa S1 eh S1 então hoje se criaram os corredores tal até dá S1 melhora S1 é por pouco né D1 ah D1 entendi S1 mas na na época não a

(Projeto SP2010)

De acordo com Maldonado (2006), o verbo estabelecerá concordância com o elemento mais proeminente na sentença, seja ele o sujeito ou não. No caso das construções impessoais, o iniciador do evento é altamente esquemático (representado pelo *se*), o que faz com que ele seja menos proeminente do que o tema. Dessa forma, se o tema for codificado por meio de um sintagma no plural, o verbo poderá concordar com ele sem prejudicar a leitura ativa impessoal. Novamente, os dados (23) e (24) nos levam a conceitualizar a presença de um iniciador que realiza os eventos de *falar três idiomas* e *criar corredores*. Tendo em vista que a interpretação dessas sentenças inclui a força indutora, é plausível considerá-las construções ativas e impessoais – a concordância entre verbo e argumento interno plural não as torna passivas.

Algumas análises, dentro do quadro gerativista, também chegam a essa conclusão. A partir de um estudo diacrônico sobre o português histórico, Cavalcante (2011) estabelece uma comparação entre (i) o comportamento dos sujeitos em sentenças ativas e passivas e (ii) o comportamento dos DPs em construções com *se*-indefinido – a partir da proposta de Raposo e Uriagereka (1996). A autora mostra que os sujeitos sofreram uma mudança linguística quanto à ordem linear, ao longo do tempo, e que os DPs das construções com *se*-indefinido não foram afetados da mesma maneira. Assim, seu estudo confirma que esse argumento não é um sujeito, mas um objeto, e que as sentenças das quais fazem parte seriam ativas, e não passivas.

Antes de iniciarmos a discussão acerca das construções médias de proeminência terminal (MPT), vale retomar as características e tendências que as sentenças impessoais formadas com o clítico *se* exibiram até o momento:

- (i) O clítico pode alternar com um sujeito genérico ou arbitrário (que pode ser substituído pelos sintagmas *a gente* / *as pessoas* / *alguém*), representando uma força indutora humana e esquemática;
- (ii) Ele possui forma invariável (*se*);
- (iii) A construção pode envolver um ou dois participantes, dependendo do verbo. No caso de haver dois participantes, eles serão altamente distintos (já que fazem referência a duas entidades distintas);
- (iv) Em termos de conceitualização, todo o evento é focalizado (desde a força indutora até a porção final);
- (v) Nesse tipo de construção, o *se* possui o papel de incluir ou reforçar a presença de um indutor esquemático ou sua atuação no evento;

- (vi) Nos *corpora* analisados, os falantes preferiram utilizar esse tipo de sentença em contextos mais genéricos (presente e pretérito imperfeito) do que em contextos com referência de tempo específica (pretérito perfeito);
- (vii) A ordem preferida é aquela em que o elemento temático aparece em posição pós-verbal. Nos contextos de anteposição, a leitura impessoal ativa não é perdida;
- (viii) Em termos de concordância, a maioria dos casos apresentou verbo e elemento temático no singular. Quando o elemento temático estava no plural, o verbo aparecia ora no singular, ora no plural. Porém, em ambos os casos, a leitura ativa impessoal estava garantida.

3.2.2 As construções médias com proeminência terminal

As propostas de Langacker (2008) e Maldonado (2006) permitem situar os tipos de construções em um contínuo, definido a partir do grau de elaboração atribuído à força indutora do evento. Como vimos nas seções anteriores, as construções impessoais incluem a codificação de uma força indutora que, apesar de genérica ou arbitrária, é humana. Essa força vai gradualmente perdendo elaboração, deixando de ser humana ou identificada, até que chega ao ponto de não ser conceitualizada (caso das construções absolutas).

Tendo em mente esse contínuo, discutiremos a seguir as sentenças formadas com o clítico que apresentaram uma força indutora pouco elaborada. Essas construções foram chamadas, por Maldonado (2006), de médias com proeminência terminal (MPT). Para o autor, o fato de que a força indutora é elaborada em menor grau faz com que a porção final do evento acabe ficando com maior proeminência.

Nos *corpora* analisados, esse tipo de construção envolveu, principalmente, participantes inanimados como elemento temático. Segundo Maldonado (2006, p. 287), uma das condições para se tenha esse tipo de construção é a distinguibilidade entre a força indutora e a mudança de estado sofrida pelo participante. Logo, não há expectativa de que o participante afetado seja indutor do evento. Esse é o caso da ocorrência a seguir:

- (25) // mas pra organizar um pouco melhor a fala / &he / o Letras-LIBRAS foi o mote / &he / a mola propulsora pra / &he / outros projetos que se desdobraram / aqui no CEFET com inclusão de pessoas surdas //

(C-ORAL-BRASIL)

Nessa sentença, o elemento temático – ou seja, ‘aquele que foi desdobrado’ – está representado pelo sintagma *outros projetos*. Por se tratar de um participante que não possui as características necessárias para atuar como iniciador desse evento de *desdobrar*, fica excluída a possibilidade de estarmos diante de uma construção reflexiva. Também não se trata de uma construção impessoal, tendo em vista que o evento não evoca, de forma clara e direta, um iniciador humano.

Ao tentar identificar qual participante é entendido como a força indutora, percebemos a impossibilidade de apontá-lo claramente na sentença. O falante revela que o Letras-LIBRAS atuou como mola propulsora; além disso, também podemos pensar que, para que o desdobramento dos projetos realmente ocorra, é necessária a atuação de uma ou mais pessoas trabalhando nesses projetos. Contudo, mesmo que o contexto forneça pistas sobre o que pode ter induzido tal desdobramento, não conseguimos recuperá-lo de forma precisa, o que indica que tal força indutora está sendo conceitualizada de maneira diluída e esquemática.

Essa conceitualização é bem distinta daquela evocada pelo *se* nas construções impessoais e daquela verificada nas sentenças passivas analíticas. Enquanto nestas conseguimos conceitualizar uma força indutora humana de forma mais direta, nas construções com proeminência terminal como (25), a conceitualização da força indutora não nos remete a um participante humano – ou, pelo menos, não o faz diretamente.

Mas, afinal, qual o papel do *se* nesse caso? A análise de Maldonado (2006) quanto aos efeitos focalizadores do *se* parece se encaixar bem no quadro descrito. A força indutora (representada pelo clítico) está sendo conceitualizada de modo esquemático. Esse alto grau de esquematização provoca uma simplificação no evento, já que um de seus participantes não está claramente representado. Com isso, o foco da sentença recai sobre a parte final do evento, que parece ficar em evidência.

Outra questão abordada pelo autor em sua proposta relaciona-se com o requisito de agentividade humana do verbo. Para Maldonado, se tal requisito for alto, isso significa que a presença do indutor tem relevância determinante e não pode ser descartada, a exemplo da sentença: *Se considera que los alumnos avanzados deben ayudar a los que inician la carrera* (‘Considera-se que os alunos avançados devam ajudar os que começam o curso’) (Maldonado, 2006, p. 308). Nessas circunstâncias, a sentença será impessoal ativa. Todavia, se esse requisito for baixo, não há restrições quanto à elaboração da força indutora. Diante dessa situação, existe a possibilidade de termos tanto uma sentença impessoal (com um participante humano como força indutora) quanto uma MPT, se essa força for mais difusa e esquemática. Isso pode ser visto nas construções com o verbo *perder* encontradas nos *corpora*:

- (26) *JAN: vivenciar vinte-e-quatro horas por dia / e aos poucos eu fui formatando / essa idéia da [/1] de um espaço / cultural / adquiri essa casa / esse / casarão aqui / e / transformei num local pra expor o trabalho de artistas locais / que tavam surgindo na época / e / também / cuma idéia de / valorizar / a cultura popular / que tava assim / aí já sofrendo um processo muito grande de / vindo muita gente de fora pra cá / e [/1] e alguns dados tavam se perdendo //

(C-ORAL-BRASIL)

- (27) S1 pis/ perdeu os valores... tradição S1 cultura S1 o Brasil não tem mais cultura né é uma miscigenação de raças D1 uhum S1 foi tudo se perdendo S1 isso daí é S1 própria política incentivou isso no país ignorância né D1 uhn S1 a gente... a constituição diz que a gente tem

(Projeto SP2010)

Na sentença (26), apesar de o sintagma *alguns dados* ocupar uma posição pré-verbal, ele é o argumento interno do verbo, ou seja, é interpretado como ‘aquilo que estava sendo perdido’. Já o participante interpretado como iniciador do evento, por outro lado, não pode ser recuperado na sentença. A alta esquematização dessa força indutora faz com que o foco da sentença fique voltado para a parte final do evento – em outras palavras, o processo de perda dos dados. O mesmo pode ser dito a respeito de (27). O falante conceitualiza como tema de *perder* os valores, a tradição e a cultura, representados linguisticamente pelo sintagma *tudo*. Quanto à força indutora do evento, não conseguimos identificá-la na construção. O modo como o falante codificou o evento nos informa que tal força deve ser vista como algo difuso e não identificado.

Esses exemplos contrastam com as ocorrências apresentadas abaixo:

- (28) S1 é é é porque eu acho que que esse perfil ele vai mudando... quando as pessoas vão crescendo assim né? D1 uhum S1 e eu acho que tem se perdido isso S1 sabe os jovens não têm essa... aproximação com o bairro até porque saem pra estudar pra trabalhar e tal D1 uhum S1 perto da

(Projeto SP2010)

- (29) por não aguentar o filho dentro de casa ele manda aqui pra baixo S1 então as crianças urinam na escada S1 eh xingam né desrespeitam porque assim S1

perdeu-se o controle mas eu não acho que o problema é da criança S1 porque a criança não tem referência não tem valor não tem modelo S1 então ela

(Projeto SP2010)

Nesses casos, a interpretação de construção impessoal é facilmente apreendida pelo interlocutor, que conceitualiza um participante humano esquemático que *tem perdido isso*, em (28), e que *perdeu o controle*, em (29).

Ambos os conjuntos de sentenças ((26)-(27), de um lado, e (28)-(29), de outro) contêm o mesmo verbo. Como ele pode ocorrer em construções com diferentes graus de elaboração da força indutora, trata-se de um verbo com baixo requisito de agentividade humana. Nessas circunstâncias, o que ajuda a determinar uma ou outra interpretação em PB é a posição do objeto em relação ao verbo. Quando o objeto aparece *in situ*, a tendência é a de termos uma leitura impessoal, alinhando o *se* com o sujeito, e o tema com o objeto. A anteposição do objeto, por sua vez, gera uma leitura em que a afetação do tema é mais proeminente (MPT).

Foram encontradas outras ocorrências envolvendo uma conceitualização menos elaborada da força indutora, o que faz com que a parte final do evento se sobressaia. Os exemplos discutidos a seguir constituem casos de MPT:

- (30) *GER: é a saúde // eu &q [2] eu que sei / o que eu tô passando // eu que sei // quando eu / quebrei a perna / até então achei [1] achamo [1] a gente achava que era uma coisa simples / lá vai &a [1] se alaistrando pa / dois ano [2] dois anos e pouco já / &doi [1] pa dois anos / e até hoje eu nũ recuperei // quer dizer / uma fratura // que é coisa que a gente &m [1] menospreza // acha que vai / &co [1] vai calcificar / vai ficar / tudo bem / daqui uns dois três meses / e nũ foi bem assim // a &pró [2] os próprio médicos / falaram &com [2] falavam comigo / sempre / quando eu ia / não / as [1] isso é / coisa simples / você é novo / recupera rapidinho // então / eu nessa ilusão / tô até hoje // osso nũ colou / submetido por / nova cirurgia / tô / aí de novo // e é [1] seria coisa simples / né //

(C-ORAL-BRASIL)

Embora, em (30), o falante não deixe muito claro qual é o participante afetado pelo evento, subentendemos que seja algo como '*a fratura / o mau estado da perna*' *vai se alaistrando pra dois anos e pouco*. Dado o caráter inanimado desse participante, atestamos a impossibilidade de ele funcionar como iniciador do próprio evento do qual é alvo. Também não conseguimos retomar, na fala do indivíduo, o que teria induzido esse alastramento. Pode ser que a estrutura

óssea ou fisiológica do paciente dificulte o processo de recuperação, pode ser que o paciente não tenha seguido exatamente as orientações do médico, enfim, podemos imaginar um sem-número de causas que levaram ao alastramento da situação. Porém, nada disso importa. O que é relevante, nesse caso, é que o falante optou por deixar a força indutora em segundo plano, conceitualizando-a de modo difuso e esquemático. Essa opção do falante se reflete na codificação linguística, de modo que só conseguimos identificá-la por conta do tipo de construção utilizado.

Em (31) e (32), abaixo, temos casos similares em que o falante não quer colocar os indivíduos como indutores do evento; em vez disso, ele prefere atribuir a indução a algo muito mais esquemático:

- (31) S1 ah eu gostava D1 é? S1 gostava bastante e nessa escola que minha filha também está estudando D1 ah que legal! S1 é assim a história se _____ repetindo né porque Dados Contextuais [risos-S1-D1] S1 facilidade do lado de casa a pé dá pra minha mãe buscar e é uma escola com ensino bom então

(Projeto SP2010)

- (32) oito meses sei lá S1 até que uma hora eu me toquei que eu não estava indo pra Europa mesmo S1 que era só um sonho que acabou não se concretizando aí eu acabei alugando um/ uma casinha de fundo muito legal que tinha na/ na {A.} S1 lá em Moema também lá na parte de cima de Moema

(Projeto SP2010)

Em (31), em vez de dizer que *a filha está repetindo sua história*, o falante opta por construir o evento de forma que a força indutora não carregue traços de intencionalidade ou agentividade que, de outro modo, estariam presentes na sentença transitiva. Situação semelhante pode ser vista em (32). O falante quer transmitir a ideia de que algo aconteceu (não importa o quê), e o resultado foi a não concretização de seu sonho. Ao utilizar esse tipo de construção (em vez de uma transitiva como: *era só um sonho que eu acabei não concretizando*), ele pode dar a entender que não teve muito controle sobre o evento em questão. Essa noção também é perceptível em (33):

- (33) uhum S1 que é o... danadão S1 que é o esperto S1 que não pega nada só que eu comecei com baseado entendeu S1 depois a coisa se _____ complicou e hoje em dia eu estou em tratamento S1 então eu tipo evito sair eu tenho vontade mas

evito sair não estou fumando nem cigarro D1 uhum

(Projeto SP2010)

Ao fazer uso do clítico, o falante não quer dizer que a coisa complicou ela mesma, como em uma sentença reflexiva. Esse tipo de construção (MPT) revela que algo aconteceu gerando, como resultado, uma situação complicada. Além desse aspecto, a construção sugere, ainda, a impotência ou falta de controle do próprio indivíduo no desenrolar do evento.

A ausência de controle ou intenção do agente também pode ser observada nos dados abaixo. Eles denotam eventos que, de alguma forma, parecem associados à atuação coletiva dos membros de uma comunidade:

- (34) do meus pais aí do lado mas se eu puder quero comprar aqui eu adoro esse apartamento S1 adoro por aqui como eu gosto do/ de como o bairro está se transformando S1 eu acho que está sendo uma transformação boa S1 vai ter uma estação de metrô ali na Consolação que vai ser bem perto que vai a

(Projeto SP2010)

- (35) S1 é bom porque a Mooca está crescendo assim mas ao contrário também você vê que S1 ah... o bairro está... aumentando o preço em tudo sabe ele está se modernizando D1 uhum S1 mas acho que isso é consequência de todos os bairros assim é normal isso acontecer D1 uhum S1 o essencial mesmo o

(Projeto SP2010)

- (36) D1 é os italianos vieram pra trabalhar nas fábricas também né? S1 exatamente S1 exatamente a Mooca começou a se desenvolver com a com a colônia italiana com os imigrantes italianos D1 uhn S1 que que que foram chegando ao Brasil e se instalando na região do Brás

(Projeto SP2010)

Sabemos que os bairros não *se transformam*, *se modernizam* ou *se desenvolvem* sozinhos. Esses eventos requerem uma pessoa ou conjunto de pessoas que atue no sentido de garantir que a transformação, modernização ou desenvolvimento dos bairros ocorra. O emprego de uma construção MPT, nesses casos, indica que não é possível precisar exatamente quem representa essa força indutora (nos dados (34) e (35)) ou, ainda, que as ações ocorrem sem que haja necessariamente o controle total da situação por parte dos

iniciadores (caso da sentença (36)). A força indutora é construída de maneira esquemática e, como consequência, o que fica focalizado é a porção terminal do evento, ou seja, a *transformação*, a *modernização* e o *desenvolvimento* dos bairros. Em (36), a codificação da força indutora por meio de uma forma oblíqua (*com a colônia italiana / com os imigrantes italianos*) reforça a ideia de que o falante não atribui a essa força indutora o mesmo ‘peso’ que confere à parte final do evento.

Como já apontado anteriormente, Maldonado posiciona-se de forma contrária a análises que defendem que o clítico *se/si*, nas línguas românicas, representa a não atribuição de papel temático ao argumento externo em eventos desse tipo. De acordo com o autor (2006, p. 272), se, por um lado, essas propostas mostram, adequadamente, a ausência de um participante identificável que induz a mudança de estado, por outro lado, elas não permitem ver que a força indutora pode se manifestar em graus variados de esquematicidade, produzindo diferentes significados. Ademais, para Maldonado, se o clítico realmente tivesse essa função de anular o agente ou a causa do evento, as sentenças ‘resultantes’ seriam absolutas; em outras palavras, elas não deveriam pressupor nenhum tipo de causação ou agentividade. Alguns dados encontrados poderiam dar margem à interpretação de que os eventos podem, de fato, ser conceitualizados como espontâneos, a exemplo de:

- (37) S1 então você vai num shopping hoje aí é vinte reais a entrada você assiste o mesmo filme no centro da cidade por dez ou oito reais S1 mas eles acabaram né S1 de/ de/ deixaram de... o Centro S1 se degradou né S1 agora eles estão querendo revitalizar D1 o que você acha sobre essa política que eles fizeram D1 na Cracolândia ali?

(Projeto SP2010)

- (38) S1 água setenta por cento do nosso corpo é água S1 tem um estudo chinês que foi feito em cima das moléculas da água S1 a molécula foi isolada escutando ópera outra escutando palavras de amor de afetividade sabe D1 uhum S1 outras escutando Sepultura S1 heavy metal S1 outra escutando S1 palavras depravadas S1 as moléculas de água se degeneraram D1 uhn S1 elas se degeneraram as que estavam escutando S1 heavy metal escutando palavras degeneradas S1 as que estavam S1 escutando ópera e palavras S1 de amor... palavras bonitas S1 elas tinham uma cristalização maravilhosa linda

(Projeto SP2010)

É possível depreender a interpretação de que o Centro, espontaneamente, ficou degradado e as moléculas de água, degeneradas. Essa leitura é viabilizada pelo fato de que os eventos denotados nessas sentenças são passíveis de ocorrer espontaneamente. Contudo, esse tipo de análise começa a ficar comprometido quando as sentenças envolvem eventos que não podem ser tão facilmente associados à espontaneidade. Assim, enquanto os eventos de *degradação do centro* e de *degeneração das moléculas de água* podem acontecer de forma espontânea, eventos envolvendo *a modernização* e *o desenvolvimento do bairro* parecem requerer uma força indutora, ainda que ela não seja identificada. O dado a seguir também ajuda a corroborar essa ideia:

- (39) D1 aham S1 que S1 não abriram mão de algumas coisa então essas indústrias foram se S1 transportando pra municípios né D1 entendi S1 foram se deslocando né então ele pa/ S1 foi lá pra S1 pra lugares que dão S1 isenção de imposto por tanto tempo tal né aí vai D1

(Projeto SP2010)

Em termos semânticos, as indústrias não têm a capacidade de transportar e deslocar a si próprias, espontaneamente, para locais onde há isenção de impostos. Assim, nesses eventos, fica pressuposta a atuação de uma força que induza o transporte e o deslocamento de tais indústrias.

Considerando esses exemplos, torna-se realmente mais difícil sustentar as propostas formalistas que defendem que o papel do clítico é o de suprimir o argumento externo do verbo. Essa supressão deveria gerar construções absolutas, mas, como vimos em determinadas ocorrências, parece haver uma força indutora implícita na conceitualização dos eventos. Portanto, se quiséssemos manter a proposta de supressão do argumento externo, teríamos de postular a existência de outros tipos de clítico para dar conta de explicar dados como (39). Em contrapartida, a análise de Maldonado apresenta um caráter unificador, atribuindo ao clítico a função de focalizar a porção final do evento por meio da esquematização da força indutora, em graus variados.

Em relação à possibilidade de os eventos serem conceitualizados como espontâneos, ressaltamos a proposta de Negrão e Viotti (2010, p. 52). Segundo as autoras, existe uma diferença semântica entre as construções do PB: *A porta se abriu* e *A porta abriu*, de modo que

a construção com *se* é uma construção energética (para usar o termo de Maldonado), que codifica a conceitualização de uma força indutora da ação, ainda que essa força não seja especificada; a construção sem o clítico é uma construção absoluta, que é a codificação de um *construal* que não envolve a presença de uma força indutora.

Falamos, no início desta seção, sobre a impossibilidade de os participantes inanimados atuarem também como iniciadores do evento do qual são alvo, por não terem as características e condições necessárias para induzir tal ação (afinal, são inanimados). Esse fator impediria a interpretação das sentenças como construções reflexivas. Entretanto, existe a possibilidade de que esses participantes sejam construídos como se fossem capacitados a atuar como força indutora do evento, sendo vistos, de certa forma, como participantes animados. Isso pode ser verificado nos exemplos que seguem:

- (40) uhn S1 acho que a pior coisa é a logística urbana né S1 é uma cidade muito mal organizada S1 não vou dizer mal feita porque ela foi se_____fazendo **sozinha**
 Dados Contextuais [risos-S1] S1 né mas assim S1 é muito mal arrumada S1 pelo poder público no decorrer dos anos né S1 é

(Projeto SP2010)

- (41) vai parar num lugar horrível S1 as pessoas vão encher seu saco S1 tem violência também tem essas coisas S1 eh S1 é uma cidade que muito se_____
destrói né muito S1 **auto se destrói** e se reconstrói o tempo todo S1 inclusive eh eu fu/ eu S1 outra/ e/ eu S1 eu e

(Projeto SP2010)

Em (40) e (41), a cidade é conceitualizada como força indutora e como alvo dos eventos (ela é entendida, ao mesmo tempo, como ‘quem fez/destrói/reconstrói’ e ‘o que foi feito/destruído/reconstruído’), fato reforçado pelo uso de *sozinha*, em (40), e de *auto*, em (41).

Esses dados parecem contrastar com aqueles representados pelas sentenças (25)-(39). Não entendemos que os projetos desdobraram a si mesmos e que as indústrias transportaram a si mesmas, por exemplo. Nessas construções, o evento conta com uma força indutora que é

externa e distinta do participante afetado (casos de MPT) ²². Em (40)-(41), por outro lado, a força indutora é interna ao participante (o que vem reforçado por meio dos elementos *sozinha* e *auto*, por exemplo), de modo que essas sentenças parecem ter mais relação com o domínio reflexivo-médio, comportando-se como as médias de ação corporal, de Kemmer (nas quais iniciador e alvo apresentam baixa distinguibilidade). Seguindo essa mesma linha, fora do terreno das MPT, temos os casos de autoindução, comentados por Maldonado, que podem ser exemplificados por (42):

- (42) nenhum e que não está dependendo de ter o prefeito pra fazer funcionar D1
uhum S1 isso aqui sabe pra onde vai S1 entendeu? esta máquina aqui ela se
movimenta e ela sai andando e não vai ter o que pare isso aqui S1 nunca... nunca
S1 tenho orgulho de São Paulo tenho bairrismo assim S1

(Projeto SP2010)

Nesse trecho, a cidade de São Paulo é comparada a uma máquina, e a ela é atribuída a capacidade de se movimentar e sair andando, à semelhança de participantes animados. Nesse caso, a força indutora é interna ao próprio participante afetado.

Para finalizar a discussão acerca das sentenças médias de proeminência terminal (MPT), vamos recuperar as principais características verificadas nesse tipo de construção:

- (i) A força indutora do evento (que é externa) e o participante afetado são distintos e, portanto, não há expectativa de que o alvo do evento seja também o indutor;
- (ii) A maior parte dessas sentenças foi construída com participantes inanimados, que não têm condições de desencadear o evento do qual são alvo;
- (iii) Apesar de o elemento temático ser codificado em posição pré-verbal e exibir concordância com o verbo, a interpretação reflexiva não é desencadeada;
- (iv) O iniciador do evento é conceitualizado de forma altamente esquemática, o que impossibilita a identificação precisa da força indutora;

²² As sentenças analisadas, nesta seção, como médias de proeminência terminal (MPT) podem ser tratadas de outra forma se seguirmos a proposta de Kemmer (1994). Assim, em vez de postular a existência de uma força indutora externa ao participante afetado, pode-se pensar que as propriedades do elemento temático é que facilitam a ocorrência do evento. Assim, em uma sentença como (25), seriam as propriedades dos projetos que permitiriam seu desdobramento. De acordo com essa análise, o elemento temático seria visto metaforicamente como um participante animado, que viabiliza o desencadeamento do evento. Agradeço à Prof^a Dr^a Evani Viotti por apontar essa possibilidade de análise. Esclarecemos, contudo, que não é este o tratamento defendido aqui. Para nós, trata-se, na verdade, de uma força indutora externa desconhecida ou pouco elaborada, que produz o efeito de foco na porção final do evento.

- (v) Em relação à proeminência, a baixa elaboração da força indutora faz com que a porção terminal do evento fique mais destacada. O clítico *se* vem justamente atuar nesse processo;
- (vi) Como a porção inicial do evento não é tão relevante e pode ser conceitualizada de forma difusa, a atuação ou presença do indutor é secundária (contrariamente ao que ocorre nas construções impessoais);
- (vii) A leitura de MPT fica favorecida quando o objeto é anteposto ao verbo e concorda com ele;
- (viii) Ao contrário do que defendem as análises anticausativas, em PB, o emprego do clítico na sentença não elimina a força indutora, só a deixa mais esquemática;
- (ix) Foram produzidas com maior frequência no dialeto paulistano e, em ambos os *corpora*, apareceram em quantidade menor que as construções impessoais.

3.2.3 Construções com baixo nível energético

Como vimos no início do capítulo, Maldonado (2006) também contempla, em sua proposta, construções que apresentam um baixo nível de energia, as quais ele chama de médias apresentacionais. Para situar essas construções no contínuo proposto pelo autor, elas estariam mais próximas das construções absolutas do que as MPT. Além da presença mínima de energia, outro aspecto que as caracteriza é a existência de um observador que assiste à cena que está sendo codificada, sem precisar fazer parte dela, a exemplo da sentença *Los exploradores se encuentran en el desierto* ('Os exploradores se encontram/estão localizados no deserto'). Por conta da existência de tal conceitualizador, esse tipo de construção é sempre formada com tempo presente.

Os dados dos *corpora* mostraram que, à semelhança do espanhol, o clítico *se* pode ser utilizado pelos falantes do PB em construções desse tipo²³. Segue um exemplo:

- (43) S1 eu acho isso desastroso S1 eu acho uma negligência terrível S1 de em todos os âmbitos religioso S1 de cidadania S1 de políticos de tudo de todo de toda ah a sociedade é uma sociedade falida S1 esse isso que se apresenta dentro da... S1 da da nossa cidade e... e também em outras cidades que você segue o o

²³ Araújo Júnior (2013, p. 186) defende que, em PB, esse tipo de construção não é tão frequente quanto no espanhol e que, para descrever esse tipo de situação, os falantes brasileiros preferem fazer uso de outros enunciados que não incluem o clítico. Assim, segundo o autor, em vez de *As Ilhas Fiji se encontram no Pacífico*, a tendência seria a de utilizar as construções: *As Ilhas Fiji estão/ficam localizadas no Pacífico*.

noticiário você vê que os outros estados estão sofrendo do mesmo mal D1 uhum
S1 então é um cancro que cresce

(Projeto SP2010)

O que esse dado retrata é a mera constatação de uma situação por parte do observador, como se estivesse diante de um quadro. Em (43), esse ‘quadro’ denota a *desastrosa* situação de uma sociedade falida. Também nas ocorrências abaixo estamos diante da descrição de algum aspecto da sociedade que seria observável a qualquer pessoa:

(44) concentram? S1 nordestino normalmente se concentra na favela os baianos né
S1 não é preconceito é que normalmente é S1 é a classe social da qual eles tipo
se encontram né uma classe S1 de poder aquisitivo mais baixo né D1
uhum S1 não que seja regra mas é uma tendência D1 uhum

(Projeto SP2010)

(45) D1 você acha que assim dependendo do bairro... ahn você pode identificar se a
pessoa é rica pobre classe média? S1 ahn com certeza D1 é? me dá um exemplo
assim S1 (...) acho que os menos afortunados estão pro lado da Zona Norte de São
Paulo S1 né e também S1 pra o lado da Zona Sul S1 um pouquinho S1 né eu acho
que a/... se divide assim S1 então no bairro da Saúde assim por exemplo você
pega ali... né... e... você vê que as pessoas que moram lá... não são tão S1 tão ricas
quanto na Vila Nova Conceição

(Projeto SP2010)

Em (44), a cena descrita situa os nordestinos em uma classe social de poder aquisitivo mais baixo; e, em (45), o observador descreve um ‘mapa’ social, mostrando como a cidade está dividida. Esses exemplos não implicam transferência de energia e não dependem da atuação de uma força externa.

Encontramos nos *corpora* outros dados que envolvem um nível baixo de energia. As ocorrências a seguir compartilham com as médias apresentacionais o fato de retratarem, de certa forma, o ponto de vista de um conceitualizador. Vejamos esses dados:

(46) S1 inclusive eu vi muita coisa sobre S1 muitos filmes que se passam em São
Paulo D1 uhum S1 o que é... o que é maravilhoso (...) S1 primeiro que existe muito
filme bom que ninguém nunca viu ninguém conhece S1 muita coisa fantástica e

todos acontecem em São Paulo né então você S1 então vai/ vai acontecer naquela esquina que você passou mil vezes naquela rua que você está cansado então você vê aquilo

(Projeto SP2010)

- (47) D1 eh teve uma uma pesquisa recente que mostrou que cinquenta e sete por cento das pessoas em São Paulo D1 iriam embora da cidade se pudessem D1 o que que você acha disso? S1 não sei o que que se passa na cabeça delas ou S1 sei lá... será que é algum problema aqui de São Paulo ou violência? S1 alguma coisa mostra pra elas negativo pra elas poderem querer voltar pra lá né?... pras raízes

(Projeto SP2010)

Novamente, em ambos os casos, parece plausível considerar a existência de um conceitualizador que vê e descreve a cena diante de si. Em (46), o conceitualizador nos informa que as histórias contadas pelos filmes acontecem em São Paulo, ou seja, a cidade é o pano de fundo para o enredo dos filmes, e a construção não envolve nenhum tipo de transferência de energia. A sentença, então, funciona praticamente como uma descrição de um aspecto do filme. Em (47), o pensamento das pessoas e o que acontece dentro de suas mentes também não estabelece troca de energia com outra entidade, de modo que o conceitualizador apenas constata uma situação na qual não se envolve.

Além do baixo nível energético verificado em (46)-(47), outro ponto relevante é que os eventos denotados por essas sentenças não admitem a introdução de um agente. Não é possível dizer que *alguém passa os filmes em São Paulo* ou que *alguém passa alguma coisa na cabeça das pessoas*, mantendo-se o mesmo significado veiculado por (46) e (47). Dito de outra forma, como esses eventos não dependem de uma força externa, estão mais próximos das construções absolutas. O dado abaixo também representa um caso em que o evento não permite a inclusão de uma força externa em sua conceitualização:

- (48) *ADR: hhh e / &he / esse negócio / de [/1] da pessoa desesperar / porque eu fico sempre pensando que / beleza / deu câimbra // mas câimbra / é um negócio que se [/1] dá assim / no pé / na [/1] na perna / <no braço / nã dá em tudo> não / dá //

(C-ORAL-BRASIL)

Assim, em (48), o falante está descrevendo uma das características da câimbra: ela acontece no pé, na perna e no braço. Para o falante, isso é inerente à câimbra, e a construção ressalta suas propriedades internas, quase como uma média de atributo interno. Porém, à diferença desta, o dado em (48) não pressupõe (nem mesmo permite) a conceitualização de um agente implícito. Trata-se de um fenômeno que simplesmente acontece e afeta determinadas partes do corpo, independentemente da atuação de qualquer força externa.

3.2.3.1 Um caso curioso: o clítico *se* em construções com o verbo *ter* e em construções que expressam condições meteorológicas

Outras ocorrências que merecem atenção são aquelas formadas com o clítico *se* e com o verbo *ter*. Em alguns casos, nota-se certa similaridade entre essas sentenças e as construções impessoais que, como vimos neste capítulo, evocam a conceitualização de uma força indutora humana e esquemática no evento. O dado abaixo representa um desses casos:

- (49) coisa hoje em dia não hoje todo mundo já tem carro aos dezoito dezenove anos
D1 uhn S1 então os valores mudaram S1 as expectativas mudaram hoje não se
tem se quer tudo muito rápido não é S1 ah não se tem mais a paciência de esperar
eu acho que em parte é isso talvez não invistam

(Projeto SP2010)

O falante argumenta que, nos dias de hoje, todo mundo quer tudo muito rápido e que ninguém mais tem a paciência de esperar pelas coisas. Apesar de, nesse caso, o evento de ter paciência não exigir uma força indutora, ele parece contar, de alguma forma, com a conceitualização de uma figura humana. Desse modo, é possível considerar que o clítico *se* esteja fornecendo um participante humano e esquemático para o evento.

Todavia, essa conceitualização de um participante humano associado ao evento começa a ficar dificultada nos casos abaixo:

- (50) e vira/ e foi nesse período dos anos sessenta que começaram a asfaltar tudo S1
então essa/ essa situ/ a/ asfaltar e abrir a avenida S1 essa situação de se _____ ter
S1 de se ter rua de terra e que vinha a ser asfaltada S1 é é a cara da minha infância
S1 é o/ é o

(Projeto SP2010)

- (51) nossa patroa S1 que ela era muito amiga nossa S1 eu trabalhei na granja S1 depois um outro serviço que eu gostei muito hoje em dia quase não se tem S1 era trabalhar naquele negócio de desentupidor jogando aqueles (cartãozinho de rua) D1 uhn sei S1 foi ali que nós aprendemos... até de uma certa forma
(Projeto SP2010)

Em vez de envolverem a ideia de um participante humano, esses eventos parecem remeter, na verdade, a situações descritas pelos falantes. Em (50), por exemplo, o falante descreve um cenário de sua infância: tinha rua de terra que vinha a ser asfaltada. Do mesmo modo, em (51), o interlocutor retrata um cenário atual: quase não existe mais determinado tipo de serviço que, em sua época, ele costumava realizar. A ocorrência a seguir também denota situação semelhante:

- (52) isso não quer dizer que não tenha criança também super educada... S1 a gente está generalizando tanto tem ma/ mal-educado... como ahn mas também hoje tem mais criança do que se tinha antigamente... S1 né? S1 ao mesmo tempo eles são muito rápidos eles S1 alguns aqueles bons alunos por exemplo as crianças... que prestam atenção... ahn elas
(Projeto SP2010)

É curioso observar que o falante faz uso do verbo *ter* ora com, ora sem o clítico, na mesma ocorrência. Contudo, apesar dessa diferença, ambas as construções transmitem a ideia de uma cena retratada pelo falante. A primeira conta com a descrição de um cenário atual em que existem mais crianças; a segunda, por sua vez, retrata um cenário de outro tempo, em que havia menos crianças.

O uso estendido do clítico para casos assim chega ao máximo em estruturas envolvendo fenômenos naturais, como vemos a seguir²⁴. Cabe ressaltar que esses dados foram extraídos da *internet*, não estando presentes em nenhum dos *corpora*:

- (53) Nesta época nascem as camisolas, que eram usadas tanto por homens quanto por mulheres e iam do pescoço até os pés, abertas na frente e com mangas

²⁴ Agradeço à Camila de Oliveira por apontar esse tipo de dado.

compridas, eram feitas de lã para ser quentinha, porque fazia-se frio nas casas e as casas não tinham lareiras ou calefação.²⁵

- (54) Como já é de praxe, acabou o verão. O verão acaba todo ano desde que a Terra é a Terra, com a exceção da suposta era do gelo, quando fazia-se frio o dia inteiro.²⁶

Nas sentenças acima, diferentemente do que foi observado nas construções impessoais, fica claro que o clítico não está evocando um participante humano e esquemático que atue no evento, já que, em termos semânticos, os fenômenos naturais não dependem da atuação de um agente e, em termos linguísticos, *fazer frio* não requer um argumento externo. Como, então, explicar o papel do *se* nesses casos e nas ocorrências (50)-(52), formadas com o verbo *ter*?

Essas sentenças parecem exibir semelhanças com as construções médias apresentacionais, propostas por Maldonado (2006, p. 277). Como vimos anteriormente, esse tipo de sentença envolve um baixo nível de energia e evoca apenas a presença de um conceitualizador que assiste a uma cena. A seguinte sentença do espanhol ilustra um dos exemplos fornecidos pelo autor: *Se está haciendo tarde* ('Está ficando tarde'). Apesar de os dados acima discutidos não apresentarem tempo presente, a ideia de um conceitualizador que descreve a cena e não participa dela parece ser mantida. Assim, a ideia defendida aqui é a de que, nesses casos, o clítico não vem preencher uma posição de sujeito; na verdade, ele introduz a presença um conceitualizador, conferindo ao evento um nível mínimo de energia.

Vamos retomar o que foi visto nas últimas seções acerca das construções com baixo nível energético:

- (i) Esse tipo de construção denota um evento com um baixo nível de energia, o que faz com que essas construções estejam mais próximas das construções absolutas;
- (ii) O pouco de energia que aparece não é decorrente de uma força indutora externa, mas da presença de um conceitualizador, que assiste à cena retratada pela sentença;
- (iii) A porção terminal do evento acaba se sobressaindo, por conta do baixo grau de transferência de energia;
- (iv) Esse tipo de construção apareceu mais na fala dos paulistanos do que na dos mineiros.

²⁵ Ocorrência extraída de: <http://www.portaldopijama.com.br/pijama/a-origem-do-pijama/>. Acesso em 13/09/2015.

²⁶ Ocorrência extraída de: <http://daedalusmaze.blogspot.com.br/2011/03/outono-as-quatro-estacoes.html>. Acesso em 13/09/2015.

Após a análise das construções envolvendo um baixo nível de energia, chegamos ao outro extremo do contínuo abordado neste capítulo: o das **construções absolutas**. Como apontado por Langacker (2008) e Maldonado (2006), nesse tipo de sentença, o evento denotado pelo verbo não envolve a conceitualização de uma força indutora, apenas a mudança de estado sofrida pelo elemento temático. Conforme discutido ao longo deste capítulo, em PB, as sentenças que exibem o clítico *se* estão associadas à conceitualização de uma força indutora, ainda que tal força possa ser elaborada em maior ou menor grau. Assim, tendo em vista que o objetivo deste trabalho é o de analisar as construções com *se* produzidas pelos falantes do PB, as sentenças absolutas não serão tratadas aqui (já que não são marcadas com o clítico *se* em nossa língua). Contudo, acreditamos que situá-las nesse contínuo ajudou a entender o papel do clítico no PB.

Capítulo 4

Entre reflexivas e médias

Deixando o terreno das construções impessoais e absolutas, voltamos agora nossa atenção para as construções reflexivas e médias. Daremos início à discussão retomando alguns pontos-chave da análise de Kemmer (1994) – já mencionados no Capítulo 1 –, bem como apontando os aspectos mais relevantes da proposta de Maldonado (2006). Ambos os trabalhos nos auxiliaram no entendimento desse contínuo envolvendo sentenças reflexivas, mais elaboradas, e os diversos tipos de sentenças médias, que constituem construções com menor nível de elaboração. Assim, as análises dos dois autores, delineadas na seção 4.1, serviram de guia para o tratamento dos dados encontrados nos *corpora*, discutidos na seção 4.2.

4.1 Propostas acerca do contínuo reflexivo-médio

4.1.1 Kemmer (1994): distinguibilidade dos participantes e prototipicidade da ação

Kemmer (1994) atribui o termo *relativa distinguibilidade dos participantes* ao grau a que uma única entidade físico-mental é conceitualmente distinguida em participantes separados, como, por exemplo, uma distinção feita com base em corpo *vs.* mente (1994, p. 206). Esse conceito pode ser visto como um contínuo que situa, de um lado, eventos envolvendo dois participantes e, de outro, eventos com um participante. No primeiro caso, os dois papéis semânticos evocados no evento são desempenhados por duas entidades totalmente distintas; assim, esse tipo de evento conta com alto grau de distinguibilidade entre os participantes.

Em se tratando dos eventos reflexivos e médios, os papéis evocados são desempenhados pela mesma entidade, de modo que o iniciador é também o participante afetado. O que diferencia eventos reflexivos de eventos médios, segundo a autora, seria a possibilidade de essa única entidade ser concebida como tendo aspectos ou facetas conceitualmente distintas. Essa possibilidade é verificada nos eventos reflexivos; porém, nos

eventos médios, a conceitualização do participante envolve um menor nível de distinguibilidade. Para exemplificar, Kemmer (1994) se vale dos eventos de atividades mentais. Segundo a autora, nesse tipo de evento, o participante experienciador é um iniciador, já que o evento mental se origina em sua mente; ao mesmo tempo, ele é alvo, uma vez que é afetado mentalmente. Assim, nesse caso, não há separação conceitual entre iniciador e alvo (1993, p. 129), de modo que esse tipo de evento está mais próximo dos eventos que envolvem apenas um participante.

Associada à noção de distinguibilidade dos participantes, Kemmer (1994) discute também a prototipicidade da ação, ou seja, a expectativa de que as ações sejam desempenhadas pelo mesmo participante ou por participantes distintos. No caso de ações corporais, como aquelas associadas a *grooming* (*se vestir, se barbear*), por tratarem de atividades normalmente realizadas pelo sujeito sobre seu corpo, costumam ser concebidas como eventos únicos, e não como eventos complexos passíveis de serem divididos em subpartes. Assim, a expectativa é a de que essas ações sejam desempenhadas pelo próprio indivíduo afetado, sendo codificadas por meio de construções médias.

Esse cenário contrasta com aquele visto em eventos como *ver, amar, bater*. Estes envolvem ações normalmente direcionadas a outro participante que não o sujeito; em outras palavras, a expectativa é a de que esses eventos envolvam participantes distintos. No caso de haver um único participante desempenhando ambos os papéis, esses eventos são codificados por meio de construções reflexivas, e não médias.

A noção de expectativa quanto aos participantes do evento, proposta por Kemmer, também parece estar ligada à ideia de intencionalidade do participante em relação ao evento. Em eventos como os de *se preocupar, se ferir, se afogar*, podemos pensar que a expectativa é a de que esse participante não desempenharia o papel de quem provoca a ação, tendo em vista que, normalmente, as pessoas não agem com a intenção de ficarem preocupadas, feridas ou de vivenciarem um afogamento. Com isso, observa-se que a intencionalidade do sujeito configura-se como fator relevante para o entendimento das sentenças formadas com o clítico e nos auxilia, inclusive, a distinguir sentenças médias de reflexivas, como vemos a seguir: *Ele se feriu cortando cebola* vs. *Ele se feriu para chamar a atenção dos pais*. No primeiro caso, temos uma sentença média, em que não se espera que o participante afetado tenha agido com o intuito de se ferir. A segunda sentença pode, por sua vez, ser considerada reflexiva, haja vista a intencionalidade e inicialização do participante no evento de ferir²⁷.

---

²⁷ Como veremos a seguir, em sua análise, Maldonado (2006) fala em termos de grau de controle e volição que o participante possui em relação ao evento. Essas noções dialogam, de certa forma, com a ideia de intencionalidade aqui discutida.

Esses exemplos evidenciam que, embora os verbos apresentem uma tendência quanto à prototipicidade da ação, todos os outros elementos da sentença ajudarão a identificar se o participante afetado atua como iniciador ou não do evento. Tal noção, além de ser útil no entendimento das relações que envolvem sentenças médias e reflexivas, possibilitou-nos pensar em uma maneira alternativa de encarar os dados.

4.1.2 Maldonado (2006) e o papel do experienciador

Com o intuito de diferenciar construções reflexivas e médias, Maldonado (2006) fundamenta sua análise em verbos que denotam atividade mental, ou seja, aqueles que envolvem um participante experienciador. Baseando-se em trabalhos de tipologia e linguística histórica, o autor comenta que, se determinada língua possui um sistema médio, ele operará de forma consistente ao redor de atividades de ordem mental, emocional ou psicológica. A possibilidade de que uma língua empregue marcadores médios em outras áreas que não estas, por outro lado, será determinada pelos parâmetros de transitividade dessa língua (2006, p. 49). Para o autor, isso está totalmente de acordo com a definição de Lyons, segundo a qual “a voz média indica que a ação ou estado afeta o sujeito do verbo ou seus interesses” (Lyons, 1969 apud Maldonado, 2006, p. 49, tradução nossa).

Tendo em vista que o clítico *se* – no espanhol e no PB – pode ser utilizado para marcar tanto as construções reflexivas quanto as médias, como diferenciar uma de outra?²⁸ Segundo Maldonado, ao participante de eventos mentais normalmente é atribuído o papel temático de experienciador. Entretanto, o autor defende a existência de diferentes tipos de experienciador (ativo, passivo ou médio), já que a função desse participante varia conforme a construção e o tipo de evento denotado pelo verbo. O que determina os distintos tipos de sentença é o **grau de controle** que o participante exerce sobre o desenvolvimento da ação, ou seja, sua capacidade de regular as ações e as mudanças que impõe sobre o objeto²⁹. Esse grau de controle será determinado, por sua vez, pelas características semânticas do verbo “mental”. Os verbos que trazem a noção de alto controle por parte do experienciador tendem a aparecer em construções reflexivas. Por outro lado, os verbos que envolvem baixo controle do experienciador estarão associados a construções de voz média (2006, p. 52).

Além do grau de controle exercido pelo iniciador, a proposta do autor abarca ainda a noção de **distinguilidade dos participantes**: alto controle associa-se a clara diferenciação

²⁸ Vale esclarecer que a proposta de Maldonado (2006) está voltada para o espanhol. As semelhanças e diferenças comentadas acerca do PB não estão inclusas em sua análise.

²⁹ O autor menciona ainda que, na noção de controle, coincidem o fluxo de energia com o da volicionalidade do sujeito (2006, p. 73).

entre sujeito e objeto, gerando construções reflexivas; à medida que o controle diminui, a diferenciação entre esses participantes também diminui, produzindo construções médias (2006, p. 52).

Dada a possibilidade de o experienciador atuar como sujeito ou como objeto de uma construção ativa, o autor assinala que o nível de atividade desse participante pode variar de forma considerável. Da mesma maneira, os efeitos que o *se* impõe, ao se combinar com cada tipo de participante, também variam. Se o experienciador possui propriedades ativas, o uso do *se* produz um resultado distinto dos casos que envolvem um experienciador com características passivas. Para exemplificar, Maldonado aponta o contraste entre os dois pares de sentenças abaixo (2006, p. 52):

(1) *Adrián reconoció la voz de su padre*

‘Adrián reconheceu a voz de seu pai’

(2) *Adrián se reconoció en la voz de su padre*

‘Adrián se reconheceu na voz de seu pai’

(3) *A Adrián lo alegró la voz de su padre*

‘A voz de seu pai alegrou Adrián’

(4) *Adrián se alegró con la voz de su padre*

‘Adrián se alegrou com a voz de seu pai’

Em (1), temos uma construção transitiva que envolve um experienciador sujeito, com propriedades ativas. Segundo o autor, o uso do *se* em (2) produz uma baixa de transitividade em relação à sentença (1), gerando uma construção reflexiva. Já nos dados (3) e (4), tem-se o efeito contrário. Como a sentença (3) possui um experienciador objeto, que apresenta propriedades passivas, a inserção do *se* – como vemos em (4) – faz com que o nível de participação e responsabilidade do experienciador aumente em relação à sentença ativa. Portanto, enquanto nas reflexivas a função do *se* é a de diminuir o nível de transitividade e controle do experienciador, nas construções médias, o que o clítico faz é aumentar sua participação e/ou responsabilidade no evento em questão.

Na proposta do autor, a relação entre o teor ativo/passivo do experienciador e a ideia de controle da ação é estabelecida da seguinte maneira: os experienciadores ativos são

capazes de controlar suas ações, ao passo que os passivos sofrem uma mudança de estado que não podem controlar (2006, p. 57).

Diante da tradicional divisão dos verbos de atividade mental nas classes básicas de *percepção*, *cognição* e *emoção* (Croft, 1986 apud Maldonado, 2006, p. 58), Maldonado segue Kemmer e propõe que se divida esta última em outras duas classes: a dos verbos de *emoção* e a dos verbos de *reação emocional*. Essa cisão seria motivada pelo fato de que alguns verbos de *emoção* apresentam um experienciador sujeito, enquanto outros colocam o participante experienciador como objeto. Além disso, o autor propõe uma escala que segue a ordem: *percepção* > *cognição* > *emoção* > *reação emocional*. Os primeiros tendem a apresentar experienciadores ativos e, conforme a escala decresce, maior a possibilidade de ocorrer um experienciador passivo (2006, p. 58).

Maldonado se vale de diversos testes que justifiquem a separação dos verbos nas classes acima citadas e que evidenciem o grau de controle que o experienciador possui sobre a ação denotada pelo verbo. Dentre eles, citamos alguns que podem ajudar a entender e analisar os dados encontrados nos *corpora* do PB: (i) o uso do verbo *decidir*, que produzirá boas sentenças em contextos que demandam volição (*Ela decidiu se amar* vs. **Ela decidiu se assustar*) e (ii) o uso de advérbios ou sintagmas adverbiais que controlem a (falta de) intensidade com que se realiza a ação, a exemplo de *deliberadamente*, *meticulosamente*, *acidentalmente*, etc.

Maldonado esclarece que existem níveis intermediários de controle que dialogam com a escala proposta. De forma extremamente resumida³⁰, o autor chega à seguinte conclusão: no nível mais alto de controle, com os verbos de *percepção*, o participante faz uso de seus recursos energéticos para iniciar uma ação. Com os verbos de *cognição* e *emoção*, o nível de controle desses recursos é intermediário. Finalmente, com os verbos de *reação emocional*, o experienciador não controla o desenvolvimento da ação; na verdade, ele “fica sob o domínio de um indutor que pode ou não ter controle sobre seus recursos energéticos” (2006, p. 74-75, tradução nossa).

Com tais considerações em mente, o autor verifica como o clítico *se* se relaciona com as quatro classes propostas e estabelece uma conexão entre nível de controle e reflexividade. Para ele, a distinção entre construções reflexivas e médias depende do grau de controle do experienciador e, quanto a esse aspecto, duas observações são feitas: (i) a noção de controle

³⁰ Essa introdução à análise de Maldonado não faz jus a toda a complexidade e pertinência de sua proposta. O autor associa a noção de direcionalidade do fluxo de energia – que tem suas bases assentadas na proposta de Langacker (1991) acerca do modelo da bola de bilhar – com a noção de controle. Contudo, foge ao escopo deste trabalho entrar em detalhes quanto a esse aspecto da análise de Maldonado. Para nós, o que é relevante aqui é mostrar que a ideia de controle da ação pelo sujeito tem papel crucial na diferenciação entre construções reflexivas e médias.

implica diferenciação entre sujeito e objeto; (ii) quando há correferencialidade, verbos com sujeitos que controlam sua atividade mental ou a direcionalidade de suas emoções produzem construções reflexivas; por outro lado, verbos que envolvem baixo controle geram construções médias (2006, p. 75).

De acordo com a proposta, verbos de *percepção* e de *cognição* geram “consistentemente”³¹ sentenças reflexivas, ao serem combinados com o *se* (2006, p. 75). Em ambos os casos, o participante é conceitualizado como tendo facetas distintas. Essa cisão do participante é mais clara em se tratando dos verbos de *cognição*, já que a representação mental que é formada “aparece como uma entidade separada do conceitualizador e constitui um elemento paralelo ao objeto direto”, à semelhança do que ocorre com um clítico não correferencial, como vemos a seguir (2006, p. 77):

(5) *Entiéndelo a él para que te entiendas a ti mismo*

‘Entende-o para que te entendas a ti mesmo’

Segundo o autor, com verbos de *reação emocional*, a substituição por um clítico não correferencial não gera o mesmo resultado:

(6) *Con un día así el abuelo se alegra*

‘Com um dia assim, o avô se alegra’

(7) **Con un día así el abuelo lo alegra*

‘Com um dia assim, o avô o alegra’

Enquanto em (6) o sujeito não controla a mudança de estado emocional que o afeta, em (7) há um ato volitivo imposto sobre outro participante (representado pelo pronome *lo*).

Além disso, Maldonado também mostra que os sintagmas *mí mismo* / *ti mismo* / *sí mismo* podem incrementar uma sentença reflexiva, uma vez que marcam a distinção entre agente e paciente e favorecem uma leitura volitiva, como vemos em (5), acima (chamamos a atenção para a marcação em negrito). Por outro lado, o uso desse tipo de sintagma não é compatível com os verbos que denotam baixo controle, como os de *reação emocional*:

³¹ Mais adiante em sua análise, o autor revela que existe uma subclasse dos verbos de *cognição* (a exemplo de *lembrar* e *esquecer*) que formam sentenças médias, e não reflexivas, quando ocorrem juntamente com o clítico, já que contam com menor nível de controle por parte do sujeito. Segundo o autor, esses verbos apresentam também baixo nível de separação do participante, em oposição aos outros verbos de *cognição*, *percepção* e *emoção*, que trazem objetos bem diferenciados e individuados (2006, p. 94).

(8) **Juan se entristeció a sí mismo con la noticia del homicidio*

*Juan se entristeceu a si mesmo com a notícia do homicídio

O autor também menciona as construções reflexivas que envolvem espaços mentais, de acordo com a teoria de Fauconnier (1985 apud Maldonado, 2006, p. 78). Nesses casos, também torna-se mais fácil apreender a conceitualização cindida do participante, que se encontra em um espaço mental distinto do espaço do discurso. Um dos exemplos apontados pelo autor (2006, p. 79) é o seguinte: *Yo no sé qué me pasa pero en ese tipo de situaciones no me reconozco* ('Eu não sei o que acontece comigo, mas nesse tipo de situação eu não me reconheço'). Contudo, mesmo que a construção não conte com a conceitualização de diferentes espaços mentais, a conceitualização do participante em diferentes facetas pode garantir a existência de uma construção reflexiva, a exemplo de *No pudo soportar tanto dolor y se mató* ('Não pôde suportar tanta dor e se matou') (2006, p. 78).

Maldonado defende que uma sentença com *se* possui menor grau de transitividade em relação a uma forma transitiva, pois "não atuamos sobre os outros da mesma maneira que atuamos sobre nós mesmos" (Tuggy, 1981 apud Maldonado, 2006, p. 78, tradução nossa). Contudo, esse grau de transitividade depende também do nível de separação entre sujeito e objeto. No que concerne aos verbos de *percepção* e *cognição*, os clíticos reflexivos comportam-se como em uma sentença transitiva com dois participantes distintos. A diferença é que a representação das duas entidades remete ao mesmo participante.

No que tange aos verbos de *emoção*, a tendência é a de que também formem construções reflexivas, à semelhança dos verbos de *cognição* e *percepção*. Isso se deve ao teor ativo presente em tais verbos e à alta distinguibilidade entre as facetas do participante, que podem inclusive aparecer em espaços mentais diferentes:

(9) *Hay situaciones en las que tengo reacciones impredecibles y en las que simplemente me detesto*

'Há situações em que eu tenho reações imprevisíveis e aquelas nas quais eu simplesmente me detesto'

Assim, considerando essas três classes de verbos mencionadas, o autor revela o seguinte padrão (2006, p. 82, tradução nossa):

nos verbos de alto controle (*percepção, cognição e emoção*), o experienciador ATIVO conserva suas propriedades agentivas, de maneira que sua diferenciação com o tema responde ao requisito mínimo de toda construção reflexiva de que haja uma distinção clara entre sujeito e objeto.

O padrão associado aos verbos de *reação emocional* será comentado a seguir.

4.1.2.1 Casos de redução de transitividade

Um dos aspectos que Maldonado destaca em sua análise é a relação entre as noções de transitividade e controle. Seguindo Hopper & Thompson (1980) – para quem o nível de transitividade de uma sentença envolve, entre outros aspectos, o grau de definição e individuação dos participantes –, Maldonado (2006) aponta que as sentenças envolvendo pronomes já são menos elaboradas, ou menos transitivas, do que aquelas contendo sintagmas nominais referenciais, justamente porque aqueles são menos elaborados que estes. Em se tratando dos pronomes correferenciais, o nível de transitividade decresce um pouco mais, pois, como já mencionado, atuar sobre os outros não é o mesmo que atuar sobre si (Tuggy, 1981 apud Maldonado, 2006, p. 83). Para Maldonado, a construção com *se* reduz o nível de volição do sujeito, quando comparada a uma sentença transitiva, como vemos nos exemplos abaixo:

(10) <i>Nely cortó la carne</i> ‘Nely cortou a carne’	(volitivo transitivo)
(11) <i>Nely se cortó</i> ‘Nely se cortou’	(acidental médio)

Na forma transitiva, a primeira leitura que se apreende é intencional. Já na construção média com o *se*, a primeira interpretação que decorre é a de caráter acidental do evento. Para o autor, a redução de controle reduz o nível de diferenciação entre sujeito e objeto, produzindo uma construção média. Maldonado chama a atenção para o fato de que as línguas que possuem dois marcadores correferenciais – um reflexivo e um médio – nunca se valem da forma independente (reflexiva) para marcar acidentalidade.

Outra questão interessante associada à ideia de acidentalidade é a observação feita por García: “pessoas normais ou pessoas sob circunstâncias normais não são masoquistas” (García, 1975 apud Maldonado, 2006, p. 85, tradução nossa). De acordo com Maldonado, os casos em que há redução de controle colocam em perfil eventos negativos ou atos que vão em

direção contrária aos interesses do sujeito. Assim, considerando que em condições usuais as pessoas não agem de maneira a se prejudicar, é plausível pensar que esses eventos envolvem falta de controle por parte do sujeito. Em outras palavras, se o sujeito pudesse controlar o evento, ele não geraria um resultado negativo.

O autor aponta uma semelhança entre esse tipo de sentença e as médias que denotam atos rotineiros. Estas também envolvem redução de controle do sujeito sobre o evento, já que, para realizar a ação de *se pentear*, por exemplo, não é necessário depreender o mesmo nível de atenção e cuidado do que quando tal atividade é direcionada a outro participante. Desse modo, segundo Maldonado, nos casos de acidentalidade e caráter rotineiro, o *se* está relacionado à baixa diferenciação entre sujeito e objeto, “de maneira que não é possível obter uma clara representação de um agente que se diferencie de um paciente e que atue sobre este último de forma deliberada” (2006, p. 85, tradução nossa).

Ainda no âmbito das construções que apresentam baixa transitividade, Maldonado trata das sentenças que envolvem o que ele chama de **sujeitos secundários** (*surrogate subjects*). Um exemplo dado pelo autor pode ser visto a seguir (2006, p. 86):

- (12) *Dino Lipati se educó con los mejores músicos europeos*
 ‘Dino Lipati se educou com os melhores músicos europeus’

Segundo Maldonado, nesse tipo de construção, “o experienciador possui um baixo nível de controle e cede suas propriedades volitivas a um participante representado pelo sintagma preposicional” (2006, p. 86, tradução nossa). Apesar de o exemplo dado incluir o clítico *se*, as sentenças dessa natureza também podem ser formadas sem esse elemento, como vemos em (13), abaixo:

- (13) *Chalo arregla su coche con el mecánico de mi papá*
 ‘Chalo conserta seu carro com o mecânico do meu pai’

Para o autor, embora ambas as construções revelem o mesmo tipo de relação, na forma transitiva (13) o nível de controle do sujeito é maior do que na sentença que contém o clítico (12).

Contudo, se a construção apresentar o clítico, ele vai ser do tipo médio, e não reflexivo. O papel do *se*, nesses casos, é o de “restringir a capacidade de controle do sujeito” (2006, p. 87, tradução nossa). Como consequência, o sujeito perde as propriedades indutoras que normalmente teria, transferindo-as ao agente secundário. O autor destaca que a redução

de controle verificada nesse tipo de sentença está em consonância com as situações que exibem baixa diferenciação entre sujeito e objeto – a exemplo dos eventos rotineiros –, marcadas com o clítico médio.

Quanto à redução de **controle** do sujeito – que se manifesta por meio do clítico *se* –, o autor defende que ela pode operar **sobre o objeto** (o que resultará em construções reflexivas) ou **sobre a própria atividade** (o que produzirá construções médias). No segundo caso, “o participante está consciente de sua atividade, mas não possui a capacidade de dirigi-la” (2006, p. 88, tradução nossa). A fim de esclarecer essa questão, Maldonado se vale dos seguintes exemplos:

- (14) *Recordé su cara*
‘Recordei seu rosto’

- (15) *Me acordé de su cara de pronto*
‘Me lembrei de seu rosto rapidamente’

Para ele, *recordar* pressupõe maior controle sobre a atividade mental, quando comparado com *acordarse*, o que pode ser verificado pela combinação com o advérbio *meticulosamente*. O autor explica que, por se tratar de um advérbio que requer máximo controle por parte do sujeito, as sentenças com o *se* (que possuem controle reduzido) não produzirão bons resultados (2006, p. 89):

- (16) *Recordaba meticulosamente las palabras de su padre*
‘Recordava meticulosamente as palavras de seu pai’
- (17) *??Se acordaba meticulosamente de las palabras de su padre*
‘Se lembrava meticulosamente das palavras de seu pai’

Da mesma maneira, *recordar* pode ser combinado com objetos mentais que requerem precisão e controle e, conseqüentemente, com advérbios compatíveis com esse controle, como vemos abaixo:

- (18) *Recordaba las palabras de su padre con absoluta precisión*
‘Recordava as palavras de seu pai com absoluta precisão’

(19) ??*Se acordaba de las palabras de su padre con absoluta precisión*

‘Se lembrava das palavras de seu pai com absoluta precisão’

O autor defende que, nesse caso, o objeto é trazido de zonas distantes da memória para a mente ativa do indivíduo, e que tal distância exige maior controle volitivo por parte dele. Como não há esse controle na construção com *se* (*se acordaba*), o uso desse tipo de advérbio não gera sentenças boas (2006, p. 90) ³².

Maldonado também comenta acerca da **baixa distinguibilidade** entre sujeito e objeto nas construções com *se*. O uso do clítico, nesses casos, atua de modo a reduzir o controle ou a volicionalidade do sujeito. Assim, se o sujeito for um experienciador ativo, o *se* fará com que ele atue como um experienciador não ativo, sendo menos indutor da experiência do que afetado por ela. Contudo, o autor não acredita que ele passe a ser um experienciador passivo (como ocorre com os verbos de *reação emocional*), uma vez que ele possui propriedades intermediárias de controle. Portanto, apesar de os verbos de *emoção* (como *amar*) terem um experienciador de caráter relativamente passivo, seu comportamento segue o de verbos que demandam alta volição, de modo que as construções formadas com esses verbos e o clítico *se* serão reflexivas (a exemplo de *ele se ama* / *ele ama a si mesmo*), e não médias.

Como já mencionado anteriormente, os verbos de *reação emocional* (a exemplo de *assustar*, *entristecer*, *surpreender*) contam com um experienciador objeto, ou passivo, que possui um nível de controle nulo sobre o evento. Tal experienciador sofre uma mudança de estado emocional, todavia não pode controlá-la. Quando esse tipo de verbo é utilizado com o *se*, o experienciador passivo acaba se tornando um experienciador médio, tendo em vista que o efeito do clítico, nesses casos, é o de aumentar a participação do sujeito no evento. Desse modo, de acordo com Maldonado, o experienciador “não se limita a sofrer uma mudança imposta por uma causa abstrata externa, mas participa dela com sua emoção, não com seu controle racional” (2006, p. 95, tradução nossa).

Além desse aspecto, construções médias com o *se* que envolvem verbos de *reação emocional* apresentam baixa distinguibilidade entre participantes. Na perspectiva do autor, como o experienciador não induz a mudança de estado, não há “um agente bem definido, nem um paciente identificável; ambas as funções coexistem em um participante de atividade intermediária” (2006, p. 97, tradução nossa). Portanto, o clítico *se* atua de forma a “neutralizar a polarização entre papéis temáticos” (2006, p. 106, tradução nossa). Por esse motivo, o autor

³² Mais adiante no capítulo, ao discutirmos as ocorrências envolvendo os verbos *lembrar* e *esquecer*, retomaremos essa questão, bem como a relação que o autor faz entre o controle sobre a atividade e o uso da preposição (no caso de “*se acordar de*”).

considera o experienciador médio como um *reator-ativo*. Em outras palavras, ele não induz nem controla um ato mental, mas participa dele com graus de intensidade variados.

4.1.2.2 O caso dos inerentes

O fato de que alguns verbos só podem ser utilizados com *se* se apresenta como um problema para as análises formais que associam o clítico a um marcador representativo da elisão do argumento externo. A impossibilidade de que esses verbos apareçam em versões transitivas não permite que as construções com *se* da qual façam parte sejam analisadas como resultado de um processo de derivação. Em virtude de tal impossibilidade, esses verbos tendem a ser tratados como assistemáticos e listados no léxico. O clítico que os acompanha é normalmente chamado de *inerente*. Não obstante, na visão de Maldonado, esses casos também podem ser explicados levando-se em conta a semântica por trás do terreno das construções médias.

Partindo da observação de que muitos verbos que se combinam com o clítico inerente manifestam *emoção* ou *reação emocional*, o autor defende que o experienciador associado a tais verbos também seja um experienciador médio, ou seja, ele possui um “nível intermediário de responsabilidade em relação à emoção que se expressa” (2006, p. 113). Segundo Maldonado, o sujeito de verbos intransitivos como *soluçar* configura-se como um experienciador passivo, em decorrência de sua “incapacidade para induzir um ato mental ou emocional” – em oposição ao sujeito de verbos intransitivos como *caminhar* ou *trabalhar*, que codificam um sujeito ativo (2006, p. 114). O experienciador dos verbos que ocorrem com o clítico inerente estaria localizado entre esses dois pontos³³, expressando não apenas afetação (como um participante passivo), mas maior responsabilidade em relação ao evento (à semelhança do participante ativo). Isso pode ser verificado por meio da inserção de advérbios de controle, como *poco a poco* (‘pouco a pouco’, em PB). O emprego desse advérbio gera resultados gramaticais quando as sentenças envolvem sujeitos ativos ou verbos marcados com o *se*, mas produz resultados agramaticais quando combinados com sujeitos passivos:

(20) *Juan leyó el libro poco a poco.*

‘Juan leu o livro pouco a pouco’

³³ Em nota, Maldonado revela que as formas médias seriam intermediárias entre os chamados inacusativos e inergativos, e que os níveis de atividade, mesmo quanto aos verbos intransitivos, estão sujeitos a uma organização gradual (2006, p. 114).

- (21) *Ese hombre es de los que se quejan poco a poco.*
 ‘Esse homem é daqueles que se queixam pouco a pouco’
- (22) **Juan durmió poco a poco.*
 ‘*Juan dormiu pouco a pouco’

Desse modo, a ideia proposta pelo autor é a de que, nas construções médias, o *se* está associado a um processo de *energização* do evento, que “consiste em fazer com que a expressividade do sujeito seja especialmente proeminente” (2006, p. 116, tradução nossa). Maldonado menciona, ainda, que existem outras formas de energizar um evento, como, por exemplo, colocando em perfil a velocidade ou o modo de executar a ação, a violação de padrões culturais convencionais, etc. Essas outras formas não serão tratadas aqui, uma vez que não são tão comuns em PB; contudo, o autor ressalta que tais eventos energéticos contrastam com eventos absolutos, nos quais a energia não é proeminente (2006, p. 116). Para Maldonado, nos casos envolvendo um experienciador médio, o *se* também impõe energização ao evento, o que pode ser observado por meio da representação complexa desse experienciador (que apresenta traços passivos e ativos). Ademais, essa caracterização do experienciador médio consegue dar conta das construções médias inerentes, já que estas não podem ser explicadas por derivação.

Embora Maldonado postule sua análise acerca das construções médias e reflexivas principalmente com base em verbos “mentais”, acreditamos que os aspectos abordados sejam interessantes para ajudar a entender outros eventos que não envolvam necessariamente essas atividades. Portanto, em nossa análise, a proposta do autor será estendida para outros tipos de verbos. Além disso, determinados aspectos abordados por Maldonado se mostram de extrema relevância para o tratamento dos dados: (i) o nível de controle/volição do sujeito; (ii) o grau de distinguibilidade dos participantes e (iii) o tipo de experienciador envolvido no evento.

4.2 Descrição e análise dos dados

4.2.1 Construções reflexivas

Retomando o que foi proposto por Kemmer (1994) e Maldonado (2006), a semelhança entre uma construção reflexiva e uma transitiva é evidente. Ambas denotam uma relação envolvendo dois papéis semânticos (iniciador e alvo do evento). Contudo, enquanto na

transitiva esses papéis remetem a duas entidades distintas, na reflexiva eles fazem referência à mesma entidade. O que a comparação entre essas duas construções sugere é que, em uma sentença reflexiva, o participante atua sobre si da mesma forma como atuaria sobre outro participante. Associados a essa noção, as construções reflexivas exibem também outros aspectos: alto grau de distinguibilidade do participante (que é conceitualizado como tendo facetas distintas) e alto grau de controle do sujeito sobre o objeto. Vejamos como essas características se apresentam nos dados encontrados nos *corpora*.

A primeira ocorrência a ser comentada envolve o verbo *atender* e denota uma situação em que os falantes estão em uma loja:

- (23) *EUG: [134] e ela [/1] ela + [135] as duas / sai quase o preço que custa uma na Piccadilly //
- *JAN: [136] é //
- *EUG: [137] ver se eu acho outro modelo aqui // [138] nem um par trinta-e-nove // [139] ô moça / e a Piccadilly não tem / viu // [140] olá //
- *WOA: [141] oi // [142] tudo bom //
- *EUG: [143] jóia //
- *WOA: [144] tô me [/2] tô me / atendendo aqui //
- *EUG: [145] oh / a bondade sua hhh // [146] fique à vontade //
- *WOA: [147] brigada //
- *EUG: [148] tô indo ver desse modelo aqui / o' // [149] da Bottero // [150] o' que lindo //
- (C-ORAL-BRASIL)

O evento de *atender* evoca dois papéis distintos: o de iniciador do evento (aquele que realiza a ação de atender) e o alvo (o participante que é atendido). Prototipicamente, esses papéis são desempenhados pelo vendedor e pelo cliente, respectivamente. Não obstante, a situação em (23) mostra que, diante da impossibilidade de o vendedor atender o cliente (pois ele está ocupado), o próprio cliente decide desempenhar sua função, atuando ao mesmo tempo como iniciador e alvo do evento. Como proposto por Maldonado (2006), a expressão *si mesmo* é compatível com sentenças reflexivas. Nesse caso, a boa formação de uma sentença contendo *si mesmo* reforça a distinguibilidade das facetas do participante e sua volição: *Tô atendendo a mim mesma*.

Outro caso em que a ação é normalmente direcionada a outro participante envolve o verbo *perdoar*:

- (24) D1 mas D1 ai que bom né? Dados Contextuais [risos-D1] S1 se ele morresse naquela época eu ia ficar até hoje sei lá S1 não iria me perdoar ia achar que S1 derrame foi porque eu peguei... D1 porque você pegou S1 mas hoje eu penso assim "não eu não sou Deus pra deixar

(Projeto SP2010)

O evento evoca dois papéis distintos: o iniciador, que remete ao participante que perdoa, e o alvo, que corresponde ao participante que é perdoado. Em (24), o falante revela ao interlocutor que, em determinada época de sua vida, dava muito trabalho aos pais e que, se o pai morresse naquela época, ele não perdoaria *a si mesmo*. Assim, o falante se coloca como desempenhando ambos os papéis, o de ‘perdoador’ e o de ‘perdoado’.

Em se tratando do uso da expressão *si mesmo*, a proposta de Maldonado também menciona a possibilidade de ele ser usado em contextos contrastivos. Assim, essa expressão pode ser empregada quando o falante quer enfatizar que o próprio participante realizou a ação da qual é alvo, em contraste com outro potencial agente presente na estrutura. Vejamos a ocorrência abaixo:

- (25) pra ter um homem que vai trabalhar e trazer alimento pra casa e e eu cuidar dos filhos" S1 hoje em dia ela pode fazer tudo isso mas ela mesmo se bancar ela pode ter o filho dela sozinha S1 se o... o homem não quer Dados Contextuais [vozes ao fundo] S1 fazer a sua parte S1

(Projeto SP2010)

Em (25), o falante explica que, nos dias de hoje, a mulher é capaz de sustentar a família em termos financeiros, e não precisa do homem para isso. Ou seja, em vez de o homem (potencial agente) bancar a mulher, ela pode bancar *a si mesma*, desempenhando ambos os papéis, de iniciador e alvo do evento de *bancar*. Esse uso tem como efeito reforçar o papel do participante enquanto agente da ação e, conseqüentemente, reforçar a distinguibilidade envolvida em sua conceitualização.

Também foram encontrados exemplos associados a verbos de cognição e percepção, que, como veremos a seguir, mostram a conceitualização do participante como tendo facetas distintas:

- (26) *LUC: vamo ser padrinho //
*FLL: é // o primeiro <casal> //

*MIC: <gente> //

*FLL: ai / gente / eu tô <morrendo com esse negócio> //

*LUC: <ea tá um [/3] ea tá muito nervosa hhh> //

*MIC: <eu quero> [/2] eu quero / lavar minha mão //

*FLL: não / porque [/1] <porque eu fico me imaginando / na primeira igreja> [/3]

*MIC: eu fiquei noventa horas <esperando ônibus // e quase perdi o meu> // ahn //

*FLL: na primeira igreja / yyy // aquela igreja / tanto amada //

(C-ORAL-BRASIL)

O dado acima denota um evento no qual a pessoa que imagina está situada no espaço do discurso, ao passo que o objeto de sua imaginação (o que é imaginado) localiza-se em outro espaço mental. Hipoteticamente, ela poderia imaginar a noiva, o noivo ou o padre na igreja; qualquer coisa poderia preencher esse espaço da imaginação. O que faz com que a sentença seja reflexiva é o fato de que ela imagina a si própria, de modo que é coerente pensar que duas facetas distintas do participante estão em jogo: aquela que imagina e a que é participante da cena imaginada.

A conceitualização de duas facetas de um mesmo participante também pode ser verificada por meio das ocorrências abaixo:

- (27) assim? S1 não sei o paulista D1 é você fala assim? S1 eu falo assim... falo assim... é D1 e a porta/ S1 eu me eu me a/ acho um pouco irritante eu acho a minha entonação irritante assim às vezes quando eu escuto S1 se eu escuto no áudio então... eu acho um horror um

(Projeto SP2010)

- (28) *LIQ: aí agora ela se viu grávida de gêmeos // tá fazendo hidroginástica lá com a gente // aí / falou comigo assim / ô Liquita // me fala como é que foi / e tal / aí eu tava contando pra ela as coisa / falei assim + e ela tá assim muito / pra baixo / <porque foi um susto danado> //

(C-ORAL-BRASIL)

Nos dois casos, temos experienciadores sujeitos, com características mais ativas, capazes de realizar as ações de *achar* e *ver* alguma coisa (ainda que em sentido metafórico³⁴). Ao mesmo tempo, eles são o alvo dos eventos em questão, ou seja, o que é considerado irritante, em (27),

³⁴ O uso metafórico associado a outros tipos de verbos será explorado mais adiante no capítulo.

e a situação de estar grávida de gêmeos, em (28). Desse modo, é perceptível a conceitualização do participante como tendo duas facetas cindidas: aquela que realiza a atividade mental e aquela que é objeto dessa atividade.

Vale mencionar também as ocorrências que Maldonado chama de *reflexivas de objeto indireto* (2006, p. 133). Trata-se de construções que envolvem, além do objeto direto, um participante dativo, e tal participante é correferencial ao sujeito. Vejamos os dados abaixo, que retratam essa conjuntura:

- (29) D1 olha Dados Contextuais [risos-D1] S1 tudo bem e... S1 daí em e me/ em determinado momento eu acho que eu tinha dezoito anos eu me eu me fiz uma proposta pra mim mesmo "eu só vou trabalhar... em lugares culturais" S1 não sei da onde saiu isso mas achei que foi legal D1 uhum

(Projeto SP2010)

- (30) S1 não foi ah ah escandaloso né D1 você acha que as pessoas... hoje em dia se respeitam menos? S1 eu acho que sim S1 mulher não se dá muito valor também né D1 uhum S1 e o homem menos ainda D1 uhum S1 você vê pela televisão você vê S1 cenas que

(Projeto SP2010)

À semelhança do que ocorre com as reflexivas já discutidas, também nesses casos o sujeito e o objeto indireto são conceitualizados como duas entidades separadas: a que realiza a ação e aquela a quem a ação é direcionada, por assim dizer. Tal distinguibilidade pode ser verificada por meio da expressão *mim mesmo*, já presente em (29), e inserida na seguinte paráfrase de (30): “mulher não dá muito valor *a si mesma*”.³⁵

Considerando, assim como proposto por Kemmer (1993, 1994), que as sentenças reflexivas e médias estariam em um contínuo de transitividade, exibindo graus variados de distinguibilidade dos participantes, vimos casos de sentenças reflexivas, que apresentam alta distinção entre as facetas do participante. Além disso, quanto à ideia de prototipicidade da

³⁵ Ao incrementar as sentenças com o uso da expressão *si mismo*, nos exemplos do espanhol, Maldonado mantém o clítico nas construções. Em PB, a expressão pode aparecer juntamente com o clítico em alguns casos (como (29)), porém é mais comum quando o clítico não está presente, como vemos no seguinte dado extraído da internet: “A mulher que dá valor a si mesma é inteligente” (<http://elaele.com.br/r/25005-uma-frase-anula-outra-ou-seja-mulher-que-da-valor-si-mesma-e-inteligente.html>). Assim, optamos por excluir o clítico das paráfrases construídas com *si mesmo*, no PB, por considerar que esse seja o uso mais natural. Apesar da diferença entre as línguas, acreditamos que essa expressão continua sendo válida para evidenciar se o participante está sendo conceitualizado como tendo facetas cindidas.

ação, os dados comentados tratavam de eventos normalmente direcionados a outra entidade, que não o próprio participante.

Os casos que discutiremos a seguir, embora sejam muito similares aos já apresentados, começam a entrar na zona intermediária entre sentenças reflexivas e médias. Como em PB ambos os tipos de construções são marcados com o clítico *se*, a dificuldade de tentar classificar determinadas sentenças como reflexivas ou médias se mostra evidente. Diante desse impasse, o mais sensato parece ser situá-las nessa zona intermediária, evidenciando as características que aproximam tais sentenças de um ou outro polo. Em relação aos eventos representados abaixo, veremos que, apesar de evocarem dois papéis delimitados, à semelhança das reflexivas, eles são comumente desempenhados pela mesma entidade:

- (31) que te peço desculpas que eu que devia ter te procurado" S1 "ao passo que você veio me procurar" S1 "não mas é que acontece que eu desisti de me candidatar a vereador" eu falei "por que doutor {A.}?" S1 "o senhor acha que não tinha possibilidade?" ele falou "não" S1 "tinha e bastante" S1 "mas acontece..."
(Projeto SP2010)

- (32) *NAT: a Bíblia fala / nossa &bia [/2] "nossa vida é até os setenta" // os mais fortes chegam aos oitenta / com muita luta e sofrimento // é união // e / eu uso isso na prática / também // quando eu fiz setenta anos / eu coloquei o cargo à disposição // acharam que / time que tá ganhando não se mexe // mas / eu acho que tá na hora de se pensar // mas / que venha pra cá gente que já conhece aqui //
*BAL: <hum hum> //
*NAT: <não> francos-atiradores que vêm de qualquer &lud [/1] lugar / pra modificar tudo / conforme o seu modo de pensar // venha pra cá conviver / conhecer / a realidade / as nossas vidas de favelas / pa poder se integrar bem na comunidade //

(C-ORAL-BRASIL)

- (33) *SAN: porque a participação dos idosos / eles [/1] eles vinham [/1] vieram pra cá / né / contando / esperando / que o projeto fosse aprovado / também teve mobilização / acho que ã foi tanto quanto a dos cento-e-setenta / né // mas / conseguimos mobilizar também / e / e os idosos vieram aqui com a expectativa / né / e eles presenciarem / e o Pedro / acho que relata um pouco isso <no livro>

quando ele diz / as pessoas / &he / verem o deputado se retirar do plenário / <né>
//

*MMM: <hum hum> // <é> //

*SAN: <pra não dar quorum / né> //

(C-ORAL-BRASIL)

Os eventos de *candidatar*, *integrar* e *retirar* podem ser direcionados a outro participante que não o agente da ação, como podemos ver em sentenças transitivas: *O partido candidatou o rapaz a vereador / O padre integrou o novo membro da igreja na comunidade / O segurança retirou o deputado do plenário*. Isso revela a existência de dois papéis associados ao evento (iniciador e alvo). Todavia, a expectativa é a de que sejam realizados pelo próprio participante afetado. Nota-se, então, uma gradação em termos da distinguibilidade do participante em relação às sentenças previamente classificadas como reflexivas. Essa gradação pode ser observada por meio da inserção da expressão *si mesmo*, que começa a gerar resultados ruins:

(34) ? Eu desisti de candidatar a mim mesmo como vereador.

(35) * Que venha para cá alguém que possa integrar a si mesmo na comunidade.

(36) * As pessoas viram o deputado retirar a si mesmo do plenário.

A partir desse ponto, começamos a adentrar no terreno das construções médias, que serão tratadas na sequência.

4.2.2 Construções médias de ação corporal

Como defendido por Kemmer (1994) e Maldonado (2006), as construções médias exibem um nível intermediário de elaboração, sendo menos elaboradas do que as transitivas e reflexivas, e mais elaboradas do que as intransitivas. Para Kemmer (1994), esse menor grau de elaboração das sentenças médias está associado ao fato de que o participante tende a ser conceitualizado em toda a sua totalidade, e não como tendo facetas distintas. Maldonado (2006) alia essa proposta à noção de controle, de modo que, nas construções médias, o grau de controle do sujeito vai diminuindo. É claro que ambos os aspectos podem ser vistos em maior ou menor grau, a depender de como o evento é construído. Nesta seção, analisaremos os diferentes casos que, embora tragam especificidades, compartilham o fato de serem sentenças menos elaboradas do que as transitivas e reflexivas.

Observemos a ocorrência abaixo, construída com o verbo *jogar*:

- (37) *JUN: <porque> [/1] ela [/1] porque a [/1] pela situação dela / <não parece> que foi jogada //
- *MAR: <mas diz> + <uai / mas diz que> [/2] diz que &e [/2] que ela [/1] levaram ela prum hospital / que ela no [/1] antes de [/2] antes de chegar / ela [/1] ela tava viva ainda // <como é que é isso> //
- *JUN: <então> / mas diz que ela não [/2] ela nũ tem &n [/4] ea nũ tem <sintoma nenhum que ela foi pra se jogar> //
- *EDE: <como é que ela furou aquela grade / hein> //
- *JUN: então alguém jogou ela / e abriu // alguém levou [/1] &he / &ba [/1] fez a ruindade e +
- *JUL: colocou ela lá //

(C-ORAL-BRASIL)

Em um primeiro momento, o que vem à mente é a semelhança dessa sentença com as reflexivas. O evento de *jogar* [da janela] evoca dois papéis (o de iniciador e o de alvo da ação) que, nesse caso, remetem ao mesmo participante. Ademais, o falante parece contrapor esse participante a outro possível agente presente no contexto (*Ela se jogou da janela* vs. *Alguém jogou ela da janela*), enfatizando ainda mais o caráter agentivo do iniciador na sentença com o *se*. Por fim, no evento de *se jogar da janela*, está implícito um alto grau de controle/volição por parte do sujeito, que pode ser verificado por meio da inserção do verbo *decidir* e de determinados adjuntos adverbiais. Chamamos a atenção para o contraste entre (38) e (39), de um lado, e (40) de outro:

- (38) Ela *decidiu* se jogar da janela.
- (39) Ela se jogou da janela *intencionalmente*.
- (40) * Ela se jogou da janela *acidentalmente*.

Os bons resultados obtidos com o uso do verbo *decidir* e do advérbio *intencionalmente*, bem como a impossibilidade de o verbo ser combinado com o sintagma *acidentalmente*, refletem controle e volição por parte do sujeito. Como já mencionado anteriormente, na proposta de Maldonado (2006), alto controle está associado a construções reflexivas. Assim, esses aspectos apontados, de fato, poderiam indicar que a sentença exibe um comportamento análogo ao das reflexivas.

Por outro lado, ao discutir a semântica por trás dos verbos que denotam **ação corporal** (a exemplo de *se vestir*), Kemmer (1994) defende que os movimentos executados para realizar a ação sobre si são, de certo modo, distintos daqueles utilizados quando a ação é direcionada a outra entidade. De acordo com a autora, em se tratando do próprio participante, as partes de seu corpo afetadas pelo evento não são meramente passivas; na maioria dos casos, elas participam de certa forma da ação, o que não acontece quando a atividade é direcionada a outra pessoa (1994, p. 200-201).

Levando em conta a recorrência do marcador médio com esse tipo de evento nas diversas línguas em que é utilizado, é plausível considerar que esse seja um fator relevante para a identificação de uma sentença como média. Visto dessa perspectiva, pode-se pensar que o evento de *se jogar da janela* seja, de certa maneira, distinto do evento de *jogar outra pessoa da janela*. Consequentemente, a sentença em (37) poderia ser considerada uma construção média.

Dada a importância que esse aspecto possui na proposta de Kemmer, vale reforçar alguns pontos nos quais a autora se fundamenta para defender a ideia de que os eventos envolvendo ações corporais devem ser considerados médios, em vez de reflexivos. Na análise de Kemmer (1994), esses eventos incluem os seguintes tipos de situação: *grooming* ou cuidado corporal (como *lavar-se*, *barbear-se*, *vestir-se*), mudança na postura corporal (a exemplo de *levantar-se*, *sentar-se*, *deitar-se*), movimento não translacional (tais como *virar-se*, *curvar-se*, *inclinarse*) e movimento translacional (como *ir-se*). Para ela, tais tipos de situação constituem um conjunto de ações comumente realizadas por um agente humano sobre si.

Kemmer (1994, p. 194) revela que, em âmbito translinguístico, a codificação dessas ações normalmente não leva o marcador reflexivo. As línguas que não apresentam sistemas médios³⁶ codificam tais ações por meio de verbos intransitivos não marcados (como *wash*, em inglês) ou de construções alternativas (a exemplo de *get washed*). Já nas línguas que possuem sistemas médios de duas formas (em que o marcador reflexivo é formalmente distinto do marcador médio), os verbos de ação corporal não se alinham com verbos envolvendo dois participantes (como *ver*), mas com tipos de situação não reflexivos. O problema se encontra nas línguas que exibem sistema médio de uma única forma, pois, nessas línguas, os marcadores reflexivo e médio são formalmente idênticos, o que nos leva a pensar que tais eventos possam ser reflexivos. Contudo, na perspectiva da autora, existe uma semântica associada a esse tipo de ação que é distinta daquela relacionada a ações reflexivas.

---

³⁶ Os diferentes tipos de sistemas médios abordados por Kemmer (1994) estão descritos no Capítulo 1, na seção a respeito da proposta da autora para os domínios médio e reflexivo.

Os verbos que denotam ações de *grooming* e mudança na postura corporal se assemelham aos reflexivos no sentido de que iniciador e alvo remetem à mesma entidade; todavia, distinguem-se tipologicamente deles uma vez que normalmente aparecem codificados como intransitivos ou com marcadores médios (em línguas que possuem sistemas médios). De maneira similar, os verbos relativos a movimento não translacional denotam ações de manipulação motora do corpo ou de parte dele, e também levam marcação média. As ações relacionadas a movimento translacional envolvem uma entidade volitiva, que atua sobre si para se deslocar pelo espaço. Mais uma vez, os verbos que denotam eventos desse tipo não se alinham com eventos reflexivos, sendo geralmente codificados por meio de verbos intransitivos.

A questão colocada pela autora é a seguinte: por que eventos desse tipo são codificados de maneira distinta (ou seja, com marcadores médios) das ações direcionadas a outras entidades? Kemmer advoga que “ações realizadas por entidades humanas em ou por meio de seus corpos tendem a ser concebidas como ações atômicas ou unitárias, em vez de ações complexas distinguíveis em suas partes componentes” que envolvem uma entidade que atua e uma entidade afetada (1994, p. 198). Desse modo, verbos que denotam ações corporais seriam, na verdade, intermediários entre verbos que denotam eventos reflexivos e os que denotam eventos com um participante. Seu significado traz uma semântica própria, segundo a qual não há expectativa de que os dois papéis semânticos que evocam remetam a entidades distintas (1994, p. 199).

Como já mencionado, línguas que possuem sistemas médios de uma forma, como o português e o francês, se valem do marcador reflexivo/médio para marcar verbos de *grooming* e mudança na postura corporal. Em outras palavras, esses eventos são codificados da mesma forma que as situações reflexivas, como *ver* (*Ele se lava / Ele se vê*). Nesses casos, apesar de iniciador e alvo do evento serem a mesma entidade, o participante-alvo das ações corporais é codificado abertamente. De acordo com Kemmer, “a forma reflexiva em línguas com sistema de uma forma é usada para derivar verbos de ação corporal a partir de raízes verbais com sentido inerentemente causativo” (1994, p. 200).

No entanto, há línguas que utilizam o recurso contrário: partem de formas intransitivas não marcadas e acrescentam uma partícula causativa. Na perspectiva de Kemmer, essa diferença entre as línguas sugere que a semântica lexical desses verbos é neutra quanto à direcionalidade da ação; ela pode ser realizada no próprio participante ou em outra entidade. Para exemplificar, a ação de *lavar* estaria relacionada apenas a uma atividade de limpeza, sendo igualmente provável que uma pessoa lave a si mesma ou outra entidade. Entretanto, para a autora, se é possível afirmar que existe uma categoria conceitual de ações que são

frequentemente realizadas no próprio corpo e que possuem um papel sociocultural (independentemente da raiz lexical), então essa noção de expectativa (de que iniciador e alvo sejam a mesma pessoa) constitui-se como um argumento válido para que sentenças envolvendo ações corporais sejam consideradas médias.³⁷

Neste ponto, vale retomar a ideia de Kemmer (1994) de que, nos eventos de ação corporal realizados sobre a própria entidade, a parte do corpo afetada não é totalmente passiva e participa, de certo modo, da atividade em questão. A autora aponta que essa participação se apresenta em graus variados dependendo do tipo de atividade envolvida. Em alguns eventos de *grooming* (como *se barbear*, *se pentear*), as partes do corpo afetadas têm participação mínima na ação. Já em eventos como *se lavar*, por exemplo, a participação é maior. Em se tratando de movimento não translacional, a participação do corpo na ação é clara, e é ainda mais evidente com verbos de mudança na postura corporal, em que a ação se dá por meio do próprio corpo. No que tange aos verbos de movimento translacional, a participação do corpo atinge grau máximo.

Na análise da autora, “quanto maior a participação ou envolvimento da parte afetada, maior a probabilidade de que o evento seja visto como um que não pode ser direcionado a outras entidades” (Kemmer, 1994, p. 201). Assim, em termos graduais de participação, há de um lado ações para as quais há **expectativa** de que iniciador e alvo sejam a mesma entidade (como *lavar-se*) e, de outro, a **exigência** de que sejam a mesma entidade (a exemplo de *ir-se*).

Em ambos os *corpora* do PB, encontramos dados formados com verbos que denotam diversos tipos de ações corporais, a exemplo de:

- (41) // e a Marcelinha engatinhando pela casa / ela a vida inteira / o tempo todo / ela / segurava naquele &t [/1] chamado "copo de apito" / e / levantava e [/1] e ficava em pé / e / se apoiava daqui / apoiava dali // só que num [/1] num / belo determinado dia / a Marcelinha engatinhando / foi se colocar de pé / no tal do copo de apito / e ele / tombou <e amassou dois dedinhos dela> //

(C-ORAL-BRASIL)

- (42) é bombadão paulistano não é o bombadão D1 uhum S1 em geral o paulistano não tem o corpo físico tão sarado porque S1 não tem tanto tempo pra se _____ exercitar aquela coisa toda né mas S1 você vê paulistano com gel na praia Dados

³⁷ Adaptado do original: “However, if we can claim that there is a conceptual category of actions carried out on the body that are frequently performed and have some socio-cultural role, a category that exists regardless of whether the same lexical root is employed in a given language, then the interpretation that the identity of the Initiator and the Endpoint is expected *with an event of this type* is valid” (Kemmer, 1994, p. 200).

Contextuais [risos-D1] S1 mais mauricinho mas não é todos não são/ "não

(Projeto SP2010)

Em relação às atividades de *grooming*, apareceram com o clítico os eventos de *se arrumar, se trocar, se pintar, se maquiar, se vestir, se enxugar*. Alguns exemplos podem ser vistos a seguir:

- (43) *RUT: [290] <eu tenho é> só vergonha / de entrar <na igreja> //
 *JAE: [291] <trem feio> // [292] cabelo pra cima //
 *RUT: [293] não / eu <gosto assim / sabe> //
 *TER: [294] <n' é não / Jael> //
 *RUT: [295] eu ã gosto de pensar que tá um pessoal olhando pra mim não //
 [296] sabe como // [297] assim / eu gosto de me arrumar / <mas yyyy> //
 *TER: [298] <é> //
 *JAE: [299] <yyyy> //
 *TER: [300] <mas quando a Paulinha> casar / cê <vai ter que entrar> //
 (C-ORAL-BRASIL)

- (44) S1 ah eu acho que assim ah o jeito como você se veste D1 uhn S1 eu acho que... você é a característica do paulistano assim se veste bem assim não é S1 se preocupa em se vestir não... pega a primeira camiseta da da gaveta Dados Contextuais [risos-D1]

(Projeto SP2010)

Contudo, também encontramos ocorrências de alguns desses verbos sem o clítico, como mostram os exemplos abaixo:

- (45) *TER: [394] <uhn> // [395] aí / a Dani [/2] a Dani vai arrumar o dia todo na <casa da> +
 *RUT: [396] <tá quase na hora do Tetê chegar> //
 *TER: [397] <ela vai> é pa casa das <noiva> //
 *RUT: [398] <hum hum> // [399] é //
 *TER: [400] é // [401] vai arrumar lá o dia todo e de lá que ea vai po [/1] po coisa //
 (C-ORAL-BRASIL)

- (46) // mamãe foi / falou + ligou po Alexandre / que o Alexandre nũ morava lá
 ainda não // ligou pa ele e falou assim / cê vem cá pra casa / porque eu tô indo &p
 [/1] &p [/1] o Gabriel vai ficar dormindo com o Bernardo / e a gente tá indo / levar
 a Regina no hospital // aí entramo no carro / sabe // custei a vestir / só tirei a blusa
 do meu pijama / fui com o short mesmo e vesti um vestido por cima / e dali eu
 andei do quarto [/2] do meu quarto até na copa já tinha que assentar // da copa até
 na sala tinha que assentar // porque a contração já vinha assim / de três em três
 passos já nũ dava pa andar //

(C-ORAL-BRASIL)

Tendo em vista que verbos denotando esse tipo de situação não foram muito frequentes nos *corpora* – à exceção de *se vestir*, cuja produção pelos falantes paulistanos foi favorecida pelo tema abordado na entrevista –, fica difícil estabelecer se essa variação quanto ao emprego do clítico tem sido constante. O que podemos destacar, no entanto, é que o uso do *se*, com verbos desse tipo, é mais presente e consistente no dialeto paulistano do que no mineiro.

Em se tratando dos verbos de mudança na postura corporal – tais como *sentar*, *levantar*, *deitar*, *ajoelhar* –, foi encontrada apenas uma ocorrência contendo o clítico, como vemos em (47):

- (47) todo mundo sabe que você é paulistana S1 com certeza af/ já começa do
 sotaque né S1 o jeito de... de ser de de falar de S1 de se sentar acho que até
 de andar... acho que ele já descobriu né S1 e lá também tem muita diferença né
 quando você/... ahn é engraçado quando vem gente de

(Projeto SP2010)

Fizemos uma busca dos verbos citados acima, para excluir a possibilidade de não terem sido mencionados durante as gravações, seja com seja sem o clítico. Verificamos que houve ocorrências envolvendo os verbos *levantar* (levantar cedo, levantar da cadeira, *etc.*) e *deitar*, tanto no *corpus* do dialeto paulistano quanto no do mineiro; em ambos os casos, todas as ocorrências apareceram sem o clítico. Em se tratando do verbo *ajoelhar*, apenas uma ocorrência foi produzida no *corpus* de São Paulo, e essa única ocorrência também não incluiu o *se*. Assim, podemos concluir que os falantes do PB têm preferido não empregar o clítico com verbos relativos a mudança na postura corporal.

No que tange às ações de movimento não translacional, não foram encontrados muitos dados nos *corpora*. Os verbos *inclinar*, *curvar* e *alongar*, por exemplo, não foram produzidos pelos falantes, nem mesmo sem o clítico. Já o verbo *virar*, com o sentido de movimento físico, quando apareceu, não estava acompanhado desse elemento:

- (48) S1 tem que ler tudo isso? D1 por favor S1 tem certeza que você quer que eu leio? Dados Contextuais [risos-D1] S1 (não é rápido) S1 tem que ler a data também? S1 notícia (com isso) D1 não você que sabe S1 ai meu Deus S1 eu vou virar porque você me deixa nervosa

(Projeto SP2010)

Vale mencionar que esse verbo tem sido bem utilizado para além do sentido físico. Um dos contextos em que ele foi recorrente, nos *corpora*, envolve construções com verbos sequenciais, a exemplo de:

- (49) *TIT: <ele ontem [/2] ele ontem &vi [/3] ele ontem virou pra mim e falou assim / eu sou ruim> mesmo / e ão faço nada pr' ocê //

(C-ORAL-BRASIL)

Nesses casos, o verbo apareceu sempre desacompanhado do clítico, com exceção do dado a seguir:

- (50) banca S1 eu não sei nem se eu vou falar isso porque você está gravando mas... faz parte da história é divertido S1 eu estava doido louco... aí ele vira-se e diz... "vamos passar... pra outra matéria" S1 "o senhor me dá um exemplo" S1 "de um mamífero carnívoro do Brasil"... eu falei "jacaré" Dados Contextuais [risos-D1]

(Projeto SP2010)

Outro contexto em que o emprego do verbo *virar* foi frequente é aquele com o sentido de “empenhar-se para superar dificuldades, alcançar objetivos, etc.”³⁸. Também nesse caso, a ação não remete a movimentos físicos, e é interessante notar que, para que esse sentido seja mantido, faz-se necessária a utilização do clítico. Isso pode ser observado por meio do contraste entre o dado (51) e a sentença criada em (52), a título de comparação:

³⁸ Definição extraída do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss; Villar, 2009, p. 1949-1950).

- (51) *LUA: [62] é / eu acho que / uma coisa também que ajudaria nisso / é [/1] era se as [/1] as coordenações nas escolas fossem melhor / né // [63] como é + [64] que que cê acha // [65] porque / o que acontece / nã sei como é que é na sua escola / é que o professor / onde eu dava aula / se vira com tudo // [66] com plano / com &n [/2] com tudo / né //

(C-ORAL-BRASIL)

- (52) *Onde eu dava aula, o professor vira com tudo.

Além disso, trata-se de um caso em que iniciador e alvo do evento devem ser, necessariamente, a mesma entidade. Se tentarmos criar uma sentença com dois participantes distintos, como (53), veremos que o evento deixa de ter o sentido metafórico³⁹ e passa a ser entendido como se o professor virasse fisicamente o aluno, ratificando a impossibilidade de esse tipo de ação ser direcionada a outro participante distinto do sujeito:

- (53) *Onde eu dava aula, o professor vira o aluno com tudo.⁴⁰

Quanto às ações relativas a movimentos translacionais, os dados encontrados no *corpus* Projeto SP2010 incluíram verbos como: *afastar*, *aproximar*, *locomover*, *deslocar*, *movimentar*. Em alguns casos, o evento denotado não conta exclusivamente com os movimentos do corpo, passando a envolver meios de transporte, por exemplo. Contudo, acreditamos que a extensão do uso do verbo para contextos desse tipo ainda está muito próxima do sentido de deslocamento do participante pelo espaço. Vejamos alguns exemplos:

- (54) uhn S1 tem essa parte mesmo D1 uhum S1 mas nem imagina só depois que vem morar aqui que vê mesmo S1 como é longe pra você se deslocar de um bairro pra outro Dados Contextuais [vozes na rua] S1 o tanto de gente que tem esses metrô lotado S1 condução péssima S1 é

(Projeto SP2010)

³⁹ Outros verbos com sentido metafórico serão discutidos mais adiante no capítulo.

⁴⁰ A sentença é gramatical apenas quando faz referência à ação física de *virar*. Todavia, com o sentido aqui pretendido (“empenhar-se para alcançar objetivos”) é agramatical.

- (55) uns dois anos pra cá o vizinho resolveu ser S1 ter uma transportadora numa rua S1 residencial então tem esses caminhões aqui na frente S1 mas eh ele se afasta pra gente entrar o carro na garagem não tem problema D1 ah entendi S1 do resto assim eu S1 procuro S1 ah S1 pegar

(Projeto SP2010)

- (56) um vizinho me acompanhar S1 né... o rapaz lá até S1 a esquina ali onde eu marquei o encontro D1 uhum S1 e ele quando ele me... se aproximou com o carro ele falou "olha só devolver porque" S1 "se ficasse lá na portaria da academia" lá que ela estava fazendo a S1 a ginástica eles

(Projeto SP2010)

No *corpus* referente ao dialeto mineiro, não encontramos nenhuma ocorrência envolvendo os verbos *afastar*, *locomover* e *movimentar* (nem com e nem sem o clítico). Já os verbos *aproximar* e *deslocar*, indicando deslocamento pelo espaço, apareceram desacompanhados do clítico, como pode ser visto abaixo:

- (57) *BRU: aí / o cara começa a cantar uma música / tradicional / tal / e tocar // a camela chora // de [1] de / escorrer escorrer escorrer escorrer escorrer escorrer lágrima / aí / ela deixa o filhote aproximar dela e mamar //

(C-ORAL-BRASIL)

- (58) *JAN: aí cê começou a fazer química antes //
 *CAR: é / eu comecei a fazer química / só que era muito longe / era lá em Itaúna //
 aí eu &tav [2] o deslocamento tava ficando muito complicado // pa deslocar // aí eu / dei aula de matemática / né / o Estado permite que cê dá aula matemática / você tem / química / por exemplo / tem [1] tem / muita coisa de matemática // hhh
 aí eu / resolvi // aí eu peguei tranquei matrícula //

(C-ORAL-BRASIL)

Os eventos de *aproximar* e de *deslocar*, conforme descritos acima, requerem inicialização por parte do sujeito; ou seja, se os participantes não atuarem sobre o próprio corpo, o evento não ocorre. No entanto, nas sentenças sem o clítico, essa inicialização parece ser codificada de maneira menos enfática em relação a suas versões com o clítico: *Ela deixa o filhote se aproximar dela e mamar / Tava ficando muito complicado... pra me deslocar.*

Dentre as situações associadas a movimento translacional, há também os casos que não trazem a ideia de deslocamento físico/corporal pelo espaço, mas mantêm a noção de deslocamento em um nível abstrato. Ocorrências desses verbos com o clítico foram atestadas em ambos os dialetos:

- (59) // [62] mas sócio num sábado // [63] e até num domingo de manhã / de passar lá um tempo com eles / pra orientá-los nessa parte tributária / que eu / tinha formação em cima disso / e era fácil / de [1] de se fazer // [64] como poder / traçar uma curva abecê de produto / como projetar um lucro líquido duma empresa / como se aproximar dum consumidor / como &p [2] como contratar pessoas qualificada pa dentro da empresa //

(C-ORAL-BRASIL)

- (60) D1 uhum... e aqui as pessoas frequentam esses eventos assim? S1 entendeu?
S1 existe um pessoal mais mais cativo digamos assim né? D1 uhum S1 e aqueles esporádicos né [...] D1 uhum S1 mas... tem uma tem uma frequência até tem/ às vezes tem tem pessoas que moram aqui às vezes familiares moram longe tal então aproveita esses eventos pra S1 se aproximar de outras pessoas né então mas... no meu no meu caso até da da minha mãe da minha irmã já não a gente D1 ahn S1 mas assim festa junina a gente costuma S1 participar que é bonita é grande e tal... prestigiar mas a gente não/ eu pelo menos não costume não... não

(Projeto SP2010)

- (61) ficou bem pensativa mas não deixou de falar comigo conversou comigo normal me tratou/ me tratou como sempre me tratou D1 uhum S1 só meu pai que meio que se afastou um pouco D1 é? S1 é D1 até hoje? S1 até hoje... a gente não tem muito diálogo eu e meu pai D1 é?

(Projeto SP2010)

A respeito das sentenças contendo o verbo *afastar*, vale mencionar que a maioria delas foi construída com o clítico, no dialeto paulistano; contudo, encontramos uma ocorrência sem o *se*, também associada a esse sentido mais abstrato. As sentenças abaixo ilustram os dois casos (com e sem o clítico):

- (62) que as pessoas S1 estão S1 se afastando um pouco S1 pelo menos é o que eu vejo com algumas pessoas que eu convivo S1 você acaba se afastando S1 trabalha faz faculdade pega cada um vai pro seu lado S1 cria a sua vida eu já não eu já não penso assim S1 já

(Projeto SP2010)

- (63) S1 amigos de igreja moravam lá perto então a gente estava sempre junto né S1 então quase todo dia ou pelo menos todo final de semana estava todo mundo lá na minha casa D1 uhum S1 aqui já não S1 que aí também a gente vai crescendo vai afastando um pouco né

(Projeto SP2010)

Em ambos os dados, o participante não parece exercer controle total sobre o evento. Todavia, a comparação entre as sentenças sugere que esse controle é ainda menor na segunda construção; nela, o falante deixa transparecer que o afastamento entre as pessoas acaba acontecendo mais pelas circunstâncias da vida do que pela atuação desses indivíduos. Embora a diferença entre as duas ocorrências seja sutil, na sentença sem o clítico, o evento parece ocorrer de uma forma ainda mais espontânea e com menor controle por parte do sujeito. Já na versão com o clítico, a inicialização por parte do sujeito parece ser mais acentuada. Como já mencionamos anteriormente, no *corpus* C-ORAL-BRASIL, o verbo *afastar* não foi produzido pelos falantes.

Ainda com relação às situações de movimento translacional, encontramos o verbo *ir* acompanhado do clítico em apenas dois casos:

- (64) // <então &en> [/1] &to [/1] toda pessoa / enquanto tiver / um pouco de ar dentro do pulmão / ele nunca vai ser [/2] vai / afundar //
- *ADR: <hum hum> //
- *ADE: então se e' ficar parado / ele vai ficar sempre boiando // sempre flutuando // agora / quanto mais bate vai cansando / vai / ingerindo água / vai [/1] vai enchendo o pulmão / e enchendo o pulmão / ele fica pesado / ficando pesado / afunda / afundando / vai-se //

(C-ORAL-BRASIL)

- (65) D1 e o senhor tem bastante contato assim com os vizinhos você conhece as pessoas que moram perto? S1 sim praticamente S1 embora com as S1 com essa...

em função da idade também que alguns já se foram né D1 uhum S1 mas S1 há moradores da S1 da S1 daquela época que já vêm as gerações vêm os filhos vêm S1 vem... sobrinho neto que tudo moram S1 eh moramos lá na mesma rua né

(Projeto SP2010)

O dado (64) retrata uma situação em que o sujeito possui baixo controle sobre a ação. O falante revela que, quando as pessoas se desesperam no mar com medo de se afogar, elas acabam ingerindo mais água, o que torna o corpo pesado, fazendo com que ele afunde e *se vá*. Nesse caso, o verbo não denota um evento no qual uma entidade volitiva age intencionalmente por meio de seu próprio corpo para se impulsionar. Na verdade, a atividade de *ir* ocorre principalmente pela falta de controle desse sujeito na situação em que se encontra. Na sentença (65), o verbo é utilizado com sentido metafórico e indica que as pessoas que *se foram* já faleceram. Também aqui, a interpretação que temos não é a de que o sujeito volicionalmente faz uso do corpo para se deslocar pelo espaço. Novamente, a noção de baixo controle do evento por parte do sujeito parece emergir.

Por outro lado, quando esse verbo é utilizado em sentido de movimento translacional, o clítico não é empregado:

(66) S1 eh Campinas ah eu eu ia muito pra Campinas D1 aham S1 tenho amigos lá até hoje Dados Contextuais [toque de telefone] S1 que faz tempo que eu não vou lá faz uns S1 uns quatro cinco anos né S1 mas S1 de passagem pra ir pra um S1 por lá que eu passei por Paulínia S1 tudo numa S1 não lembro que cida/ ah S1 então indo pra Artur Nogueira D1 aham S1 aí fomos lá pela Dom Pedro né

(Projeto SP2010)

(67) *BRU: é // tipo assim / a [/1] a menina tá lá em casa / lendo / estudando / fumando / de repente / tocam a campainha // aí ela vai lá e nã tinha ninguém /

(C-ORAL-BRASIL)

Embora o verbo *ir* tenha comportamento semelhante nos dois dialetos (aparecendo com o clítico em sentido metafórico, e sem ele quando o evento envolve ação corporal), a classe dos verbos de movimento translacional tem se mostrado instável, com maior ocorrência do clítico no dialeto paulistano.

Como apontado por Negrão e Viotti (2010, 2015), alguns verbos, quando empregados em sentido metafórico, aparecem sempre acompanhados do clítico, mesmo se prescindem

desse elemento quando usados em sentido literal. Além dos verbos *ir* e *virar*, que já mencionamos anteriormente, encontramos outros verbos relacionados a ações corporais utilizados em sentido metafórico. Seguem alguns exemplos:

- (68) falar um pouco (que) a gente fala tantas palavras da língua tupi da língua africana que a gente nem está né S1 e agora com grandes eventos a gente vai se voltar mais pra isso S1 né S1 mostrar pra outros S1 pra nós mesmos que nós falamos diferente do do cara de Lisboa... né D1 uhum

(C-ORAL-BRASIL)

- (69) meio S3 (xxx) S1 é eu não gosto muito do sotaque carioca S1 mas eu gosto muito do do gaúcho S1 mas eu acho que o gaúcho se apoia muito nisso fi/ fic/ fica fa/ vem pra cá e fica forçando o sotaque pra falar que 'é gaúcho bah' Dados Contextuais [S1 imita o sotaque gaúcho]

(Projeto SP2010)

Nos casos de eventos relacionados a ação corporal, Kemmer defende a ideia de que sejam eventos menos elaborados do que os reflexivos pela indistinguibilidade na conceitualização das facetas do participante e por conta da expectativa de que essas atividades sejam realizadas pela própria entidade alvo da ação. Além disso, como já apontado anteriormente, a proposta da autora sugere um contínuo relativo ao nível de participação da parte do corpo afetada em atividades desse tipo. Em eventos com participação mínima da parte do corpo, existe meramente a *expectativa* de que eles sejam desempenhados por um único participante; já em eventos com envolvimento maior, é, de certo modo, *exigido* que iniciador e alvo remetam à mesma pessoa.

A impossibilidade de que uma ação seja direcionada a outro participante que não o próprio sujeito também é compartilhada por alguns verbos empregados em sentido metafórico. Algumas ocorrências podem ser observadas abaixo:

- (70) pai me ensinou tudo pegou no meu pé pra mim estudar eu podia ter estudado ele me deu oportunidade pra mim estudar S1 eu não quis S1 sabe ele se matou aí pra pagar ele podia ter se matado para pagar uma faculdade pra mim e eu acabei deixando de lado Dados Contextuais [tosse-S1] S1 mas isso S1 hoje eu estou sofrendo as consequência

(Projeto SP2010)

- (71) *LAU: aquela [/1] essa cachorra / &s [/1] se casou com italiano pra ter cidadania européia / e &s [/2] e se picou pra França //
- *TOM: "se picou" //
- *LAU: é // foi morar na França // largou o italiano // um italiano ótimo // uma pessoa ótima // <yyy> //
- *LIL: <ele> nunca ouviu falar "se picou" //
- *TOM: <eu nunca [/1] nunca ouvi> falar "se picou" //
- *LAU: <montou no porco> //
- *LIL: é / isso que eu tô falando // nunca ouviu / e é [/1] é porque a <&gent> +
- *BRU: <eu> já vi "picou mula" / mas / <"se picou"> //

(C-ORAL-BRASIL)

- (72) *JUN: <mas foi aquilo que a Renata falou / o professor> quando quer / ou <quando veste a camisa> / ele se doa //
- *DEB: <claro> // <é lógico> //
- *JUN: de todas as maneiras / né //
- *DEB: sim //
- *JUN: fora do horário / igual você com / <o devedê / e tudo mais> //
- *DEB: <claro> // <sem dúvida> //
- *JUN: agora / o professor que também que nã [/1] nã [/1] nã [/1] nã se doa / é mais complicado //

(C-ORAL-BRASIL)

Novamente, vemos que a ação só pode se dar no âmbito do sujeito, não sendo possível direcioná-la a outro participante. Outros exemplos que envolvem esse tipo de relação incluem os eventos: *se ligar*, *se tocar*, *se mandar*, *se dar bem/mal*, *se dar conta*, *se sair bem*, *se entregar* [aos sonhos], *se jogar* [na vida], etc.

Antes de finalizar a discussão acerca das médias apresentadas nesta seção, gostaríamos de salientar mais um aspecto apontado por Kemmer (1994) e Maldonado (2006), ainda em relação aos eventos de ação corporal: o caráter rotineiro associado a eles. As ações que são prototipicamente realizadas pelo próprio participante – a exemplo de *se lavar*, *se pentear*, *se vestir* – exigem menor grau de controle e atenção por parte do sujeito, como se fossem realizadas de maneira automática. Por outro lado, quando essas ações são executadas em outra pessoa, o agente desprende maior atenção ao que está fazendo, até porque elas podem

envolver movimentos físicos distintos de quando a atividade é voltada para si. As ocorrências a seguir exemplificam o primeiro caso e exibem um menor nível de controle da ação pelo participante:

(73) então eu abro o escritório S1 aí eu vou passar café vou tomar café S1 aí dou uma arrumada no que eu tenho que fazer aí que eu vou me maquiar D1 uhum S1 aí que eu vou começar a trabalhar quando minha chefe chega já está tudo em ordem Dados Contextuais [risos-D1] S1 eu prefiro

(Projeto SP2010)

(74) D1 e e você falou que você já foi pra outros lugares do Brasil né pra D1 pra Brasília pra outros lugares S1 fui fui D1 as pessoas D1 eh sabiam que você era paulistana quando você chegava? S1 sabiam... ao abrir a boca sabiam D1 é? D1 por quê? pelo jeito de falar? S1 da maneira de falar diz que nós nos mexemos muito a gente olha direto nos olhos e mexe as mãos D1 uhn S1 e a pronúncia da a forma de pronunciar nós falamos não falamos o português correto S1 nós temos erros de português grandes né porque devido à Dados Contextuais [risos-D1] S1 à influência italiana

(Projeto SP2010)

Na sentença (73), vemos que há uma clara iniciação e intencionalidade por parte do sujeito no evento de *se maquiar*. Contudo, por se tratar de uma ação cotidiana, pode-se pensar que esse evento é realizado com nível relativamente mais baixo de controle do que quando o sujeito *maquia* outra pessoa, por exemplo. Essa ideia fica ainda mais evidente no dado (74), em que o falante revela que, ao falar, ele se mexe muito. Nesse caso, embora o participante seja o iniciador do evento, ele não controla totalmente a ação; ao que parece, ele não tinha a intenção de se mexer.

Esses dois dados nos mostram que o controle que o sujeito exerce sobre o evento pode se dar em graus variados e envolve outros aspectos como a intencionalidade e o interesse do próprio participante em realizar a ação. A fim de ilustrar com maior clareza essa questão – para além de verbos que denotam ações corporais –, chamamos a atenção para o contraste entre as duas ocorrências abaixo, ambas construídas com o verbo *perder*:

(75) não mas não sei assim não... S1 eu não sei eu não tenho eu não sou uma pessoa que andou muito a cidade... S1 eu sou uma pessoa que me perco dando a volta

no quarteirão de verdade eu sou eu tenho uma um senso geográfico muito ruim S1
e tudo que eu faço é muito pertinho... e por

(Projeto SP2010)

- (76) S1 quando eu peguei meu primeiro carro eu queria... me perder por aí então eu
saía com o carro sem destino Dados Contextuais [risos-D1] S1 e saía me
perdendo pelas ruas de São Paulo S1 só S1 eu vou bastante ao parque corro S1
acho que é isso que eu aproveito basicamente S1 eu

(Projeto SP2010)

Em (75), fica claro que o evento de *se perder*, no qual o falante está envolvido, ocorre de forma acidental, sem que ele tenha a intenção de fazê-lo. Isso pode ser verificado por meio da inserção de alguns advérbios que explicitem o grau de controle presente nessa situação. Vamos comparar as seguintes paráfrases da sentença: *Eu me perco dando a volta no quarteirão sem querer* / *?Eu me perco dando a volta no quarteirão intencionalmente*. A primeira se mostra mais compatível com a situação descrita pelo falante; já no segundo caso, o uso do advérbio de alto controle não combina com o restante da sentença. Assim, em (75), o falante não é visto como agente do evento de *se perder*, já que sua ação não incide diretamente sobre esse evento. Na verdade, existe uma inicialização por parte dele (que sai de casa para fazer alguma coisa), mas, pela falta de controle, sua ação tem como resultado o evento de ficar perdido. O caráter acidental de (75) contrasta com o teor intencional de (76); este aparece reforçado na sentença pelo uso do verbo *querer* (*eu queria me perder por aí*). É evidente, nesse caso, que o falante age com o fito de se perder, de modo que o controle exercido sobre o evento é maior do que aquele visto em (75).

A falta de controle do sujeito sobre a atividade é facilmente apreendida em se tratando de eventos que trazem resultados ainda mais prejudiciais para o participante, tais como *afogar*, *atrasar*, *cansar*, *ferir* e *sujar*. Quando as construções com *se* são formadas com esse tipo de verbo, apesar de o participante ser codificado como sujeito – o que induziria a uma leitura reflexiva –, ele não é interpretado como sendo o ‘causador’ do evento em questão. Isso pode ser observado em:

- (77) *ADR: mas tem [/2] mas eu ouvi falar que quem mais [/1] &he / mais se afoga
/ incidência de afogamento maior é de pessoas que sabem nadar // verdade //

*ADE: oitenta por cento dos afogado / são pessoas que sabem nadar //

(C-ORAL-BRASIL)

- (78) está muito pesado o ar S1 né você... qualquer coisinha que você vai fazer/ principalmente se você tiver andando pelo centro da cidade S1 você já sabe? você já se cansa mais S1 o/ acho que o próprio/ a própria respiração já não S1 não su/ acho que não supre as... as necessidades do organismo S1 que

(Projeto SP2010)

Trata-se de eventos que, em condições usuais, o indivíduo não deseja vivenciar, ou seja, a expectativa é a de que o participante afetado não atue no sentido de se prejudicar. Desse modo, ele pode ser visto como força indutora, mas não é interpretado como o agente de *afogar* e *cansar*. É visível, nesses casos, o baixo grau de controle do sujeito sobre o evento. À semelhança do que Maldonado (2006) propõe para o experienciador médio associado aos eventos de reação emocional, também aqui o participante está ciente de sua atividade, mas não pode controlá-la.

Alguns desses verbos apareceram sem o clítico, como vemos a seguir:

- (79) / ou a [/1] a maioria das pessoas / principalmente o pessoal de Minas / não sabe / o horário que está vazando / nem quando tá / enchendo // então / entra / e se tiver vazando / tem a correnteza / para mar aberto // tendo a correnteza pra mar aberto / ele / vai nadando // com muita facilidade / em direção / a mar aberto // quando vai voltar / que / já está cansado / aí está / nadando contra a corrente // e aí ele cansa / na maioria das vezes dá câimbra / e aí desespera / e quando desespera começa a afogar // <normalmente é> sempre assim //

(C-ORAL-BRASIL)

A situação acima descrita também exhibe falta de controle do sujeito sobre os eventos de *cansar* e *afogar* – se houvesse controle, certamente o participante não estaria em mar aberto, cansado, lutando pela vida. Além desse aspecto, o dado em (79) parece indicar que os eventos acontecem de forma ainda mais espontânea e com menor inicialização por parte do sujeito. Este acaba sendo visto mais como um participante passivo – que é apenas afetado pelo evento – do que como um participante médio, com propriedades mistas. Embora a diferença entre as sentenças com e sem o clítico seja sutil, a comparação entre elas parece sugerir que a responsabilidade/o envolvimento do participante no evento é, de alguma maneira, maior quando a sentença exhibe o clítico.

O baixo grau de controle do sujeito sobre o evento também é atestado em contextos metafóricos. Encontramos, nos *corpora*, alguns exemplos envolvendo os verbos: *arrebentar*, *borrar* [de medo], *derrubar*, *ferrar* e *queimar*. Apesar de o participante afetado ser codificado como sujeito, ele não atua com a intenção de experienciar uma consequência negativa. O que está em jogo não é a ação do participante, propriamente dita, mas sua falta de controle sobre o evento em questão. Vejamos alguns exemplos:

- (80) S1 então nunca S1 tive nada que S1 sempre meus pais/ minha mãe sempre era/ meu pai era moleque S1 até minha mãe morrer S1 ele se derrubou depois que ela morreu S1 mas ele andava sempre muito moderno muito (xxx) S1 minha mãe falava/ quando alguém falava minha mãe falava assim "ó eu casei
(Projeto SP2010)

- (81) S1 está se saindo bem D1 uhn S1 e se ela se desligar do partido ela vai deslancar S1 foi como a Erundina a Erundina deslanchou mas também se queimou que pode ser que aconteça com ela eu não sei S1 vamos ver a situação do Lula agora D1 uhn D1 uhn S1 então é
(Projeto SP2010)

- (82) *REN: hhh pelo menos uma coisa ela se ferrou // <mas também o prejuízo> que nós vão ter com ela é maior //
(C-ORAL-BRASIL)

Mais uma vez, as sentenças denotam inicialização por parte dos sujeitos, mas eles não atuam com o objetivo de *ficar derrubado*, *queimado* ou *ferrado*. É justamente a falta de controle desses participantes que determina a ocorrência dos eventos. Na próxima seção, veremos outros casos associados a baixo grau de controle do sujeito.

4.2.3 Construções médias com menor nível de controle

4.2.3.1 Eventos de reação emocional e outros associados

À semelhança do que Maldonado (2006) postula para o espanhol, também em PB observamos que o clítico *se* é utilizado nas construções formadas com verbos que denotam *reação emocional*. Como pontuado pelo autor, em sentenças ativas construídas com esses

verbos, o experienciador possui características passivas, uma vez que sofre uma mudança de estado. O exemplo abaixo, criado por nós, ilustra essa situação:

(83) Aquelas cobranças me preocupam.

O sintagma nominal *aquelas cobranças* é o estímulo que provoca, no experienciador, uma mudança de estado emocional. Apesar de a reação ao estímulo ocorrer no âmbito desse experienciador, tal reação não é controlada por ele, como podemos ver pela inserção do verbo *decidir*: **Eu decidi que aquelas cobranças me preocupam*. Não obstante, quando codificamos essa situação por meio da sentença média com o *se*, o experienciador passivo acaba tendo maior participação/responsabilidade no evento, como mostra o dado abaixo extraído do *corpus*:

(84) *FAB: então / assim / eu parei de me preocupar / &ass [/1] com aquelas cobranças // professor tem preocupação em ensinar cem por cento // preocupação / todo professor tem // mas preocupação / assim / não + &ce [/1] cem por cento da turma / alcançar / né / ene ás / ene és / isso é preocupação com números //

(C-ORAL-BRASIL)

A proposta de Maldonado (2006) acerca do experienciador médio reflete bem essa participação do sujeito no evento. Ele deixa de ser apenas afetado e adquire traços mais ativos, por assim dizer. O emprego do verbo *parar* (*eu parei de me preocupar*), nessa sentença, ratifica o caráter de maior responsabilidade por parte do sujeito. No entanto, o autor defende que, nesses casos, o experienciador está ciente do evento, mas não consegue controlá-lo. Embora o dado em (84) contenha indícios de controle por parte do sujeito, esse controle não é total, de modo que a ideia que perpassa a análise do autor é cabível: o experienciador médio possui propriedades mistas, apresentando traços passivos e, de certa forma, ativos.

Outras ocorrências encontradas nos *corpora* contendo esse tipo de experienciador incluíram os verbos: *animar*, *assustar*, *afligir*, *decepcionar*, *divertir*, *estressar*, *importar*, *incomodar*, *irritar*, *surpreender*, *revoltar*, entre outros. Novamente, como se pode prever, o emprego do clítico com esses verbos foi mais recorrente na fala paulistana que na mineira. O verbo *preocupar*, por exemplo, veio sempre acompanhado do clítico no *corpus* paulistano, ao passo que, no mineiro, houve variação, aparecendo ora com, ora sem ele. O dado abaixo representa um caso de não utilização do clítico:

- (85) / a escola nũ tem som / nũ tem um datashow / nũ tem [/2] nũ oferece um xerox pra gente / então eu tô &a [/3] eu tô arcando com isso // [11] então eu já levo meu som / eu já levo + [12] graças a Deus / né // [13] que eu tem condição / eu tenho meu aparelho / meu [/1] meu [/1] meu computador / eu levo / então / assim / e eu / tô fazendo as minhas aula / e fazendo a minha obrigação / sem preocupar / com / a escola em si //

(C-ORAL-BRASIL)

A não ocorrência do clítico parece indicar menor responsabilidade/envolvimento do participante no evento, em relação às sentenças que exibem esse elemento.

Seguem na mesma linha de raciocínio alguns eventos de cognição, tais como *se enganar*, *se enrolar*, *se confundir*, *se iludir*, *se interessar*. A ocorrência abaixo, formada com o verbo *enganar*, serve como exemplo:

- (86) / fui promovido em / dois-mil / se não me engano / e fiquei até dois-mil-e-quatro // onde fui [/1] completei / vinte-e / sete ano de serviço ativo no / bombeiro / somando com três anos que eu fiquei no Exército / totaliza trinta ano / na qual / me aposentei / como primeiro-tenente //

(C-ORAL-BRASIL)

Também nesse caso, o participante pode ser visto como iniciador, já que o evento ocorre dentro de si, porém o falante não engana a si mesmo desempenhando ao mesmo tempo os papéis de *enganador* e *enganado*. Trata-se de um experienciador médio: ele é afetado pelo evento e, ao mesmo tempo, participa dele com baixo grau de controle.

De maneira similar, as construções médias formadas com os verbos *lembrar* e *esquecer* também contam com um experienciador médio e nível baixo de controle sobre a atividade. Normalmente, esse tipo de evento ocorre de forma espontânea, independentemente da vontade do participante. São comuns situações em que a lembrança de algo simplesmente surge em nossa mente ou, repentinamente, nos damos conta de que nos esquecemos de fazer algo importante. Se as atividades desse tipo pudessem ser controladas, dificilmente teríamos lembranças ou esquecimentos indesejáveis. Todavia, em alguns contextos específicos, parece ser possível aumentar o nível de controle da situação, como em: *A Maria decidiu esquecer o João de uma vez por todas*. Um olhar mais atento revela que essa construção não é tão bem formada quando acompanhada do clítico: *?A Maria decidiu se esquecer do João de uma vez por todas*.

A análise de Maldonado (2006, p. 91) sugere que, em alguns casos, o uso da preposição funciona como um tipo de barreira entre sujeito e objeto, de modo que, na presença desse elemento, o objeto não pode ser diretamente transformado pelo sujeito. Por outro lado, quando não há preposição, o sujeito possui maior interação com o objeto, como no caso da sentença mencionada: *A Maria decidiu esquecer o João*. É possível *decidir esquecer alguém*, pois, nesse caso, há maior controle do sujeito sobre o objeto, que é compatível com o uso de *decidir*. No entanto, quando o clítico é inserido na construção, ele atua no sentido de reduzir o controle do sujeito sobre o evento, o que faz com a sentença cause estranhamento ao ser combinada com o verbo *decidir*. Assim, mais uma vez, as construções formadas com os verbos *lembrar* e *esquecer*, acompanhados do clítico, possuem um experienciador médio, que participa do evento mental, mas não pode controlá-lo. Quando esses verbos forem usados em contextos de maior controle, a expectativa é a de que eles sejam empregados na forma ativa, e não na forma média com o clítico.

Não foram analisadas, neste trabalho, as ocorrências desses verbos sem o *se*. Contudo, podemos dizer que, em ambos os *corpora*, houve variação quanto à utilização do clítico que se deu, por vezes, na produção de um mesmo falante. Os dados a seguir servem como exemplo:

- (87) não tinha eu lembro da primeira geladeira que meu pai comprou S1 era ah assim uma caixa de metal que punha gelo dentro D1 olha S1 e eu me lembro muito bem que nós gelávamos as melancias S1 ah dentro do poço você punha num/ num balde D1 uhn S1 com uma corda e deixava lá

(Projeto SP2010)

- (88) *LAU: / eu me lembro que eu [/1] eu &aco [/2] eu &aco + &f + era o meu primeiro dia de aula / num grupo escolar aqui em Belo Horizonte // e / essa experiência / eu nunca me esqueci / que foi a [/1] a [/1] a + eu acordei muito cedo / assim / a aula começava sete / eu acordei tipo cinco horas / cinco e meia / com a minha mãe / e a minha mãe acabou de encadernar meus cadernos / com / um plástico azul / e [/1] e / eu nunca vou me esquecer / assim / porque / toda a família tava dormindo / e eu já tinha muitos irmãos nessa época / &e [/1] nós éramos já um [/1] um [/1] um grupo numeroso de [/1] de filhos / e todos tavam dormindo / meu pai tava dormindo / e [/1] e &e [/2] e / eu nunca vou me esquecer dessa experiência / assim /

(C-ORAL-BRASIL)

Passando para a esfera emocional, Maldonado (2006, p. 107) explica o uso do clítico com o verbo *sentir*, a partir da comparação entre as sentenças:

- (89) *Cada vez que entro a este cuarto (*me) siento mucho frío*
 ‘Cada vez que entro neste quarto (*me) sinto muito frio’

- (90) *Anoche me (*ϕ) sentí mal/triste/deprimido*
 ‘Ontem à noite, me (*ϕ) senti mal/triste/deprimido’

Segundo o autor, em (89), o falante tem consciência da temperatura ambiental, que é diferente da temperatura corporal. Por outro lado, em (90), o uso do clítico faz com que a atividade passe do terreno perceptual ao emocional, de modo que se torna mais difícil distinguir o sujeito de suas emoções. Assim, também em PB, essa indistinguibilidade na conceitualização do participante é verificada, e as sentenças formadas com o verbo *sentir* apresentam um comportamento estável, sendo normalmente marcadas com o clítico, em ambos os dialetos:

- (91) que minha vida meio que sempre se fez S1 pra Zona Oeste meus amigos e tal os lugares que eu gostava de ir com eles e S1 aí eu me sentia meio S1 isolada lá D1 uhum D1 e você tinha amigos no prédio S1 não tinha também tinha esse problema meu prédio só tinha velho

(Projeto SP2010)

- (92) *BRU: não / eu acho que eu ã vou ter problema não // o caso era com o caminho // porque / eu tô [/1] tô <me sentindo mais segura> //

(C-ORAL-BRASIL)

Outros casos que apresentam indistinguibilidade do participante e o uso do clítico envolvem verbos como *concentrar*, *dedicar*, *esforçar*, como mostram as seguintes ocorrências:

- (93) *EME: agora vou me concentrar // falou / parceiro //
 *GUS: <não / beleza> //
 *FLA: <é / gente> //
 *EME: <cê> tá concentrado //

*FLA: concentra <aí porque> //

(C-ORAL-BRASIL)

- (94) D1 e nas horas de lazer que que você costuma fazer? S1 ah então eu S1 depende ultima/ ultimamente não né nesses últimos dois anos eu tenho me dedicado muito a esporte eu gosto de correr S1 começar a ter/ tomar gosto por correr S1 então meus finais de semana assim eu corro bastante S1

(Projeto SP2010)

- (95) *LAO: alguma coisa sobra // porque eu sou [/1] sou ruim nesse negócio de [/1] de / <nũ bagunçar> a casa //

*MBA: <yyyy> +

*LAO: mas o Zé é pior que eu // e eu / como eu tô arrumando / eu me esforço mais / né // mas o Zé / não tem / uma coisa que ele pegue / que nũ [/1] nũ fique / no lugar que ele / usou / entendeu //

(C-ORAL-BRASIL)

Nesses dados, percebemos que o participante é a força indutora, desencadeando os eventos em questão. Em outras palavras, esse participante é quem atua para ‘concentrar’, ‘dedicar’ e ‘esforçar’ e possui, inclusive, certo tipo de controle sobre a situação (*Eu decidi me concentrar no jogo / me dedicar ao esporte / me esforçar pra arrumar a casa*). Ao mesmo tempo, ele é afetado por essas ações, sendo também aquele que ficou concentrado, ‘dedicado’ e ‘esforçado’. Assim, a ideia proposta por Maldonado acerca do experienciador médio – que contém traços ativos e passivos – parece adequada para entender esses casos em que o clítico é utilizado. Como já apontado anteriormente na discussão acerca do verbo *preocupar*, o autor não atribui a esse experienciador a capacidade de controle (ele fala, na verdade, em maior participação e responsabilidade sobre o evento). Todavia, acreditamos que seja mais interessante pensar no experienciador médio como um participante que pode exibir níveis de controle variados. Em determinados casos (a exemplo dos eventos que trazem resultados negativos para o participante), esse controle será baixo ou, até mesmo, nulo; em outras situações (como nos eventos de *dedicar*, *esforçar* e *concentrar*), o participante exerce um pouco mais de controle sobre o evento. De qualquer modo, em ambos os casos, mantém-se a ideia de um participante que exhibe, simultaneamente, características ativas e passivas.

Em se tratando do aspecto ‘ocorrência’ vs. ‘não ocorrência’ do clítico com tais verbos, verificamos que, no dialeto paulistano, a preferência é pela utilização do clítico. Todas as

sentenças formadas com o verbo *esforçar* apareceram com o clítico; o verbo *dedicar* apareceu sem esse elemento em apenas uma ocorrência; e o verbo *concentrar* não foi empregado com esse sentido. Já no dialeto mineiro, houve variação quanto aos verbos *concentrar* e *dedicar*; o verbo *esforçar* só foi produzido uma vez no *corpus* e, nesse caso, apareceu com o clítico. Vejamos alguns exemplos de não utilização do clítico com o verbo *dedicar*:

- (96) *GET: descobri / Carlão / nũ adianta / não // é a alimentação //
- *CAR: mas e o pólen / Getúlio / como é que cê tá dando o pólen //
- *GET: porque pólen / de certa forma ela acha bem por aqui / né / Carlão // mas eu vou dar o pólen agora que eu vou fazer uma &fa [/2] uma [/1] uma [/1] <uma mistura pra ela> //
- [...]
- *CAR: como é que é / Getúlio // cê vai fazer <o quê> //
- *GET: <eu vou> [/2] eu vou + é uma mistura // de [/1] de +
- [...]
- *GET: então / Carlão / a base desse trem é alimento mesmo / não adianta não //
- [...]
- *GET: e eu vou [/2] <eu> vou <dedicar> <a isso> //

(C-ORAL-BRASIL)

- (97) S1 então então e ela fazia muito isso e a gente eu ia sempre sempre nunca deixei ela sozinha S1 sempre sempre balé ia se apresentar não sei aonde S1 faz fantasia borda fantasia eu ficava até de madrugada pra bordar as fantasias dela D1 nossa S1 pra ela ir então como eu te falei eu dediquei muito e não me arrependo de maneira alguma... de maneira alguma

(Projeto SP2010)

Não é óbvio que haja diferença de sentido entre as sentenças construídas com e sem o clítico. Contudo, se houver tal diferença, nossa hipótese é a de que o emprego do clítico vem reforçar a participação do sujeito no evento, enfatizando sua energia.

A noção de experienciador médio também é interessante para explicar o caso dos clíticos inerentes, como bem apontado por Maldonado (2006). Nos *corpora* analisados, encontramos ocorrências do clítico em sentenças formadas com os verbos *arrepender* e *queixar*, por exemplo:

- (98) de estudar não D1 aham S1 eh S1 pelo menos ah S1 até a oitava assim eu fui depois eu já D1 uhum S1 acabo me arrependendo de não ter feito faculdade essas coisas né S1 não S1 eh não tinha uma cabeça S1 muito aberta né agora pra S1 pro futuro

(Projeto SP2010)

- (99) S1 temos imobiliárias temos posto de gasolina S1 nós temos tudo S1 ahn em cinco minutos de de caminhada D1 uhum S1 então eu não posso me queixar eu aqui tenho tudo D1 uhum S1 apesar de ser ah não sou estamos num bairro operário D1 uhum S1 não sei se você notou

(Projeto SP2010)

Esses casos servem para reforçar que a associação entre o experienciador médio e a ideia de controle em níveis variados é mais interessante do que a noção de um experienciador médio incapaz de controlar o evento, como proposto por Maldonado (2006). Enquanto *arrepender* está associado a uma atividade emocional sem tanto controle por parte do sujeito (quase como se fosse uma reação emocional), o evento de *queixar* aparece como manifestação de uma emoção e, nesse caso, permite maior nível de controle.

É interessante mencionar que, nas produções dos falantes paulistanos, todas as ocorrências formadas com esses dois verbos apareceram com o clítico. Curiosamente, os dados encontrados no *corpus* do dialeto mineiro, embora em quantidade bem menor, revelam uma situação contrária: as ocorrências envolvendo os verbos *arrepender* e *queixar* não apresentaram clítico. Podemos ver alguns exemplos abaixo:

- (100) *JAN: o que é um pedevê //
 *JRM: &he / pedido / de demissão / voluntário //
 *JAN: ah / <tá> //
 *JRM: <es> dão dinheiro pr' ocê / tal / oferece uma grana / aí cê endoida com a grana / e pega e sai hhh //
 *JAN: hhh <ótimo isso> //
 *JRM: <saí> // nũ arrependo não // nũ arrependo não / porque &realmen [/1] eu gosto / demais / de mexer / com cabelo //

(C-ORAL-BRASIL)

(101) *KAT: [38] mas ela / diminuiu a dor / foi / depois que ele / receitou antiinflamatório / ã foi //

*SIL: [39] não // [40] no mesmo dia ea já ã tava queixando mais // [41] que ele perguntou pra ela / ea falou que ã tava sentindo nada //

(C-ORAL-BRASIL)

Novamente, se houver diferença quanto ao emprego desse elemento, levantamos a possibilidade de que ele seja utilizado no sentido de reforçar a participação do sujeito no evento. No caso de *se arrepender*, por exemplo, o participante chega mais perto de interferir no evento do que quando a sentença é formada sem o clítico. Nesse último caso, o evento seria visto como uma emoção que acomete o indivíduo de maneira mais espontânea, sem nenhuma possibilidade de interferência por parte do indivíduo.

Em todos os casos discutidos nesta seção, observa-se que o participante é codificado como tendo facetas indistinguíveis. Kemmer (1993) justifica o baixo grau de distinguibilidade dos participantes nas médias menos elaboradas (a exemplo daquelas que envolvem eventos mentais) da seguinte maneira: o participante experienciador é um iniciador, já que o evento mental se origina em sua mente; ao mesmo tempo, ele é alvo, uma vez que é afetado mentalmente. Assim, para a autora, nesse tipo de evento, não há separação conceitual entre iniciador e alvo (1993, p. 129). Já Maldonado (2006) explica essa indistinguibilidade em outros termos, mas remete à mesma ideia. O autor se baseia no conceito de experienciador médio e atribui a ele traços passivos e ativos. Esse aspecto induz Maldonado (2006) a falar em uma *neutralização* de papéis.

Apesar de os conceitos explorados por Maldonado (2006) – experienciador médio e baixo nível de controle sobre a atividade – terem sido postulados principalmente para verbos de reação emocional, vimos que, no PB, eles também dão conta de explicar dados contendo outros tipos de verbo.

4.2.3.2 Outras construções médias

Como apontado na Seção 4.1, a análise de Maldonado (2006) para o espanhol propõe que construções envolvendo sujeitos secundários – a exemplo de *Dino Lipati se educó con los mejores músicos europeos* (‘Dino Lipati se educou com os melhores músicos europeus’) – sejam vistas como exibindo menor grau de transitividade, já que, nesses casos, o sujeito transfere suas propriedades volitivas para outro participante. Ao comparar essa sentença com uma sentença sem o clítico (*Chalo arregla su coche con el mecánico de mi papá* / ‘Chalo

conserta seu carro com o mecânico do meu pai'), o autor defende que esta apresenta maior controle por parte do sujeito, uma vez que o clítico restringe a capacidade do sujeito de controlar o evento.

Em PB, o clítico *se* também é empregado em construções desse tipo, como mostram os dados construídos com os verbos *especializar* e *capacitar*, extraídos dos *corpora*:

- (102) S1 acho que sim a faculdade onde eu estudei a primeira faculdade que eu estudei que foi Administração na São Judas me deu bastante base D1 uhum [...] S1 ele é um curso bem amplo porque você pode trabalhar em qualquer área que preste serviço numa empresa né D1 uhum Roteiro TRABALHO S1 e isso me deu bastante base depois eu fui me especializar fiz Contabilidade que aí sim é um S1 é uma área específica né da D1 uhum S1 se (você) é contador você não pode trabalhar em

(Projeto SP2010)

- (103) *CES: então / eu sou editor de vídeo / do tejota / trabalho na Escola Judicial de [1] de formação de juízes // &he / o [1] a Escola é responsável pela formação / do [1] dos juízes / que quando ele &f [2] ele / passa num concurso / ele tem que ir pra academia de juízes se capacitar // essa formação inicial / dos juízes / e a formação permanente / não só dos juízes / mas também dos magistrados / e dos servidores do tejota // então / dentro desse meu setor / entre &o [1] outras atribuições / a gente tem / um projeto que é / uma videoconferência // que a gente multiplica toda essa informação / que é gerada nas palestras / nos seminários / nos encontros jurídicos / pra outras &f [3] pra outras comarcas que são pólos // por que que a gente faz isso // porque ã dá pra &for [2] pra trazer todos os juízes do interior / todos os [1] os oficiais de justiça / quando eles passam no curso / e eles são de outra cidade / pra &f [1] se capacitarem e se formarem aqui em beagá //

*ELI: hum hum //

*CES: então esse projeto / a gente / multiplica a informação / e / pra o [2] pra que as [1] a [1] as pessoas das outras cidades / próximas a essas comarcas / elas tenham acesso às informações //

(C-ORAL-BRASIL)

Embora, nesses dados, o participante secundário não esteja codificado abertamente, os contextos sugerem que ele esteja implícito nas sentenças. Em (102), quando o falante diz que

foi *se especializar e fez contabilidade*, a interpretação que temos é a de que ele buscou um curso de especialização, dado por especialistas da área. Também em (103), a leitura que emerge é a de que os juízes se capacitaram com pessoas especializadas no assunto. Se os eventos de especialização e capacitação tivessem sido realizados pelo próprio participante (sem a ajuda de especialistas), provavelmente a sentença estaria marcada com “si mesmo”, ou “eu mesmo”, a exemplo de *Eu mesmo me especializei em contabilidade*. Assim, apesar de as sentenças não exibirem o participante secundário envolvido no evento, consideramos que sejam similares aos exemplos de Maldonado (2006). No entanto, a comparação entre os dados das duas línguas nos leva a revisar alguns pontos de sua análise.

Na visão do autor, o clítico *se* atua no sentido de diminuir o controle que o sujeito exerce sobre o evento. Como consequência, o sujeito transfere suas propriedades volitivas para o participante introduzido pelo sintagma preposicional. Essa proposta se mostra interessante, uma vez que confere atuação ao participante secundário, que também passa a ser responsável pelo evento. Contudo acreditamos que o sujeito ainda conserva certo controle e volição. Em PB, por exemplo, a sentença (102) aceita facilmente a inserção do verbo *decidir*, mesmo se acrescentarmos o participante secundário: *Eu decidi me especializar em contabilidade com o melhor contador do país*. Além disso, a ideia de que, em espanhol, as sentenças formadas sem o clítico (como *Chalo arregla su coche con el mecánico de mi papá* / ‘Chalo conserta seu carro com o mecânico do meu pai’) exibiriam maior nível de controle do que as sentenças com o clítico também parece questionável em PB.

Cançado (2010) propõe a existência de dois tipos de construções envolvendo alçamento de possuidor no PB. O primeiro tipo, chamado de *alternância agente-possuidor*, pode ser exemplificado pela sentença *O João cortou o cabelo*. O segundo tipo, denominado *alternância causa-possuidor*, é ilustrado pela sentença *O João quebrou o braço*. Dentre as propriedades que permitem diferenciar um tipo de construção de outro, citaremos algumas. O primeiro tipo exibe compatibilidade com o advérbio *intencionalmente*, aceita modificadores agentivos e a inserção de um participante agente como adjunto. O segundo tipo, por sua vez, combina-se melhor com o advérbio *acidentalmente*, com modificadores não agentivos e não permite a inserção de um agente como adjunto. Cada tipo possui sua própria estrutura, como proposto por Cançado, Lunguinho e Negrão (2013).

Em se tratando do primeiro tipo de construção – que será de interesse para nós –, a conclusão dos autores é a seguinte: o sujeito possui certo tipo de agentividade e pode ser interpretado como se um agente indireto permitisse que outro agente agisse em seu lugar, de modo que, na estrutura, ambos os agentes estariam presentes. Além disso, há uma restrição pragmática imposta sobre esse tipo de construção: ela só é possível se pudermos inferir, a

partir do VP, que o tipo de ação denotado pode ser realizado por profissionais (como o evento de cortar cabelo com o cabeleireiro, por exemplo).

Apesar de os autores não analisarem as construções que envolvem o clítico *se* e de nossos dados não denotarem relações de posse, acreditamos que essa proposta nos ajuda a enxergar alguns aspectos relativos às sentenças do PB. Se os dois participantes possuem certo tipo de agentividade, parece mais adequado pensarmos em compartilhamento de propriedades volitivas – em vez de transferência, como proposto por Maldonado (2006). Ao compararmos sentenças do PB formadas com e sem o clítico (*Eu me especializei em contabilidade com o melhor contador do país* vs. *O João cortou o cabelo com o melhor cabeleireiro do país*), não parece haver, no segundo caso, maior controle do sujeito do que aquele visto na primeira sentença – contrariamente à proposta do autor (2006). Na verdade, em PB, é difícil estabelecer se há alguma diferença de controle entre as duas sentenças. O que parece haver, na verdade, é maior participação/atuação do sujeito no evento no primeiro caso. Não obstante, a análise de Maldonado reforça um aspecto interessante: o clítico nesses casos não é visto como um marcador reflexivo, de modo que as construções apresentam menor nível de transitividade do que uma construção transitiva prototípica ou do que uma reflexiva.

Vale mencionar, também, outro tipo de construção que, quando combinada com o *se*, não resulta em construção reflexiva. Trata-se das sentenças formadas com verbos como *aposentar* e *formar*. É interessante notar que a realização desses eventos não conta exclusivamente com a participação do sujeito; é necessário que haja, de alguma forma, alguém ou alguma instituição que permita ou valide a aposentadoria/formatura. Os sujeitos são vistos como iniciadores – principalmente no caso de *formar*, que requer empenho e dedicação por parte do aluno –, e até podem apresentar controle sobre o evento (*eu decidi me aposentar/me formar esse ano*), no entanto, esse controle não é total, já que depende de validação externa. Por esse motivo, considera-se que as sentenças apresentem menor nível de transitividade.

No *corpus* C-ORAL-BRASIL, houve apenas uma ocorrência do verbo *aposentar*, e essa ocorrência apareceu com o clítico. Já no *corpus* referente ao dialeto paulistano, o verbo *aposentar* mostrou variação quanto ao emprego do clítico, aparecendo mais com ele do que sem ele. Vejamos alguns exemplos:

- (104) / fui promovido em / dois-mil / se não me engano / e fiquei até dois-mil-e-quatro // onde fui [/1] completei / vinte-e / sete ano de serviço ativo no / bombeiro / somando com três anos que eu fiquei no Exército / totaliza trinta ano / na qual / me aposentei / como primeiro-tenente //

(C-ORAL-BRASIL)

- (105) porque era só a minha avó que trabalhava ele ainda conseguiu S1 por uns anos trabalhar mas logo já não conseguia mais D1 uhum S1 aí teve que se aposentar D1 putz D1 e os pais da sua mãe são paulistanos também?

(Projeto SP2010)

- (106) S1 um dia uma professora aposentou por problemas S1 psíquico que ela até criou trauma né S1 (xxx) uma coisa que ocorreu na escola então D1 é D1 é diferente né?

(Projeto SP2010)

Em relação ao verbo *formar*, no dialeto mineiro, ele apresentou variação, mesmo na produção de um único falante, como se observa no dado (107), abaixo. Contudo, em geral, houve mais ocorrências sem o clítico.

- (107) *BRU: <realmente> //

*MIC: o [/1] o + porque / quantas / pessoas / já estão também naquele ramo / quantos formaram antes dele // <então> +

*BRU: <cê formou> quando / Michael //

*MIC: me formei no ano passado //

*BRU: uhn //

*MIC: formei no ano passado / e / esse ano / já era pra mim ter começado / né / fazer alguma coisa // só que / ficou uma correria / eu mexendo com formatura / no fim do ano / então / ficou uma loucura só /

(C-ORAL-BRASIL)

Em contrapartida, os falantes paulistanos utilizaram o clítico em todas as ocorrências envolvendo o verbo *formar*. Um exemplo pode ser visto abaixo:

- (108) muita imigração de S1 interna aqui né S1 o pessoal de outros estados veio pra São Paulo por causa de emprego S1 o pessoal do interior também que se forma vem pra cá por causa das oportunidades então assim S1 a cidade está bem cheia de... pessoas S1 todo lugar que você vai S1 tem fila

(Projeto SP2010)

Mais uma vez, é difícil afirmar se existe diferença na interpretação das sentenças com e sem o clítico, tanto com o verbo *aposentar* quanto com *formar*. Entretanto, se houver, a expectativa é a de que o clítico seja utilizado nos contextos em que o falante deseja enfatizar a participação do sujeito no evento.

4.2.4 Construções recíprocas e de ações coletivas

Em PB, o clítico *se* também é utilizado em contextos envolvendo reciprocidade. Para entender melhor os aspectos por trás desse tipo de construção, recorremos à proposta de Kemmer (1993). Dentro do domínio recíproco, a autora distingue **eventos propriamente ou prototipicamente recíprocos** de **eventos naturalmente recíprocos**. A relação entre esses dois tipos é estabelecida com base em uma propriedade que Kemmer denomina *relativa distinguibilidade de eventos* (1993, p. 95). Um dos aspectos interessantes dessa análise é que a autora aproxima a relação entre esses eventos recíprocos da relação observada entre construções reflexivas e médias.

O contexto **recíproco prototípico** envolve um evento com dois participantes e duas relações. Um participante atua sobre o outro, de modo que ambos são, simultaneamente, (i) iniciadores do evento direcionado ao outro participante e (ii) alvos do evento iniciado pelo outro, como podemos observar no esquema abaixo (adaptado de Kemmer, 1993, p. 97):

Considerando o fato de que muitas línguas se valem do mesmo marcador para codificar eventos reflexivos e recíprocos, Kemmer (1993) explora as semelhanças e diferenças entre eles. Em ambos os casos, o participante atua como iniciador e como alvo do evento. Todavia, enquanto no reflexivo ambos os papéis são desempenhados pelo mesmo participante, no recíproco há duas entidades distintas ligadas por relações inversas. Na visão da autora, a associação entre eventos propriamente recíprocos e as construções médias se dá por intermédio dos eventos naturalmente recíprocos, já que estes também exibem um baixo grau de elaboração de eventos.

Os eventos naturalmente recíprocos possuem uma semântica *necessariamente* ou *frequentemente* recíproca. O primeiro caso pode ser exemplificado com o verbo *meet* ('encontrar'), do inglês; para ilustrar o segundo caso, a autora menciona os verbos *fight* ('brigar') e *kiss* ('beijar'). Kemmer (1993) observa que, assim como as construções médias de ação corporal formam uma classe distinta das ações reflexivas, também os eventos naturalmente recíprocos distinguem-se dos recíprocos prototípicos, constituindo uma classe homogênea. Seguindo o trabalho de Haiman (1985 apud Kemmer, 1993, p. 102), a autora mostra que isso se reflete no padrão de marcação, de modo que, quanto a esse aspecto, podem ser identificados dois tipos de língua.

Línguas como o inglês se valem de um único marcador para codificar eventos recíprocos, e esse marcador é empregado em sentenças denotando contextos recíprocos prototípicos. Os eventos naturalmente recíprocos, por sua vez, são codificados por meio de verbos intransitivos não marcados, a exemplo de *The boys fought* ('Os meninos brigaram'), ou de verbos como *meet* ('encontrar'), *join* ('se juntar'), *touch* ('tocar'), *kiss* ('beijar'), *talk* ('conversar') e *quarrel* ('discutir'). Se o marcador recíproco for utilizado com verbos desse tipo, ele terá função enfática ou contrastiva (à semelhança do emprego do *si mesmo* com verbos que apresentam uma semântica média).

O outro tipo de língua mencionado por Haiman (1985 apud Kemmer, 1993, p. 103) possui duas formas abertas para codificar eventos recíprocos. O húngaro pode ser citado como exemplo desse tipo de língua. Nesses casos, o marcador fonologicamente mais pesado expressará eventos prototipicamente recíprocos, enquanto o marcador leve denotará as situações naturalmente recíprocas.

Em ambos os tipos de língua, os contextos naturalmente recíprocos envolvem, em geral, ações antagônicas (como os já mencionados verbos *fight* ['brigar'], *quarrel* ['discutir'], *wrestle* ['lutar']), ações de afeto (a exemplo de *kiss* ['beijar'], *embrace* ['abraçar'], *make love* ['fazer amor']), ações de encontro e situações sociais (tais como *meet* ['encontrar'], *greet* ['cumprimentar'], *shake hands* ['apertar as mãos']), ações envolvendo contato físico não intencional (*bump into* ['trombar'], *collide* ['chocar-se com']), ações de proximidade física (*touch* ['tocar'], *join* ['juntar'], *unite* ['unir'], *be close together* ['ficar junto']), entre outras.

Com o intuito de explicitar as diferenças semânticas entre os dois tipos de construções recíprocas, Kemmer (1993, p. 109) chama a atenção para o fato de que existem, entre elas, diferentes propriedades temporais: enquanto o uso do marcador leve está relacionado à ideia de simultaneidade, os marcadores pesados não impõem restrições temporais, podendo aparecer em contextos de simultaneidade ou sequencialidade. Para exemplificar, a autora (1993, p. 110) traz sentenças do turco formadas com o verbo *ver* e traduzidas para o inglês

por meio das seguintes construções: *They saw each other* [‘Eles viram um ao outro’] (com o marcador pesado) versus *They met* [‘Eles se encontraram’] (formada com o marcador leve). Kemmer esclarece que a primeira sentença é normalmente usada em casos de percepção visual mútua e simultânea; todavia, também pode expressar situações em que as pessoas envolvidas não se viram ao mesmo tempo, mas bateram o olho no outro participante em momentos diferentes, por exemplo. Já a segunda sentença implica que as duas pessoas se viram e que houve algum tipo de interação social entre elas, de modo que as duas ações verbais foram simultâneas.

Outro par de sentenças do inglês que ajuda a elucidar a diferença entre simultaneidade e sequencialidade é o seguinte: *John and Mary kissed each other* (‘John e Mary beijaram um ao outro’) vs. *John and Mary kissed* (‘John e Mary se beijaram’). Kemmer (1993, p. 111) defende que, em inglês, o marcador pesado (*each other*) alterna com o marcador zero. Enquanto na primeira construção existe a possibilidade de que os participantes tenham se beijado na bochecha, sequencialmente, no segundo caso, parece ter havido apenas um beijo no evento (as ações são simultâneas, quase indistinguíveis e vistas como um único evento). Portanto, a autora conclui que os eventos naturalmente recíprocos são, em geral, simultâneos. Quando a ação não for simultânea, o marcador pesado (*each other*) será empregado, já que é temporalmente indiferente.

Apesar de a associação entre eventos recíprocos e temporalidade elucidar aspectos importantes para o entendimento dos diferentes tipos de situações recíprocas, a autora acredita que a distinção entre elas seja mais bem explicada pela noção de *relativa distinguibilidade de eventos* (1993, p. 95). Eventos naturalmente recíprocos contam com baixo grau de distinguibilidade, não sendo vistos como eventos separados. Já em eventos prototipicamente recíprocos, as ações dos participantes possuem maior distinguibilidade. O esquema proposto pela autora para representar **eventos naturalmente recíprocos** pode ser visto a seguir (adaptado de Kemmer, 1993, p. 117):

No que concerne à similaridade semântica entre eventos naturalmente recíprocos e construções médias, Kemmer observa que ambos são marcados com a forma leve, em oposição aos marcadores reflexivo e recíproco prototípicos (representados pela forma

pesada). A autora propõe ainda que, a esse peso morfológico/fonológico, pode-se associar o grau de distinguibilidade dos participantes e dos eventos (1993, p. 121). Desse modo, maior peso fonológico relaciona-se a maior grau de distinguibilidade de participantes e de eventos. Por outro lado, os eventos com menor grau de distinguibilidade serão marcados com a forma leve.

Com base na proposta de Lichtenberk (1985 apud Kemmer, 1993, p. 98), a autora também menciona a existência dos **eventos coletivos**, que, em determinadas línguas, podem ser codificados com o mesmo marcador empregado nos contextos recíprocos. As situações coletivas constituem ações realizadas em conjunto, por dois ou mais participantes envolvidos com papéis idênticos. Eles não são totalmente independentes uns dos outros. Assim, diferenciam-se dos recíprocos prototípicos uma vez que cada participante atua como iniciador ou experienciador (mas não como alvo), e também como companheiro dos outros participantes.

Os eventos coletivos estão relacionados à semântica das construções médias por meio dos chamados **eventos naturalmente coletivos**. Tanto em eventos coletivos usuais quanto em eventos naturalmente coletivos, os participantes agem em grupo, e não enquanto indivíduos. A diferença entre eles é estabelecida nos seguintes termos: “os naturalmente coletivos envolvem uma conceitualização em que as ações realizadas pelos participantes não são vistas como ações separadas; o evento como um todo é visto como envolvendo uma única ação realizada conjuntamente pelo grupo” (Kemmer, 1993, p. 123, tradução nossa). Um exemplo dado pela autora envolve a ação de *gathering* (‘se reunir’, no sentido de ir a um mesmo local). Esta não é vista como um conjunto de ações individuais de *gathering*, mas como uma única ação realizada pelo grupo todo. Também nesses casos, o grau de distinguibilidade dos eventos é baixo. A seguir, estão exemplificados e representados os esquemas relativos aos dois tipos de eventos coletivos (adaptados de Kemmer, 1993, p. 99 e p.124):

Eventos coletivos usuais
(p. ex.: *The guests left together* /
‘Os convidados saíram juntos’)

Eventos naturalmente coletivos
(p. ex.: *gathering* / ‘se reunir’)

Os aspectos levantados por Kemmer (1993) quanto ao domínio recíproco mostraram-se interessantes para o entendimento dos dados encontrados nos *corpora* do PB. A ocorrência a seguir ilustra um caso de evento prototipicamente recíproco:

- (109) a perceber D1 as coisas da sua família? S1 ah você dois/ dois italiano S1 conversando Dados Contextuais [ruído de automóveis] S1 parece que eles vão se matar S1 e na realidade são dois grandes amigos Dados Contextuais [ruído de ônibus] D1 uhum S1 entendeu? S1 são dois grandes amigos e eles
(Projeto SP2010)

Nesse caso, os participantes envolvidos na situação são claramente distinguíveis, assim como os subeventos que compõem o evento de *matar*. Para facilitar a descrição do dado, vamos nos referir aos italianos por meio das letras A e B. Existe um subevento em que A vai matar B, e outro em que B vai matar A. Assim, ambos os participantes atuam como iniciador de um subevento e alvo de outro subevento. Esse alto grau de distinguibilidade é semelhante àquele verificado nas sentenças reflexivas. Outras ocorrências que exibiram alto grau de distinguibilidade entre participantes e eventos envolveram verbos como *respeitar*, *proteger* e *ajudar*, por exemplo.

A fim de ilustrar um exemplo de evento naturalmente recíproco, valemo-nos de um dado formado com o verbo *encontrar*:

- (110) dois prédio onde eu moro S1 e às vezes nós vamos no teatro e aí eu vou de carona com ela no no teatro... uma vez por mês... as velhinhas se encontram e vão ao teatro Dados Contextuais [risos-D1] S1 e então às vezes eu volto com ela se não a minha filha vai me buscar ou volto de
(Projeto SP2010)

De acordo com a proposta de Kemmer, esse tipo de evento normalmente apresenta uma semântica recíproca. Assim, o evento de *encontrar* envolve ao menos dois participantes e faz parte dos tipos de situação que costumam ser codificados nas línguas por meio de verbos intransitivos ou de marcadores leves. Na sentença acima, vemos que cada uma das velhinhas atua como iniciador e alvo do evento; contudo as ações são vistas como um único evento de encontro, de modo que ele pode ser considerado indistinguível.

Outro dado interessante construído com o verbo *encontrar* é o que segue:

- (111) *MAR: <ah> // é // hhh eu vou contar caso agora é do Paulinho // Paulinho é uma criatura / maravilhosa na nossa vida // aliás / ele é um ponto de [1] de união / da família / é uma / unanimidade / e o Paulinho / ele é muito especial // e eu + muito especial / e ele é / especial // então / eu / &he / todas as vezes que eu me encontro com o Paulinho / eu levo um carrinho // ele então / tem uma preferência / assim / desmedida por mim // porque a paixão dele é carrinho / e eu ão deixo / de encontrar com ele sem carrinho //

(C-ORAL-BRASIL)

A semelhança que esse evento apresenta em relação ao anterior nos permite classificá-lo como um evento naturalmente recíproco. Além de contar com a presença de dois participantes, o evento é visto como indistinguível, ou seja, existe um único evento de encontro entre os participantes. A diferença entre os dois dados reside no fato de que, na sentença (111), os participantes estão sendo codificados de forma descontínua. Enquanto em (110) os dois participantes envolvidos no encontro recebem proeminência focal primária e são codificados como sujeito, em (111), o foco primário de proeminência recai apenas sobre um dos participantes, que é codificado como sujeito. Dessa maneira, podemos dizer que se trata de um evento naturalmente recíproco, que envolve dois participantes; no entanto, esses participantes recebem diferentes graus de proeminência focal.⁴¹

Ainda em relação a esse dado, observamos que a ideia de interação social, proposta por Kemmer (1993), parece estar implícita no evento de *encontrar*. Se duas pessoas se encontram, está pressuposto que houve algum contato entre elas. Além desse aspecto, é curioso notar em PB a diferença entre as seguintes sentenças, criadas por nós⁴²:

- (112) Eu me encontrei com o João na faculdade.

- (113) Eu encontrei o João na faculdade.

Em ambos os casos, temos um único evento de encontro envolvendo os dois participantes. Contudo, a sentença formada com o clítico e com a preposição traz implícita a ideia de que a interação foi intencional, ou seja, parece que os participantes combinaram o encontro. Por outro lado, na sentença transitiva, essa interação pode ter ocorrido de forma acidental e não pressupõe, necessariamente, que o encontro foi marcado. Ao compararmos as duas

⁴¹ A relação entre sujeito e proeminência focal, proposta por Langacker (2008), foi apresentada no início do Capítulo 3.

⁴² Agradeço à Prof^a. Esmeralda Vailati Negrão por apontar essa diferença.

construções, observamos que aquela que contém o clítico e a preposição parece trazer a ideia de maior inicialização/envolvimento por parte do sujeito – assim como outras sentenças médias discutidas anteriormente. Contudo, a sentença (111), acima, exhibe mais uma possibilidade: a não ocorrência do clítico e a ocorrência da preposição. Essa mesma situação pode ser vista na sentença que segue:

(114) Eu encontrei com o João na faculdade.

Nesse caso, fica difícil estabelecer se houve ou não combinação prévia. O caráter intencional observado na sentença com o clítico não está, necessariamente, implícito.

Além do verbo *encontrar*, outros verbos verificados nos *corpora* denotam eventos naturalmente recíprocos, a exemplo de: *casar*, *separar*, *juntar*, *divorciar*. Nesses casos, não está implícito apenas o envolvimento de dois participantes, mas também a ideia de simultaneidade. Assim, se *A e B se casaram*, por exemplo, não existem dois subeventos de casamento. Na verdade, o evento é visto como sendo único e indistinguível, mesmo que a codificação linguística traga participantes descontínuos (*A se casou com B*). Esse tipo de evento também apresentou variação quanto ao emprego do clítico.

Finalmente, também encontramos dados que retratam eventos naturalmente coletivos, tais como: *se reunir*, *se juntar*, *se agrupar*, *se concentrar*. Vejamos alguns exemplos:

(115) *NAT: né // é isso então // minha vida hoje / então / nã é / tem em geral / eu celebro mais à noite / né / atendo os doentes / quando tem os grupos aí de Rede / tem o conselho paroquial que se reúne uma vez por mês / temos três pastorais / conforme a igreja de Belo Horizonte / uma na área de espiritualidade / a de aprofundamento / outro na área de inserção social / e outro na [/1] em [/1] na / aprofundamento da vida comunitária //

(C-ORAL-BRASIL)

(116) Dados Contextuais [vozes ao fundo] S1 mas na migração internacional S1 se a gente for considerar os espanhóis italianos né que vieram já há muito tempo S1 que se concentraram aqui na Mooca D1 é Dados Contextuais [risos-S1] D1 é Dados Contextuais [risos-D1] S1 hoje em dia é difícil falar que é um bairro

(Projeto SP2010)

Nesses casos, os sujeitos atuam em conjunto no evento, mas as ações individuais não constituem pequenas amostras homogêneas da ação coletiva. Assim, a reunião do conselho paroquial, em (115), não é constituída por diversas ações de reunir, cada uma realizada por um participante do conselho. A reunião só ocorre porque os participantes agem em conjunto. Da mesma maneira, o evento de *se concentrar* em (116) não é composto por ações individuais de concentração em determinado local. Ou seja, a ideia por trás da sentença não é a de que um italiano concentrou, outro italiano concentrou, e assim por diante. A concentração dos italianos na Mooca só emerge a partir da ação conjunta de vários italianos. Assim, o evento também é visto como sendo único e, portanto, indistinguível.

Os eventos recíprocos não serão explorados com mais detalhes neste trabalho. O objetivo aqui era o de mostrar as similaridades que eles apresentam com as construções do domínio reflexivo-médio, já que o clítico *se* é utilizado em ambos os casos. Levando em consideração os dados aqui tratados, vimos que, em consonância com o que foi postulado por Kemmer (1993) para as construções reflexivas e médias, também no domínio recíproco as construções apresentam diferentes graus de elaboração. Todavia, nesse caso, além da distinguibilidade dos participantes, está em jogo a distinguibilidade dos eventos. Eventos prototipicamente recíprocos apresentam alta distinguibilidade de participantes e subeventos, configurando-se como construções mais elaboradas. Eventos naturalmente recíprocos contam com menor nível de elaboração, já que, nesse caso, o evento é visto como sendo indistinguível, apesar de contar com participantes distintos. Os eventos naturalmente coletivos também exibem baixo grau de elaboração, em virtude da indistinguibilidade do evento e do fato de que os participantes são vistos como um grupo.

Neste capítulo, foram discutidas as construções pertencentes ao contínuo reflexivo-médio. Alguns aspectos se mostraram relevantes na diferenciação entre os tipos de sentenças: (i) a distinguibilidade na conceitualização dos participantes, (ii) a expectativa de que iniciador e alvo do evento remetam à mesma entidade, (iii) o grau de controle e/ou participação do sujeito no evento. As construções reflexivas envolvem ações normalmente direcionadas a outro participante distinto do sujeito e, por isso, contam com alto grau de distinguibilidade na conceitualização das facetas do participante – o que faz com que apresentem maior grau de elaboração. Os diversos tipos de construções médias, por sua vez, apresentam menor grau de elaboração. As médias de ação corporal, por exemplo, envolvem menor distinguibilidade na conceitualização do participante, bem com a expectativa de que os eventos sejam realizados pelo próprio sujeito, já que atuam por meio do próprio corpo. Nos casos que envolvem ações

prejudiciais ao participante, a ideia é a de que sua falta de controle é que desencadeia os eventos.

Essa noção também está presente nos eventos que envolvem reações emocionais, por exemplo. O nível de controle do sujeito é menor, contudo as sentenças com o *se* aumentam a participação/responsabilidade do sujeito no evento, transformando-o em um experienciador médio e conferindo maior energia ao evento. Nesses casos, também é verificada a indistinguibilidade na conceitualização do participante. Algumas construções apresentam a ideia de controle compartilhado com outros agentes, de modo que também podem ser consideradas menos elaboradas. Finalmente, vimos que as construções pertencentes ao domínio recíproco também são marcadas com o *se*, em PB, e podem ser entendidas como apresentando diferentes graus de elaboração, à semelhança das reflexivas e médias.

Considerações finais

A partir de dados extraídos de *corpora* de língua oral, pudemos verificar, ao longo deste trabalho, que o clítico *se* tem sido utilizado em diversos tipos de construções no PB. Apesar dessa diversidade e da multiplicidade de significados atribuídos ao clítico, buscamos mostrar que as funções que ele exerce em todos esses casos podem estar relacionadas. Dois grandes eixos foram contemplados: o contínuo relacionado às construções impessoais e absolutas, e o contínuo envolvendo as construções reflexivas e médias.

Após a análise desses dois eixos, observamos que, no PB, o clítico parece estar associado a construções envolvendo energia, como defendido por Negrão e Viotti (2010). No contínuo referente às construções impessoais-absolutas, vimos que o *se* representa uma força indutora elaborada em diferentes graus – ele pode representar um iniciador humano, forças altamente esquemáticas ou não identificadas e até uma presença mínima de energia. Ao diminuir a elaboração da força indutora, o clítico faz com que a porção final do evento ganhe proeminência, sem, contudo, alterar a organização da sentença (diferentemente do que ocorre com as construções passivas analíticas). As sentenças que não contam com a conceitualização de uma força energética são as construções absolutas; estas não foram tratadas aqui por não serem marcadas com o clítico no PB.

No caso do contínuo reflexivo-médio, a ideia de um participante que possui propriedades mistas parece ser a mais adequada para entender o papel do clítico. Embora Maldonado (2006) tenha proposto essa noção para o experienciador médio – ou seja, para o participante de eventos mentais – acreditamos que ela também possa ser estendida para participantes de outros eventos. O sujeito das construções reflexivas possui um caráter ativo, pois, na maioria dos casos, o participante atua de forma volitiva e intencional. Entretanto, como esse participante é também o alvo do evento, ele é afetado, assim como os participantes afetados de sentenças transitivas. No que tange aos participantes das construções médias, a própria indistinguibilidade em sua conceitualização reflete a mistura dos papéis de iniciador e alvo, facilitando a apreensão das características ativas e passivas do participante. Vimos que essas sentenças podem apresentar diferentes níveis de controle e volição. Todavia, nos casos em que o participante não é visto como o ‘causador’ da ação, o clítico atua no sentido de aumentar seu envolvimento, conferindo maior energia à construção. Diante dessas

considerações, acreditamos que a proposta de Maldonado (2006) esteja no caminho certo: a forma *se* estaria associada a um processo de *energização* do evento.

Além dessas questões acerca do papel do clítico e da pertinência de determinados pontos da proposta de Maldonado (2006) para entender os dados do PB, vale tecer alguns comentários gerais a respeito dos outros objetivos a que nos propusemos no início deste trabalho. As sentenças formadas com o clítico são mais bem compreendidas quando vistas em termos de gradação, como parte de um contínuo. Nem sempre elas são facilmente identificadas e, nesses casos, para entendê-las, devemos olhar para aspectos, tais como: o grau de elaboração da força indutora, o grau de distinguibilidade na conceitualização do participante, a expectativa de que iniciador e alvo remetam à mesma entidade, o grau de controle e envolvimento do participante no evento, sua volição e intencionalidade, etc. Esses aspectos, apontados por análises desenvolvidas no âmbito da Gramática Cognitiva, evidenciam as relações por trás das sentenças construídas com o clítico, configurando-se como ferramentas interessantes para a análise do tema.

Em se tratando dos dados encontrados nos *corpora*, pudemos verificar, como esperado, que o uso do clítico no dialeto paulistano foi mais recorrente que no mineiro. Ao longo do texto, foram mencionados alguns casos de similaridades e/ou diferenças quanto aos dois dialetos e também foram apontados alguns casos que apresentaram maior ou menor variação quanto ao uso do clítico. Embora nosso foco não tenha sido o de investigar o fenômeno de não ocorrência do clítico, levantamos a possibilidade de a variação quanto ao emprego desse elemento ser explicada da seguinte maneira: as construções que não exibem o clítico denotariam eventos menos energéticos ou com menor envolvimento/responsabilidade do participante quando comparadas com as versões com o clítico.

Um aspecto interessante evidenciado pelos dados é o fato de as construções impessoais terem sido construídas, na maioria das vezes, com referência de tempo genérica – e não específica. Como sugerimos no Capítulo 3, isso indica que o *se* estaria sendo utilizado mais como intuito de ‘inespecificar’ a força indutora do que para destacar a porção final do evento. Outra questão relevante que os dados mostraram foi o uso do *se* em algumas construções com o verbo *ter*. O papel do clítico, nesses casos, seria o de introduzir na sentença a figura de um conceitualizador que assiste à cena, sem participar dela, como ocorre nas construções que Maldonado (2006) denomina de médias apresentacionais. Fornecemos alguns exemplos (extraídos da *internet*) em que o clítico foi utilizado com verbos que denotam condições meteorológicas. Também nesses casos, a ideia de um conceitualizador parece adequada para explicar os dados.

Contudo, ressaltamos alguns pontos que requerem uma investigação mais aprofundada a fim de que se obtenha um panorama mais preciso acerca do tema. Um desses casos remete ao fenômeno de não ocorrência do clítico em sentenças nas quais ele poderia aparecer. Diante do recorte de nosso estudo, não foi possível examinarmos essa questão, de modo que se faz necessário um estudo que consiga detectar os contextos em que o clítico não tem sido empregado. Também seria necessário averiguar se nossa hipótese acerca da variação quanto ao uso do clítico é compatível com a interpretação dos falantes.

Outro ponto não abordado neste trabalho relaciona-se às construções médias apresentacionais. De acordo com Maldonado (2006), esse tipo de construção envolve um baixo nível de energia e é construído com tempo presente, pois reflete a presença de um conceitualizador. Defendemos, em nossa análise, que algumas construções, quando acompanhadas do clítico, parecem estabelecer semelhanças com as médias apresentacionais. No entanto, algumas delas apresentaram tempo passado, o que talvez possa ser um problema na perspectiva do autor.

Por fim, seria interessante examinar mais a fundo se o requisito de agentividade humana do verbo, proposto por Maldonado (2006), configura-se realmente como o fator de maior impacto para a identificação de uma sentença como ativa ou ‘passiva’ e quais fatores fazem com que um verbo apresente alto requisito de agentividade humana (já que esse aspecto não fica claro na análise do autor). Maldonado comenta que os verbos que, por si só, participam de construções impessoais ativas são os de percepção (*ver, ouvir*), de processamento mental (*considerar, pensar*) e de processamento comunicativo (*falar, proibir*, etc.). É verdade que, também em PB, as sentenças formadas com esses verbos e o clítico *se* tendem a gerar construções impessoais e ativas. Todavia, algumas combinações de verbos e complementos podem gerar eventos que exigem uma força indutora humana – como *modernizar bairros* ou *transportar indústrias* – apesar de não incluírem verbos de percepção e de processamento mental ou comunicativo. Mostramos, no Capítulo 3, que esses eventos foram codificados por meio de construções médias com proeminência terminal, e não por meio de construções impessoais. Assim, talvez seja mais interessante pensar que o teor mais ativo ou ‘passivo’ de uma sentença seja determinado pela forma como a força indutora está sendo conceitualizada, em vez de se considerar, prioritariamente, o requisito do verbo.

Tendo chegado ao fim deste estudo, esperamos ter contribuído, de alguma forma, para o entendimento do papel que o clítico *se* exerce no PB, nas diferentes construções em que aparece.

Referências bibliográficas

ARAÚJO JÚNIOR, B. J. de. *Limites precisos ou fronteiras que desaparecem?* As construções impessoais e passivas com o clítico SE/SE no português brasileiro e no espanhol. 2013. 203f. Tese (Doutorado em Língua Espanhola) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BITTENCOURT, R. L. Apagamento de pronomes clíticos de forma reflexiva. In: LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (Org.). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 138-173. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/48/pdf/lobo-9788523208882-05.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2014.

BURZIO, L. *Intransitive verbs and auxiliaries*. Italian Syntax. Dordrecht: Reidel, 1986. p. 20-84.

CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria de voz média em português. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 91-122, 2003.

CANÇADO, M. A teoria da proeminência de Grimshaw e os psico-verbos do português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 279-299, 1995.

_____. Uma aplicação da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos: Verbos Psicológicos. *Revista do GEL: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. especial: 50º seminário “Em Memória de Carlos Franchi (1932-2001)”, 2002. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/profs/marciacancado/dados/arquivos/gelpsicoverbs.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Papéis temáticos: outras propostas. In: _____. *Revisitando a noção de Papéis Temáticos de Cançado*. UFMG, 2005a. Manuscrito. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/profs/marciacancado/dados/arquivos/papeis%20tematicos.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2014.

_____. Posições argumentais e propriedades semânticas. *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005b.

_____. Verbal alternations in BP: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 77-111, 2010a.

_____. Comparando alternâncias verbais no PB: cortar o cabelo e quebrar o braço. *Revista Letras*, Curitiba, n. 81, p. 33-60, maio./ago. 2010b.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de Verbos do Português Brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. Parte I: verbos de mudança*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANÇADO, M.; NEGRÃO, E. A Sintaxe das Sentenças: 'João cortou o cabelo' e 'João quebrou o braço' GT de Teoria da Gramática/Anpoll. 2010. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

CAVALCANTE, S. R. O. *O uso do se com infinitivo na história do Português: do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Modernos*. 2006. 227f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

_____. *O se-passivo é passivo?* Revisitando as construções com SE na história do português. 2011. Disponível em: <<http://academia.edu/617565>>.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CINQUE, G. On si constructions and the theory of arb. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 521-581, 1988.

CROFT, W. *Categories and relations in syntax: the clause-level organization of information*. 1986. Tesis (Doctoral) – Stanford University, Palo Alto, 1986.

CYRINO, S. M. L. Construções com SE e promoção de argumentos no português brasileiro: uma investigação diacrônica. *Revista da ABRALIN*, Belém, v. 6, n. 2, p. 85-116, 2007.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. 271p.

DOBROVIE-SORIN, C. Impersonal se constructions in Romance and the passivization of unergatives. *Linguistic Inquiry*, v. 29, n. 3, p. 399-437, 1998.

_____. The SE-anaphor and its role in argument realization, in the blackwell companion to syntax. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006. doi: 10.1002/9780470996591.ch56.

DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A.; BARBOSA, P. Sujeitos indeterminados em PE e PB. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001, Fortaleza. *Boletim da ABRALIN...* Fortaleza: Maria Elias, 2001. p. 405-409. v. 26.

EMONDS, J. Adjectival passives: the construction in the iron mask. In: EVERAERT, M.; RIEMSDIJK, H. V. (Ed.). *The blackwell companion to syntax volume I*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. p. 16-60.

FALTZ, L. *Reflexivization: a study in universal syntax*. 1977. Dissertation (Doctoral) – University of California, Berkeley, 1977.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: MIT Press, 1985.

GARCÍA, E. *The role of theory in linguistic analysis*. Amsterdam; Oxford: North Holland, 1975.

GIVÓN, T. Topic, pronoun and grammatical agreement. In: LI, C.; THOMPSON, S. (Ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins. 1984. v. 1.

_____. Grammatical relations in passive clauses. A diachronic perspective. In: ABRAHAM, W.; LEISIÖ, L. (Ed.). *Passivization and typology*. Form and function. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 337-350. (Typological Studies in Language, v. 68).

HAIMAN, J. *Natural syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985a.

_____. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1985b. (Typological Studies in Language, 6).

HALE, K.; KEYSER, S. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, p. 251-299, 1980.

JACKSON-MALDONADO, D.; MALDONADO, R.; THAL, D. J. Reflexive and middle markers in early child language acquisition: evidence from Mexican Spanish. *First language*, Glasgow, v. 18, n. 54, p. 403-429, 1998.

JAEGGLI, O. Three issues in the theory of clitics: case, doubled NPs, and extraction. In: BORER, H. (Ed.). *The syntax of pronominal clitics*. Orlando: Academic Press, 1986, p. 15-42. (Syntax and semantics, v. 19).

KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1993.

_____. Middle voice. Transitivity and Events. In: FOX, B.; HOPPER, P. (Ed.). *Voice form and function*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 179-230.

KEYSER, S. J.; T. R. On the middle and ergative constructions in English. *Linguistic inquiry*, v. 15, n. 3, p. 381-416, 1984.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991. v. II.

_____. *Cognitive grammar*. A basic introduction. Oxford; New York: Oxford University Press, 2008.

LICHTENBERK, F. Multiple uses of reciprocal constructions. *Australian journal of linguistics*, v. 5, p. 19-41, 1985.

LOBATO, L. M. P. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português no Brasil. In: SILVA, D. E. G. (Ed.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Câne editorial, 2005.

LYONS, J. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

MALDONADO, R. *A media voz*. Problemas conceptuales del clítico *se*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.

_____. Middle as a basic voice system. In: GUERRERO, L.; IBÁÑEZ, S.; BELLORO, V. (Ed.). *Studies in role and reference grammar*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, UNAM, 2009. p. 69-109.

MARTINS, A. M. Construções com *se*: mudança e variação no português europeu. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Ed.). *Razões e Emoções*: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003. p. 163-178. v. 2.

MENDES, R. B. *Projeto SP2010: amostra da fala paulistana*. 2013. Disponível em: <<http://projetsp2010.fflch.usp.br>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. *Documentação do Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana*. 2013. Disponível em: <<http://projetsp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>>. Acesso em: 12 set. 2015.

NEGRÃO, E. V. O português brasileiro: uma língua voltada par o discurso. 1999. Tese (Livre-docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

NEGRÃO, E.; CANÇADO, M.; LUNGUINHO, M. *On the syntax of Brazilian Portuguese: passives and possessor raising structures*. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. M. T. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179-203.

_____. A estrutura sintática das sentenças absolutas no português brasileiro. *Linguística*, v. 23, p. 37-58, 2010.

_____. A ergativização do português brasileiro: uma conversa continuada com Carlos Franchi. In: DA HORA, D.; NEGRÃO, E. V. (Org.). *Estudos da Linguagem*. Casamento entre temas e perspectivas. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária, 2011. p. 37-61.

_____. A investigação da estrutura argumental: por uma confluência dos instrumentais analíticos. In: STORTO, L.; FRANCHETTO, B.; LIMA, S. (Org.). *Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014. p. 261-285. v. 1.

_____. Elementos para a investigação da semântica do clítico SE no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 57, n. 1, p. 41-59, 2015.

NUNES, J. *O Famigerado Se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

_____. Ainda o famigerado se. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 201-240, 1995.

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São

Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p. 134-177. doi: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-011>.

RAPOSO, E.; URIAGEREKA, J. Indefinite se. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 14, p. 749-810, 1996.

RASO, T.; MELLO, H. *C-ORAL-BRASIL I*: Corpus de referência do português brasileiro falado informal e DVD multimídia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. v. 1.

SHIBATANI, M. Passives and related constructions: a prototype analysis. *Language*, v. 61, p. 821-848, 1985.

SILVA, Y. *As causativas sintéticas no Português do Brasil*: novas evidências a favor da estrutura bipartida do VP. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SOUZA, P. C. *A alternância causativa no português do Brasil*: defaults num léxico gerativo. 1999. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SUÑER, M. Change verbs and spontaneous se: two proposals. *Orbis*, v. 33, p. 150-177, 1983.

TUGGY, D. *The transitivity-related morphology of Tetelcingo Nahuatl*: an exploration in Space Grammar. 1981. Tesis (Doctoral) – University of California, San Diego, 1981.

WHITAKER-FRANCHI, R. C. M. *As construções Ergativas*. Um estudo Semântico e Sintático. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

ZRIBI-HERTZ, A. Lui- même argument et Le concept de « pronom A ». *Langages*, Paris, v. 25, n. 97, p. 100-127, 1990.

_____. Emphatic or reflexive? On the endophoric character of French lui-même and similar complex pronouns. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 31, n. 2, p. 333-374, 1995.